

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

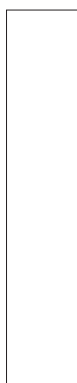
CASA d'O *BRASILEIRO*

Estilo artístico e arquitetônico
de sua época

Felipe Ramos de Matos

M

2021



RESUMO

Palavras-Chave: Habitação; Brasil; Portugal; Palacetes; Oitocentos e Porto.

O presente trabalho resulta do tema da dissertação a “Casa d’O *Brasileiro*”: trata-se de um estudo cujo o objetivo é compreender e analisar a casa de um estereótipo português que após ter feito fortuna no Brasil regressa a Portugal para construir o seu patrimônio, entre os séculos XIX e XX no Norte de Portugal – designado ou denominado na época como “*brasileiro*”.

Após uma observação etimológica necessária para a compreensão dos conceitos do discurso, ir-se-á debruçar sobre textos pertinentes para compreensão daquilo que se designa como sendo a Casa d’O *Brasileiro*, a sua integração geográfica, antropológica e cultural de autores como: Domingo Tavares (1939-) e Paula Torres Peixoto (1963-), em seus livros como: “*Casas de Brasileiro*” e “*Palacetes de Brasileiros no Porto 1850-1930*”. Traçando paralelos em teorias de outros autores, como Françoise Choay (1925-) e Fernando Távora (1923-2005).

Na primeira parte, o trabalho está escalonado de forma a perceber-se o significado do termo Casa d’O *Brasileiro* e suas ambiguidades, procurando entender quais as características inerentes ao ato de projetar daquelas residências através dos seguintes tópicos: Forma, Função e Estrutura - elementos arquitetônicos que analisam transversalmente em cada caso específico. Através de uma análise histórica das morfologias heterogênicas das casas em estudo, ir-se-á compreender o que define a “Casa d’O *Brasileiro*”. E consequentemente saber quais são as diferenças que as distingue das construções daquela mesma época, nomeadamente as casas burguesas.

Na segunda parte, estudamos um caso de estudo que consiste na análise de três casas projetadas pelo Arquiteto José Marques da Silva (1869-1943), para o empresário “*Brasileiro*” Joaquim Soares da Silva Moreira (1843-1908). O proprietário constrói, quase em simultâneo, as suas moradias na cidade do Porto: a primeira casa é construída em 1903 na Rua de Dom João IV, e a segunda é implantada na mesma rua em gaveto com a Rua Conde Rodolfo de Araújo no ano de 1904, já a terceira casa, trata-se de uma residência balnear geminada, sita na Rua de Gondarém nº 680, no ano de 1908.

Deste modo, é interessante compreender que as três casas, situadas em três sítios diferentes, são do mesmo Arquiteto para o mesmo dono de obra. Ainda assim, o desenho das casas apresenta um desenho diferente de acordo com o seu uso (residencial ou lazer) e a localidade (centro histórico e foz), mantendo o estilo heterogênico da “Casa d’O *Brasileiro*”.

ABSTRACT

Keywords: Housing; Brazil; Portugal; Mansions; Eight hundred and Porto.

The present work results from the theme of the dissertation "*Casa d'O Brasileiro*": it is a study whose objective is to understand and analyze the house of a Portuguese stereotype who, after having made a fortune in Brazil, returns to Portugal to build his heritage, between the 19th and 20th centuries in the North of Portugal - designated or denominated at the time as "Brazilian".

After an etymological observation necessary to understand the concepts of the discourse, we will look at relevant texts for understanding what is called *Casa d'O Brasileiro*, its geographical, anthropological and cultural integration of authors such as Domingo Tavares (1939-) and Paula Torres Peixoto (1963-), in their books such as: "*Casas de Brasileiro*" and "*Palacetes de Brasileiros in Porto 1850-1930*". Drawing parallels in the theories of other authors, such as Françoise Choay (1925-) and Fernando Távora (1923-2005).

In the first part, the work is staggered to understand the meaning of the term *Casa d'O Brasileiro* and its ambiguities, trying to understand what are the characteristics inherent to the act of designing those residences through the following topics: Form, Function and Structure - architectural elements that analyze transversely in each specific case. Through a historical analysis of the heterogeneous morphologies of the houses under study, we will understand what defines the "*Casa d'O Brasileiro*". And consequently to know what are the differences that distinguish them from the constructions of that same time, namely the bourgeois houses.

In the second part, we study a case study that consists of the analysis of three houses designed by the Architect José Marques da Silva (1869-1943), for the "Brazilian" businessman Joaquim Soares da Silva Moreira (1843-1908). The owner builds, almost simultaneously, his houses in the city of Porto: the first house is built in 1903 on Rua de Dom João IV, and the second is located on the same street in the corner with Rua Conde Rodolfo de Araújo in the year of 1904, already the third house, it is a semi-detached beach residence, located at Rua de Gondarém No. 680, in 1908.

In this way, it is interesting to understand that the three houses, located in three different sites, belong to the same Architect for the same developer. Even so, the design of the houses presents a different design according to their use (residential or laser) and the location (historic center and mouth), maintaining the heterogeneous style of "*Casa d'O Brasileiro*".

MOTIVAÇÃO

Num momento em que o mercado imobiliário português é valorizado pelo significativo aumento do tráfego turístico. Num período em que a reabilitação possibilita um novo olhar ao património e ao seu potencial enquanto catalizador de investimento externo. Fazer um estudo em torno de um grupo estilístico que envolve todas estas realidades, como é “Casa d’O Brasileiro”, torna o discurso pertinente e imperativo.

Para melhor perceber este contexto atual recorreremos ao último grande processo migratório *brasileiro*, realizam os estudo entre o final do século XIX e século XX.

Pretende-se, portanto, um confronto entre as práticas da requalificação contemporâneas com o estudo dos valores e motivações destas construções.

Deste modo, complementando estudos efetuados durante o percurso académico, desde as teorias às histórias, esta dissertação visa promover uma melhor aquisição de conhecimento na área, contribuindo para o meu processo artístico projetual futuro.

OBJETIVO

Tem como objetivo de análise as teorias que se desenvolvem em torno do tema designado por "*Casa d'O Brasileiro*".

Trata-se de casas do século XIX a XX, construídas maioritariamente a Norte de Portugal, produto do retorno dos emigrantes portugueses que regressaram do Brasil nessa época e importaram uma complexidade estilística tentando realçar os frutuótosos enriquecimentos dos seus negócios na ex-colônia. Alcançando um notório diferencial entre as construções nacionais à época e as denominadas "*Casa d'O Brasileiro*".

Em paralelo, pretende-se analisar os critérios da índole técnica analítico arquitetónico, quais os valores fundamentais (uso, novidade, antiguidade) e quais relevantes para o conhecimento do tema. Sobretudo no que respeito à prática projetual dentro das diretrizes do património, se justifica a procura de exemplos residenciais que prezam a qualidade do desenho e como se enquadra na realidade atual em Portugal.

ÍNDICE

RESUMO	4
MOTIVAÇÕES	8
OBJETIVO	10
METODOLOGIA	14
1. INTRODUÇÃO	16
1.1 O QUE É O <i>BRASILEIRO</i> ?	17
2. DESENVOLVIMENTO - A Casa d'O " <i>Brasileiro</i> "	25
2.1 FORMA	39
2.2 O DESEJO DA CASA NA TERRA NATAL	42
2.3 ESTRUTURA E MATERIALIDADE	46
2.4 SÍNTESE	47
3. CASO DE ESTUDO	48
3.1 FORMA	63
3.2 FUNÇÃO	74
3.3 ESTRUTURA E MATERIALIDADE	92
3.4 SÍNTESE - MEMÓRIA E CONSERVAÇÃO	99
4. CONCLUSÃO	105
NOTAS FINAIS	113
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	117
FONTES ICONOGRÁFICAS	122
ANEXOS	
ANEXO 1 - Canção: " <i>Canto dos Torna-Viagem</i> "	130
ANEXO 2 - Testamento do Proprietário das Residências	132
ANEXO 3 - Testamento da Proprietária das Residências	146
ANEXO 4 - Plantas das Casas de Estudo	162

METODOLOGIA

Pretende-se nesta investigação, com a pertinência temática necessária, recorrer a obras literárias, arquitetônicas e artísticas de referência. Deste modo, foram realizadas visitas as obras, cujo objetivo era cruzar análise da prática arquitetônica com as teorias pertinentes aos estudos, possibilitando um campo de referências mais amplo.

Assim, para elaborar a presente dissertação recorri à biografia de vários autores, para além de Domingos Tavares (1939-) e Paula Torres Peixoto (1963-), nomeadamente os livros como: *"Casas de Brasileiro"* e *"Palacetes de Brasileiros no Porto 1850-1930"*, complementando ainda com Fernando Távora (1923 - 2005) em *"Da Organização do Espaço"* e Françoise Choay (1925 -), de forma a tornar o estudo o mais abrangente possível.

A primeira parte do trabalho está escalonada de forma a perceber-se o significado do tema *"Casa d'O Brasileiro"* e suas ambiguidades, procurando entender quais as características inerentes ao ato de projetar daquelas residências: Forma, Função e Estrutura – esses elementos serão a base para interligar as características das Casas em Estudo.

Consecutivamente, na segunda parte do trabalho, trata-se de um caso de estudo que consiste na análise de três residências que se diferenciam entre si: a primeira construída em 1903 na Rua de Dom João IV e a segunda implantada na mesma rua em gaveto com a Rua Conde Rodolfo de Araújo no ano de 1904; já a terceira, uma residência geminada, sita na zona balnear da Foz do Douro na Rua de Gondarém nº 680, é do ano de 1908. As casas são projetadas pelo mesmo arquiteto para mesmo dono de obra. É, portanto, fundamental perceber e compreender a correlação que existe entre o cliente imigrante *"brasileiro"* com o estilo arquitetônico que o arquiteto expressa nas obras que lhe foram encomendadas.

Deste modo, pretende-se partir de um conhecimento bibliográfico para um conhecimento analítico. Buscando paralelos entre aquilo que define o estilo da Casa d'O Brasileiro e o modo como ele se impregna na prática arquitetônica projetual. Assim refletindo a utilidade e visibilidade patrimonial da Casa d'O Brasileiro na cidade contemporânea.

1.INTRODUÇÃO

1.1 O QUE É O “BRASILEIRO”?

ETIMOLOGIA

Na última metade do século XIX início do século XX, milhares de portugueses imigraram. Portugal era então, um país pobre e rural, sobretudo a Norte um território densamente povoado, onde a subsistência nem sempre era fácil. O destino foi a terra das árvores das patacas⁰¹, afinal o Brasil tinha abolido a escravatura, e precisava de mão de obra. Muitos saíram de Portugal crianças e regressaram de lá homens feitos e voltaram ricos, muito ricos.

Dicionário da Língua Portuguesa do Instituto António Houaiss de Lexicografia de Portugal, define o “*Brasileiro*”, para além do significado mais obvio, o que nasce no Brasil, como sendo também “*Alcunha dada pelos portugueses aos seus compatriotas emigrados, que retornam ricos do Brasil a Portugal*”⁰².

Assim, o “*brasileiro*” foi uma figura notável que fez parte da sociedade portuguesa, em situações incompatíveis, especificamente no final do século XIX e no início do século XX. Instala-se contextos rurais ou urbanos, localizadas maioritariamente na região noroeste de Portugal.

Nestas circunstâncias, o termo “*brasileiro*” foi introduzido no vocabulário português para referir não exatamente uma pessoa que nascia no Brasil, mas como os portugueses que tinham feito fortuna nas terras brasileiras e regressaram a Portugal, como descreve Domingos Tavares⁰³.

Trata-se, portanto, de um fenómeno migratório e construtivo que atinge e coincide seu apogeu pelos limites cronológicos entre os anos de 1850-1930. Neste período, em Portugal, existia um conjunto de acontecimentos relevantes que proporcionaram circunstâncias favoráveis ao aparecimento deste imigrante, coincidindo com a independência

01 _ PATAÇA: a designação “pataca” á era comum desde o final século XVII para identificar as moedas de outras possessões ultramarinas portuguesas. No Brasil, por exemplo, a pataca foi uma moeda de prata em várias denominações que circulou entre 1695 a 1834, inicialmente cunhada em Portugal e enviada para a colônia sul-americana, mas que passou depois a ser cunhada no Brasil, nas casas da moeda de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Minas Gerais. in: <<https://www.revis-tamacau.com/2013/02/20/a-historia-incomum-da-afirmacao-da-pataca/>>.

02 _ HOUAISS, António (1915-1999). Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa e Banco de Dados da Língua Portuguesa S/C Ltda. - Rio de Janeiro, Circulo de Leitores, 2002.

03 _ TAVARES, Domingos, Casas de Brasileiro, 2015, p. 8.



Ao olhar para o "*brasileiro*", a sua complexa e tumultuosa trama de vivências, a sua imagem gera consecutivos sorrisos em um corpo farto.

[Figura 1] - Caricatura do "Brasileiro", publicada em O SORVETE, 29 de dezembro de 1878, 3ª série, nº 30.

do Brasil, o fim da escravidão, a queda da monarquia e início da primeira república após a primeira guerra mundial.

Simultaneamente, à Revolução Industrial e ao desapego aos campos, o desemprego adquiria expressão muito maior, levando à emigração para as Américas. Assim, em 1911, a emigração era tratada com destaque nos tabloides: a título de exemplo, a *Ilustração Portuguesa* (1911, vol.1 p.313), publicava uma famosa reportagem sobre o embarque rumo à América de uma aldeia alentejana quase por inteiro, homens de chapéus, mulheres com os xales pela cabeça e com seus bebês às cavalitas.

Estatisticamente, na década de 1901-1911, emigram 8% da população portuguesa, o que constitui a maior emigração até os anos de 1960. No município de Bragança, foram 18% dos seus habitantes, 13% em Vila Real, 12% em Viseu, Guarda e Aveiro, 10% em Coimbra, 9% em Leiria, 7% em Braga e Viana do Castelo e 6% no Porto. Entretanto mais de metade dos homens que emigravam para o Brasil eram novos, abaixo da maior idade. Os portugueses contribuíram com pouco menos da metade dos emigrantes que chegaram ao Brasil entre os anos de 1820-1927. Com isso, é registrado um quarto da população portuguesa que teve entrada entre os anos de 1908-1927⁰⁴.

Para além destes traços particulares, a emigração para o Brasil foi mais forte no período imperial brasileiro, podemos considerar quatro momentos. O primeiro vai desde a independência do Brasil em 1822-1830, sendo o Imperador D. Pedro I (Pedro IV de Portugal). O segundo núcleo imigratório sucedem até 1840, por ser extinta a política de imigração baseada na implantação de programa governamental como o adensamento do interior do país com os núcleos coloniais. O terceiro período estende-se até os anos de 1874, quando é novamente retomada a política de colonização.

04 _ GONÇALO, Nuno (2015). *História de Portugal*. Nuno Gonçalo Monteiro, Rui Ramos e Bernardo Vasconcelos e Sousa, p. 34.

O último período no século XIX vai de 1874-1889 (13 maio de 1888 foi a abolição da escravidão no Brasil)⁰⁵ caracterizando as consolidações imigratórias. Consecutivamente, nesse período a população subiu e atinge números consideráveis no pós-guerra, sem contar com os migrantes clandestinos. Posto Isto, calculava-se um número considerável, quase metade da população, na década de 1920, saiu de Portugal.

Estes migrantes vindos de Portugal, implantavam-se em sua maioria nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, torando-se empresários e fortes consumidores do mercado. Assim, considerando os elevados números migratórios não era um mero detalhe demográfico ou um aspecto exterior da situação portuguesa, era um dos maiores fatores de vida social, econômica e cultural de Portugal⁰⁶.

O regresso desses portugueses já abasileirados, tinha como foco o desenvolvimento de trabalho ao Norte do país, precisamente nas províncias do Minho, Douro-Litoral e Beiras⁰⁷, onde se formou uma forte corrente emigratória desses portugueses (*brasileiros*), e onde se concentra o maior número de Casas d'O *Brasileiro*.

Fernando Távora descreve no texto *"Minha Casa"*, *"desta ação diversificada no espaço e no tempo sentiram-se os reflexos no continente, onde as próximas condições naturais, sociais, econômicas e culturais eram também muito diversas para a sua dimensão, por que como exportamos conceitos e formas para as diversas comunidades da diáspora, delas recebemos, onde ações e lições que se refletiram nas cidades e nas arquiteturas do continente, sempre num processo de transferência cultural"*. Este processo de mudança cultural revela, uma tamanha disponibilidade dos portugueses a aceitar a variedade, a possibilidade de adquirir diversas formas de criação, com diversos resultados⁰⁸.

05 _ GONÇALO, Nuno (2015). História de Portugal. Nuno Gonçalo Monteiro, Rui Ramos e Bernardo Vasconcelos e Sousa, p. 36.

06 _ IDEM – Ibidem, p. 36.

07 _ ROCHA, TRINDADE e CAEIRO (2000). Portugal/Brasil, Migrações e Migrantes 1850-1930, Lisboa: Edição Inapa, p. 9.

08 _ MENDES, Manuel (2015). *"Minha Casa"* Sobre o "projeto-de-arquitetura de Fernando Távora / coord. Eitor: Manuel Mendes: 1ª Edição, 2 vols.: il. Fernando Távora, "minha casa", fascínio 5.

A “Casa” enquanto espaço privado e de características propícias à intimidade do utilizador, tornava-se quase uma continuidade do seu corpo físico interior, fomentado fortes relações de cumplicidade, podendo ter diversas formas regulares ou irregulares, e transpondo importantes definições dos seus limites pessoais na sua residência. Garantindo, tanto física como visual, uma clara independência dos gostos nos alçados e sua envolvente próxima, seja no interior do terreno ou fora dele. Deste modo, é de esperar que a “Casa d’O Brasileiro”, seja reflexo e extensão da sua existência.

Porém, Domingos Tavares refere-se que ao construir a casa própria de raiz, para se alojar permanentemente ou temporariamente com a família, o *brasileiro* tende a seu lugar na sociedade. A casa edificada será a imagem e o corpo físico, vestida com artifícios da moda dominante, em versão mais ou menos discreta, que dependerá dos meios financeiros, caráter e crenças⁰⁹, desse *Brasileiro*.

Contudo, ao analisarmos a Casa d’O *Brasileiro* temos de ir além da forma, e entra na intimidade do espaço, visto que esta é reflexo dos seus habitantes. O estilo de vida do *brasileiro* e seu gosto pessoal, exprime as suas preferencias, aspirações e memórias, sua casa pode ser diferente na caracterização, pois a sua personalidade fez dela uma habitação de vivência social. A casa é também um espaço extremamente representativo, um cenário contemplativo para quem habita, com reflexo da antiga fazenda no interior do Brasil (possivelmente onde trabalhava). Como exemplo: espaços externos (varandas e jardins) com uso constante no verão, e espaços internos (salas de jantar e de visitas) para receber convidados em cerimônias especiais, que faz constituir uma característica do Brasil.

Os ditos *brasileiros* portugueses que ficaram marcados pelas constantes viagens em busca da melhoria das condições de vida, refletiram uma tentativa de se integra e assumir na sociedade, como forma de sobrevivência. Porém, foi expressivo o número de jovens, na maioria economicamente desfavoráveis, que devido às grandes dificuldades financeiras daquela época (século XIX), tinham o interesse de emigrar para outro país, especificamente o Brasil.

No Brasil no final do século XIX, inicia-se um novo regime político com a consolidação da independência. O desenvolvimento e progresso estava em evidência devido ao êxito econômico com a exportação de café, de cacau e da borracha¹⁰. O português partiam para um imaginário Brasil com terras prósperas e abundantes de riquezas e promessas.

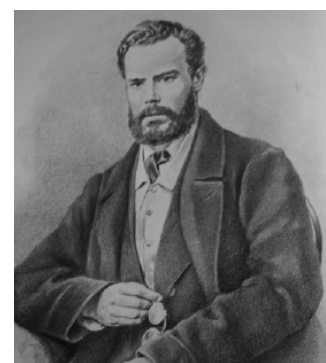
Nesse contexto, o *brasileiro*, que constituiu grandes fortunas conquistada de distintas formas pelo grande Brasil, representam, em Portugal, um modelo e estilo de sociedade distinto das condições quotidianas portuguesas. Veio influenciar um estilo de vida, tornando-se uma figura totalmente diferente daquela que tinha partido, evidenciando um caricato comportamento e hábitos alimentares distintos: trazia referência de seu lugar de permanência, ideias sonhadoras e sotaques linguísticos incomuns.

Deste modo, esta figura que se torna pública, tem um papel singular na construção da identidade do território português e brasileiro. Foi vulgarizado pelos literários da altura, com destaques para os escritores Camilo Castelo Branco (1825-1890) e Júlio Dinis (1839-1871).

Tal era o fenômeno que até Camilo Castelo Branco em *"O Senhor do Paço de Ninães"* de 1919, referia-se à Casa d'O Brasileiro como: *"esta maravilha arquitetônica devem-se as artes ao gosto e gênio pitoresco"*¹¹ *de um rico mercador que veio das luxuriantes selvas do Amazonas, com todas as cores que lá viu de memória"*¹².



I - Livro de Camilo Castelo Branco, *"O Senhor do Paço de Ninães"* de 1919.



II - Júlio Dinis

10 _ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 9.

11 _ PITORESCO: é inusitado ou interessante, que se sobressai pela excentricidade.

12 _ BRANCO, Camilo Castelo (2019). *O Senhor do Paço de Ninães*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira (Edição Popular – 5º Conforme a 1º, única revista pelo autor).



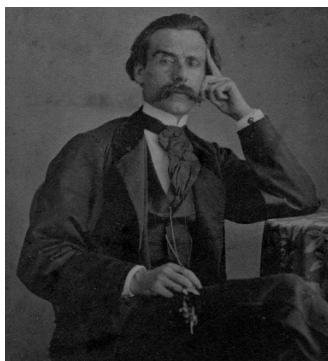
III - Exemplo da Revista *O Sorvete* do ano de 1878.

Com a excentricidade ou contraste com o estilo conservador em Portugal, o “*Brasileiro*” torna-se alvo de críticas, caricaturas e peças de teatro cômicas [figura 01], como a caricatura realizada por Sebastião Sanhudo (1851-1901), publicado na revista *O SORVETE*, em 29 de Dezembro de 1878, 3º série, nº 30¹³.

Assim, percebemos por um dos escritores mais proeminentes da literatura portuguesa do século XIX e XX, que a casa desses emigrantes se expressava de forma inusitada ou interessante e que sobressai pelo sua excentricidade.

Na maioria das vezes o retorno desses portugueses era, preferencialmente, para a sua cidade natal. Pois, os investimentos em estrutura e desenvolvimento econômico, social, político e cultural constituía um fato primordial para o seu retorno. Realizou escolas, hospitais, parques públicos, igrejas, capelas e diversas benfeitorias no ornamento urbanas. Fatores que fazem com que o *brasileiro* assuma uma figura exemplar e de destaque na sociedade¹⁴, dados os seus contributos sócio-culturais.

Esse importante contributo para o progresso e desenvolvimento nas cidades, tem como exemplo na cidade do Porto, a participação na idealização do Porto de Leixões, na criação das linhas de caminho de ferro (a primeira linha privada portuguesa, que fazia a ligação entre as cidades do Porto e Póvoa de Varzim), ou também o seu envolvimento na idealização do Palácio de Cristal¹⁵.



IV - Camilo Castelo Branco

13_ SEBASTIÃO SAMPAIO DE SOUSA SANHUDO: Foi um caricaturista notável. Autor e Editor de diversas publicações humorísticas. Fundador da Litografia Portuguesa. Nascido a 20 de fevereiro de 1851 na vila de Ponte de Lima, tendo por progenitores Inácio José de Sousa Sanhudo, Secretário da Administração do Concelho e sua mulher D. Maria José de Lima Sampaio.

14_ TAVARES, Domingos (2015). *Casas de Brasileiro*, p. 9.

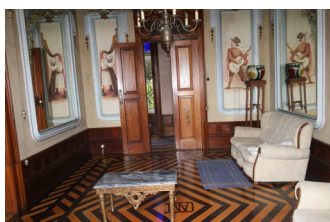
15_ PALÁCIO DE CRISTAL: Localizado na cidade do Porto, inaugurado no ano de 1865, e demolido no ano de 1951 para dar lugar ao Pavilhão Desportivo.

2.DESENVOLVIMENTO

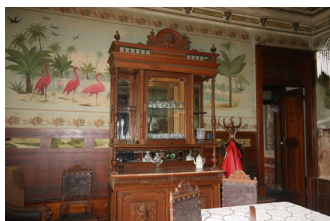
2.1 FORMA



V - Casa Castrália de 1909, de Adriano de Castro. Teto da Sala de Música.



VI - Casa Castrália de 1909, de Adriano de Castro. Paredes da Sala de Música.



VII - Casa Castrália de 1909, de Adriano de Castro. Pinturas nas paredes da Sala de Jantar.



VIII - Casa Castrália de 1909, de Adriano de Castro. Sala de Jantar, paredes pintadas com motivos da fauna e flora do estado do Pará.

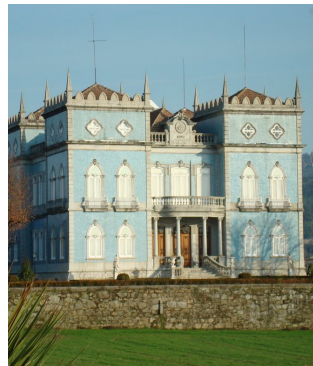
Apesar de não existir um modelo específico, genérico, da Casa d'O *Brasileiro*, essas residências inserem-se em contextos variados desde espaços "urbanos ao rurais". Contudo, ainda que não existiram características globalizadoras do estilo, existe um aspecto transversal a todas essas casas, que diz respeito ao caráter iconográfico do conjunto arquitetônico, marcado pelo contributo adquirido pelas cores e materiais, diferenciando-se dos utilizados nas construções envolventes.

Deste modo, o poder econômico dos seus proprietários expressa-se como sendo o principal diferencial, formal e estético, dentro daquilo que consideramos ser a Casa d'O *Brasileiro*. Por outras palavras, para além das diferenças construtivas relativas ao poder aquisitivo de cada proprietário, independentemente do estado social e dos materiais utilizados, as casas em estudo demonstram uma constante característica "exótica"¹⁶.

As Casas d'O *Brasileiro torna-viagem*, não têm uma arquitetura única e um etilo próprio, são todas elas diferentes por que cada uma reflete não só o apego na terra natal, mas sobretudo os gostos pessoais de cada emigrante, que trás também o Brasil no coração.

Exemplo disso, é a Casa Castrália de 1909, de Adriano Moreira de Castro com empresas no Pará [figuras 10 e 11], construída em Paredes. Podemos deslumbrar ao longo das salas que compõem o interior da moradia, pinturas que remetem as paisagens do estado do Pará, com mixagens à elementos tradicionais da paisagem rural portuguesa. Desta forma, a moradia é uma ponte de memória e visita aos usuários da casa, aquilo que viram outrora no Brasil.

¹⁶ _EXÓTICO: que não é nativo ou autóctone; que é de país ou região distante; que é de clima distinto; diz-se do que caracteriza o ambiente, os costumes e o modo de vida de população estrangeira (particularmente, em referência aos originários de regiões quentes ou tropicais); extravagante; excêntrico. in: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/ex%C3%B3tica>>.



[Figuras 2 e 3] - Casa Geminadas de 1907 na Rua de Gondarém, 680 4150 n° 378 Porto, 41°09'31.5"N 8°40'54.0"W. Arq. Marques da Silva (1869-1947).

[Figura 4 e 5] - Casa da Viscondessa de Santiago de Lobão. Rua de Belos Ares no Porto, 41°09'35.3"N 8°38'17.8"W.

[Figura 6] - Casa de Boaventura Rodrigues de Sousa em 1895 na Av. da Boavista 1334, Porto, 41°09'35.9"N 8°38'22.9"W.

[Figura 7] - Villa Beatriz de 1906 na Póvoa do Lanhoso Rua de vila seca em Santo Emilião 41°31'55.9"N 8°16'46.5"W.

[Figuras 8 e 9] - Palacete Silva Monteiro de 1881, Porto, Rua da Restauração n°320, 41°08'44.2"N 8°37'22.9"W.

Era de tal forma importante para os proprietários destas casas a educação cultural adquirida nas suas viagens, que na propriedade de Adriano Moreira de Castro, existia inclusivamente uma sala de música e outra de geografia. Existe na sala da musica desta propriedade, um paradoxo que expressava o desejo do proprietário de que a população mais desfavorecida pudesse ter maior contato com a cultura mais erudita. Nas paredes da sala de música, podemos ver dois camponeses a tocar harpa e violino [figura VI], como símbolos da possibilidade de levar ao povo conhecimentos, mais abrangentes, que eram normalmente destinados na época para classes mais favorecidas. Em particular esta ideologia, mais republicana, revela de forma delicada, a esperança de uma sociedade mais igualitária. Deste modo, no teto da sala da música existe representado o hino da república francesa com algumas adaptações [figura V].

Já, o Palacete da Granja de 1883, de Joaquim Bernardes Mendes [figura 12] (atualmente casa da cultura), no conselho de Paredes, mas dentro do centro urbano, apresenta materiais construtivos mais enobrecidos, em especial em que diz respeito a cantaria da pedra granito. São residencias construídas no mesmo período, mas com referencias arquitetônicas que diferem uma da outra.

Maria Carolina Leite, em *"A casa em construção: atores e decisores"*, de 1993, destaca as casas dos portugueses em Portugal (futuros emigrantes), como sendo moradias relevantes para ser brevemente estudadas¹⁷. Essas casas em que viviam em Portugal caracterizavam-se como residencias comuns às exigências cotidianas, servindo tradicionalmente atividades agrárias, como abrigo de animais e despensas para os sacos das colheitas. Na maioria das vezes, as casas em que viviam no Brasil, como trabalhador, eram similares às casas vividas anteriormente em Portugal, não havendo luxos e exageros e unidas a um equilíbrio construtivo. No seu retorno a Portugal, esses *Brasileiros* edificavam as casas dos sonhos maioritariamente na cidade natal, que levava a fazer grandes investimentos, trazendo consigo novas vivências econômicas para aquela região.

17 _ LEITE, Maria Carolina (1993). "A casa em construção: atores e decisores", in PEREIRA, Míriam Halíperca, e outros, *Emigração/imigração em Portugal*, Lisboa, Fragmentos, p. 98 - 107.

Nesse sentido, estas construções, enquanto importantes, sempre tiveram o protagonismo necessário e exótico na arquitetura do meio envolvente que afirma sua implantação. Para além disso, características icônicas como no seu interior também não poderiam passar despercebidas.

O interior da casa divide-se da seguinte maneira: hall de entrada, sala de estar comunicante com a sala de jantar, logo a sala de engomar junto com a cozinha e sanitários, os quartos de dormir e as casas de banho ficam no andar superior. Assim se forma o habitáculo.

Clara Vale refere, sobre a casa burguesa portuense do século XIX, uma notória diferença entre a casa burguesa portuense e a Casa d'O *Brasileiro* no que diz respeito à comunicação entre as divisões. Poderia ser feita através dos vestíbulos ou da antecâmara, acessadas por um corredor. Não havendo acesso das salas comuns para a sala de jantar, os corredores servem para tornar as circulações mais independentes¹⁸.

No início do século XIX em Portugal aconselhava-se que os quartos de dormir tivessem no mínimo 25 cúbicos por pessoa sempre com janela e com exposição a nascente, contrariamente ao Brasil, que exigia quartos de 32 cúbicos no mínimo. Deste modo, as dinâmicas de espaços arquitetônicos faziam que as casas teriam uma proporção adequada para se adaptar aos padrões no contexto urbano¹⁹ [figura 2].

As salas de jantar nos palacetes *Brasileiros* eram lugares de grande importância para os moradores, de dimensões consideráveis, onde aconteciam encontros e conversas. A cozinha comunicava indiretamente funcionando como o centro do serviço da casa, implantada quase sempre no térreo ou por vezes, no subsolo. Cada setor da casa tinha seu uso específico, como a sala de engomar e o quartos de empregados, que também eram incluídos nessas zonas de serviços da residência.

18 _ VALE, Clara (2010). Os processos de licenças de obras na cidade do Porto, p. 98 - 107.

19 _ IDEM – Ibidem, p. 98 - 107.

Os corredores eram essenciais para o fácil fluxo no interior da casa, as antecâmaras com lugares para casacos e chapéus em sua recepção com serventia de pequeno bengaleiro, assim formando as necessidades básicas da casa senhorial. As zonas de acessos apresentavam materiais que refletiam o estilo, como por exemplo: escadarias de madeiras importadas do Brasil, tetos com estuque²⁰, portas e janelas altas com bandeiras²¹ e vidros coloridos para facilitar a entrada de luz e eventualmente aquecer a casa nos dias de inverno²². [figura 5]

Entretanto, o seu exterior, precisamente nas fachadas rebocadas e caiadas ou revestidas com azulejos, tinham referências abasileiradas em suas cores, as varandas com guarda de ferro forjado ou fundido, platinados decorados com estatuas e átrios azulejados.

Ainda que as Casas d'O *Brasileiro* tinham tido mais expressão no final do século XIX e início do século XX, essas casas seguem diferentes tipologias em diversos momentos da história. Com referência nas casas burguesas portuenses, acrescentavam-se pormenores abasileirados, como: cores primárias e motivos decorativos tropicais.

20 _ ESTUQUE: é uma argamassa resultante da adição de gesso, água e cal, usada como um aditivo retardador de uma secagem demasiadamente rápida. O uso do estuque como revestimento decorativo ou material de modelação é milenar na civilização mediterrânea. Face à escassez de pedra e de madeira, egípcios, romanos e árabes usaram-no como revestimento dos interiores dos edifícios mais nobres, devido às suas características plásticas e baixo custo.

21 _ BANDEIRAS: é uma janela fixa posicionada sobre portas ou outras janelas de uma construção. As bandeiras são geralmente construídas na forma retangular, semicircular ou semielíptica. Podem ser vazadas, deixando circular o ar, ou envidraçadas.

22 _ PEIXOTO, Paula Torres (2008). Do esteriótipo à realidade, p. 186.



[Figuras 10 e 11] - Residência de Adriano Moreira de Castro - Casa da Castrália de 1909 em Lordelo na Av. de Adriano Moreira de Castro, Paredes, 41°14'21.8"N 8°20'24.0"W.

[Figura 12] - Residência de Visconde Joaquim Bernardo Mendes - Palacete da Granja de 1883 em Paredes na Av. da República 207, 4580-193 41°12'14.9"N 8°19'35.8"W.

[Figuras 13 e 14] - Casa de João Alves de Freitas de 1912 na Rua Miguel Ferreira 97, 4820-119 em Fafe, 41°27'03.0"N 8°10'23.0"W. Engenheiro: António da Silva.

Nas casas tinham como primeira solução das divisões internas, uma herança que vinha do século XVI. Garantiam uma caracterização enobrecida, em especial quando implantadas nos centros urbanos da época. No século XVII, localizavam-se maioritariamente no subúrbio das grandes cidades, mas implantadas em diversos pontos singulares. Na segunda mudança, no século XVIII, quando é retratado com mais evidência o retorno do torna-viagem²³ e no século XIX, essas casas tinham características específicas, tipologias e escolhas mais detalhados, tornando mais característica o personagem *brasileiro*²⁴.

As soluções variam de acordo com a necessidade de cada família, outrora com comércio, ou somente uma casa unifamiliar. Alguns desses exemplos são modelos habitacionais que conseguem resolver várias necessidades ao mesmo tempo: questões funcionais como a moradia em seus pisos superiores e comércio ao nível rés-do-chão. Esses modelos residenciais tornaram-se populares na arquitetura portuguesa a partir do século XX, com dois acessos à habitação pela escada externa ou por dentro do comércio, existindo uma comunicação direta no seu interior.

O *brasileiro* em particular, que retorna do Brasil com uma pequena fortuna, e com experiência adquirida de comerciante, desenvolve comércio e decide transformar a sua própria residência para esse fim. As tipologias residenciais que fazem valorizar exclusivamente do uso da casa como comércio/residência, na sua maioria localizavam-se distantes do centro cívico das cidades, acrescentando à casa como um local de convívio familiar, a fonte financeira.

Noutros casos, quando retornavam do Brasil definitivamente, não deixavam de fora os ornamentos e enriquecimento formal nas composições decorativas do exterior. Mantinham, na maioria das vezes, o sentido de verticalidade, tornando imponente o edifício

23 _ OS BRASILEIROS DE TORNA-VIAGEM: é uma designação por marcantes portugueses ao longo de uma vivência coletiva durante o decorrer do século XVIII, mantendo uma forte ligação com seu país de origem. Uma marca indelével (não pode fazer desaparecer) da identidade de alguns povos. Segundo Eugênio dos Santos em Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses. Portugal Brasil 1500; 2000 – 500.

24 _ O ALVES, Jorge Fernando (1993). "A casa em construção: atores e decisores", in PEREIRA, Miriam Halpern, e outros (eds.), Emigração/imigração em Portugal, Lisboa, Fragmentos, p. 98-107.

na paisagem. Essas características, percebem-se no conjunto das Casas Altas de Lordelo de Paredes, projetado, por Afredo Ribeiro da Silva (1886-1961) em 1913, a pedido dos irmãos Manuel e Arnaldo da Silva Moreira²⁵, que por sinal ambos eram casados com duas irmãs. Foram para o Brasil ainda jovens, sem dinheiro, fizeram fortuna além-mar.

Arnaldo, um dos proprietários das Casas Altas de Lordelo, casado com Maria da Silva Moreira, (apelidada de Micas), teve nove filhos. O proprietário da casa até então noivo, no dia 26 de agosto de 1913 na cidade do Rio de Janeiro escreve: *“Minha querida Micas, cá, tenho em meu poder a tua amável cartinha, com respeito à casa admiravelmente vi que é uma planta (projeto da casa) de afinadíssimo gosto. Que é assim que nós havemos de a fazer. Só penso no meu amor e no feliz futuro que havemos ter, por isso a minha preocupação de amor é só contigo não é com mais ninguém (...)”*²⁶. Assim, através desta carta percebemos o apreço e a importância que a casa transmite aos seus proprietários, e a necessidade de criar um ninho familiar com laços sentimentais [figura 17 e 18].

Há, de tal forma, uma necessidade que a casa expresse o gosto e o estilo de vida do proprietário, que no caso das Casas Altas de Lordelo, se trata de duas moradias apalaçadas, aparentemente iguais, mas com ligeiras diferenças quando analisadas ao detalhe. Essa característica, por se tratarem de duas casas gêmeas, está relacionada com o facto de serem propriedades construídas para cada um dos irmãos Silva Moreira. Assim, os dois palacetes construídos mesmo ao lado da igreja no centro da vila são uma clara afirmação da riqueza e prosperidade dos dois irmãos.

A estrutura dessas casas assemelha-se ao que já estava sendo feito nas casas burguesas em Portugal, destacando-se com grandes conjuntos de motivos decorativos e orgânicos, com falsos beirais,

25 _ O ALVES, Jorge Fernando (1993). “A casa em construção: atores e decisores”, in PEREIRA, Míriam Halpern, e outros (eds.), Emigração/imigração em Portugal, Lisboa, Fragmentos, p. 98-107.

26 _ in: <<https://sicnoticias.pt/programas/reportagemespecial/2021-07-01-As-casas-de-Paredes-dos-Brasileiros-de-Torna-Viagem-0329d9c4>>.

cornijas, molduras, pilastras e mísulas²⁷, cachorros de varanda²⁸, beirais e algerozes²⁹, trazendo uma característica mais plástica e artística para a casa. Essas casas habitadas por um novo tipo de burguesia portuguesa, eram cada vez mais exuberantes nos detalhes das fachadas que acentuavam em seu ritmo vertical, com belas cantarias³⁰ que rematavam com beirais de faiança³¹ nos telhados, com escadarias de pedra e com o término de belos modilhões³².

Apesar da complexidade, também existiam outras Casas d'O *Brasileiro* que apresentavam diversas características, quando simplifica a fachada e faz desaparecer alguns motivos ornamentais. Traz uma nova forma de projetar, como por exemplo: a horizontalidade usadas na aplicação das varandas em pedra granítica junto com as pilastras no mesmo material, faz com que o edifício crie uma verticalidade e ritmo por toda a sua continuidade³³. Também, por exemplo, a Residência de Visconde Joaquim Bernardo Mendes - Palacete da Granja de 1883 (atual casa da cultura) [figura 12].

Ainda assim, os palacetes, conhecidos como os palácios pequenos³⁴, eram icônicos na sua implantação tornando-se peça de verticalidade urbana, com fachadas amplas, numerosas janelas e linhas horizontais marcantes³⁵. Esses palacetes, maioritariamente enobrecidos, tinham uma originalidade e elegância senhorial, que transferiam para si diversos conceitos como: casa burguesa portuguesa do campo ou

27 _ MÍSULA: é um ornato que ressaí de uma superfície, geralmente vertical, e que serve para sustentar um arco de abóbada, uma cornija, figura, busto, vaso, etc. Muito usado em estruturas de betão, na construção civil.

28 _ CACHORROS DE VARANDA: é uma designação de um elemento exposto que suporta os beirais de um telhado ou qualquer outro corpo saliente de um edifício (arcos, arquitraves e cornijas), ao mesmo tempo que pode ter carácter decorativo.

29 _ DOMINGUES, Álvaro (2009). A Rua da Estrada, O problema é fazê-los parar, p. 54.

30 _ CANTARIAS: é uma designação originada do latim "*canthus*" com o significado de "aresta". Há autores que remete o significado à época pré-romana quando designava "pedra grande", ou pedra aparelhada para formar o ângulo de uma construção.

31 _ FAIANÇA: é uma forma de cerâmica branca, que possui uma massa cerâmica menos rica em caulim do que a porcelana e é associada a argilas mais plásticas. São massas porosas de coloração branca ou marfim e precisam de posterior vitrificação.

32 _ MODILHÃO: é um ornamento das ordens coríntia e compósita, que forma um S com volutas desiguais e sustenta o teto das cornijas por onde as águas escorrem formando a extremidade da aspa da cumeeira. Nas igrejas de estilo barroco, contraforte em forma de S invertido, que serve para ligar dois andares de largura desigual.

33 _ GOMES, Maria Marques (2015). A Cultura Arquitetônica em Portugal.

34 _ RODRIGUES, Maris João Madeira (1999). Vocabulário Técnico e Crítico de Arquitetura, Lisboa: Quimera Editora, p. 207.

35 _ IDEM – Ibidem, p. 207.



[Figura 15 e 16] - Casa da Viscondessa de Santiago de Lobão, do Brasileiro Lino Henriques Bento de Sousa na Rua de Belos Ares nº23, Porto 41°09'35.3"N 8°38'17.8"W.

palacete citadino. Com espaços que afirmavam o seu prestígio e assim, tornado solar urbano de referência monumental, para além do lugar onde está implantada.

[Figura 17 e 18] - Residências dos Irmãos António e Arnaldo da Silva Moreira conhecidas como Casas Altas do Lordelo - 1914, PAREDES Rua da Igreja nº 352 4580-433, 41°14'04.9"N 8°24'38.5"W. Arquiteto Afredo Ribeiro da Silva (1886-1961).

Maria do Carmo Pires, em 2008, destaca que embora seja casas tendencialmente *"únicas"*, no sentido em que se expressava de forma complexa e exótica, os limites da propriedade, fazem com que o volume da residencia passe por vezes despercebido. São quase sempre demarcadas e muradas, com grades de ferro e acesso direto para a via pública, jardins laterais e cercados com a sua flora escolhida a dedo.

[Figura 19 e 20] - Casa de Joaquim da Silva Moreira de 1903, na Rua D. João IV no Porto, 41°08'58.4"N 8°36'08.5"W. Arquiteto Marques da Silva (1869-1947).

Nos jardins existiam espécies de plantas exóticas tropicais que faziam um esforço para se adaptar ao clima europeu. Para as que não se adaptavam ao ar livre, havia solução construtiva de edificar estufas e caramanchões (pergolados). Havia envidraçadas compostos por bancos e estatuas que somavam a um cenário bucólico³⁶. Com isso, sua entrada demarcada com portões de ferros com desenhos decorativos³⁷ quase sempre com os caracteres das iniciais dos nomes dos proprietários.

[Figura 21,22 e 23] - Casa Soledade Soares de 1912 Rua José Cardoso Vieira de Castro nº 529 4820-142 Fafe, 41°26'54.9"N 8°10'13.6"W. Arquiteto António Bravo.

Esses palacetes abrasileirados, do século XIX e XX, tinham necessidade de referenciar vários estilos arquitetônicos. Na maioria das vezes apresentam frontões na fachada³⁸, perfeitos ou imperfeitos, compondo a linha do seu alçado. Os edifícios são azulejados ou rebocadas de forma lisas e caiados, desaparecendo os motivos ornamentais³⁹.

Nessas casas a valorização da verticalidade e horizontalidade garante proporcionalidade entre o comprimento e altura, que busca harmonia marcada pelos eixos das portas e janelas. Os espaços internos da casa são configurados de forma quadrada, em

36 _ BUCÓLICO: é uma designação relacionada com o modo de vida na natureza.

37 _ PIRES, Maria do Carmo (2015). A Rua Alvares Cabral 1895-1940 - Formas de Habitar. Editor: Faculdade de Arquitetura do Porto. ISBN: 9789729483431. Nº p. 314.

38 _ FRONTÕES: é um conjunto arquitetônico de forma triangular que decora normalmente o topo da fachada principal de um edifício, sendo constituído por duas partes essenciais: a cimalha (base) e as empenas (dois lados que fecham o triângulo). Provém da arquitetura clássica greco-romana.

39 _ MARTINS, Fausto (2001). Azulejaria portuense: História e iconografia. Lisboa: Edições Inapa, p. 167.

proporção ao exterior do edifício, formando uma métrica facilmente percebida. Nessa métrica, os edifícios desenvolvem-se em três corpos: central (mais largo) e outros dois laterais (mais próximo do quadrado)⁴⁰, que compõe uma proporção nos elementos. Por exemplo: os cunhais separam estreitas sacadas dividindo-as em partes iguais, correspondendo a diversos andares, destacando a importância do edifício⁴¹.

A utilização dos azulejos como revestimento externo dos alçados das residências, torna-se uma prática corrente nos meados do século XIX, especialmente na arquitetura civil⁴². Nas vilas e aldeias diferem na escolha do revestimento, mais simplificados e modestos, ainda que tenham uma dimensão generosa na distribuição dos espaços tradicionais envolventes do interior da casa. E destacam-se na paisagem com suas inúmeras janelas desenhadas com bandeiras e fachadas lisas⁴³.

O uso do azulejo como revestimento, é uma característica da cidade do Porto no século XIX, azulejo por vezes estampado, cuja iconografia com desenhos coloridos são escolha do proprietário. O mesmo destaca o seu gosto pessoal, o que constitui uma característica cultural e particular da cidade do Porto⁴⁴.

A iluminação zenital na residência é sempre valorizada: os lanternins decorados com pormenores em estuques, tetos com detalhes geralmente ornamentados com pinturas e as paredes forradas a tecidos aveludados⁴⁵. As casas apalaçadas e apelidadas de “*Chalet*”, tinham cognome (na maioria das vezes) da esposa de seu proprietário. Como são exemplo esses palacetes de estrutura clássica com grandes espaços. Que se tornam fortes e de sentido individualizado, implantados de forma importante nas periferias das cidades grandes da época⁴⁶.

40 _ MARTINS, Fausto (2001). Azulejaria portuguesa: História e iconografia. Lisboa: Edições Inapa, p. 167.

41 _ IDEM – Ibidem, p. 167.

42 _ IDEM – Ibidem, p. 167.

43 _ IDEM – Ibidem, p. 167.

44 _ IDEM – Ibidem, p. 168.

45 _ IDEM – Ibidem, p. 168.

46 _ MARTINS, Fausto (2001). Azulejaria portuguesa: História e iconografia. Lisboa: Edições Inapa, p. 167.

Segundo Camilo Castelo Branco, o gosto pela exibição das práticas sociais francesas e das tendências chegadas de Paris, instalou-se entre as elites em Portugal, com um contínuo apreço pela cultura e uma nova forma de se portar perante a sociedade. Essa nova idealização teve protagonismo entre os torna-viagem e que faz novos costumes e gostos. Gostos esses destacados nos ornamentos das Casas d'O *Brasileiro*⁴⁷. Por exemplo, os portões com motivos decorativos "Art-Déco" da Casa Soledade Soares de 1912, na vila de Fafe [figuras 21, 22 e 23].

Essas casas do *Brasileiro* implantadas na maioria das vezes à face da rua, as fachadas laterais e posterior são viradas para o jardim. A Casa Soledade Summavielle, em Fafe, construída em 1912, cujo Arquiteto foi António Bravo⁴⁸, neta de um ilustre *brasileiro* José Florêncio Soares casado com Maria Teresa da Costa [figura 21, 22 e 23], casa que tem como apelido de "chalet" da burguesia. Características, que se assemelham à arquitetura dos "chalets" suíços⁴⁹. Como também percebemos em outra residência na mesma vila de João Alves de Freitas, de 1912 [figuras 13 e 14].

Deste modo, Casas d'O *Brasileiro* diferem das tipologias clássicas nos alçados e nos ornamentos em relação às casas burguesas portuguesas. Há casa do emigrante que apresentam uma simetria e proporção nas quatro fachadas e no uso das materiais. Estes alçados, acentuam-se em alguns casos por torres e miradouros, afirmando a sua verticalidade e visibilidade monumental.

2.2 FUNÇÃO - O DESEJO DA CASA NA TERRA NATAL

Os reflexos que a edificação "Casa d'O *Brasileiro*" trouxeram para a sociedade e fazem-nos perceber o significado da sua função como moradia. Funções estas que demonstram a vontade de construir a moradia dos sonhos, pretendendo representar uma vida de sucesso.

47 _ BRANCO, Camilo Castelo (1906). *Mistérios de Fafe*, Lisboa, parceria António Maria Pereira. (5ª Edição popular).

48 _ GOMES, João (2018). In *Diário do Minho* de 16 de Abril, p. 11.

49 _ TAVARES, Domingos (2015). *Casas de Brasileiro*, p. 145.



[Figuras 24 e 25] - Casa António Reis da Silva de 1910 no Porto na Rua Santa Catarina n.º 1316.4000-477 41°09'28.6"N 8°36'15.7"W. Engenheiro: António Rigaud (1861-1932).

O português antes de ir para o Brasil por volta do século XIX e início do século XX, para ganhar dinheiro na “terra prometida”, inicia um processo de separação temporária das famílias. Angústia da partida foi tratada por diversas publicações registradas nas mais inúmeras manifestações populares, com relatos da saudade que os imigrantes sentiam de seus familiares. Consequentemente, os escritores portugueses que emigravam para o Brasil, criavam poesias, romances satíros, anedotas e caricaturas, que proporcionavam aos seus leitores risos infundáveis. Apesar de toda essa ironia, o Brasil era ainda ficcionado como uma terra prometida⁵⁰.

[Figura 26] - Casa João Alves de Freitas (1864-1917) de 1912 em Fafe na Rua Maj. Miguel Ferreira n.º 97 4820-119 41°27'03.0"N 8°10'23.0"W. Engenheiro: António Bravo.

Paula Torres Peixoto em 2008, descreve que a corrente emigratória no século XIX e XX, continuou com uma força implacável alimentada pelo sonho dos frutos saborosos do dinheiro. Esses acontecimentos surgiram devido às necessidades que os portugueses sentiam de ter uma vida diferente e próspera, pois a situação que viviam em Portugal era precária⁵¹.

[Figuras 27 e 28] - Casa Moradia Joaquim Soares da Silva Moreira de 1903 - Porto - Rua de Dom João IV 331 4000-298 Porto 41°08'57.6"N 8°36'08.2"W. Arq. Marques da Silva (1869-1947).

Esse processo de migração não é algo simples, cada indivíduo em particular se expressa de maneira e forma de agir diferente. No caso do *brasileiro* é fácil perceber que “O emigrante é um ser dividido, está cá (onde vive) e lá (onde também vive) (...) deste lado (no Brasil), é sempre o português, mas quando transpõem de novo o Atlântico (em Portugal) passa a ser o brasileiro”⁵². Isto faz com que o personagem (*brasileiro*) seja caracterizado de diversas formas e costumes. Com isso, a necessidade do *brasileiro* se afirmar e formar uma identidade única no seu retorno ao país de nascença, fez construir essa dualidade nos seus pensamentos, o que permite compreender a função da caricata “*brasilice*” das suas edificações. É uma obra exótica estampada os seus gostos, que era perceptiva quem é o *brasileiro* e quem era português.

[Figuras 29 e 30] - Casa Leandro Martins de 1916 - Águeda - Rua da Ponte do Rio Marnel. Valongo do Vouga, 40°37'19.0"N 8°26'01.6"W. Arq. João Gomes (1882-1935).

50 _ LIMA, Helena (1962). Durante o romantismo muitos escritores e jornalistas, levados por motivos políticos, por necessidades económicas ou simplesmente por curiosidade intelectual, foram para o Brasil, onde se estabeleceram por períodos mais ou menos longos. Literatos Portuenses no Brasil, in O Tripeiro, VI Série, Ano II, Nov., n.º 11, Porto.

51 _ PEIXOTO, Paula Torres (2008). Palacetes Brasileiros no Porto, p. 150.

52 _ NEVES, J. Alves das (1980). O Brasil e a Emigração Portuguesa. In Nova Renascença, Porto, n.º 10, p. 114.

A Casa d'O *Brasileiro* edificada em espaços urbanos e implantadas na cidade do Porto⁵³, tinha o apreço dos escritores portuenses como, Alberto Pimentel (1849-1925)⁵⁴, que descreve: *"essas casas como belas construções que não primavam pelo bom gosto, dignos pelos seus elevados custos, e enormes monumentos graníticos que chamam de palacetes"*⁵⁵ [figura 17].

Com o decorrer do tempo, o exercício literário sobre os *brasileiros* e sua casa, se enriquece e ganha força, mas também rejeição, como é expressado nos textos do escritor Eça de Queiroz (1845-1900), e também no livro de Luiz de Magalhães (1859-1935) com a caricatura impiedosa dos *brasileiros*, principalmente na paisagem do Minho, a Norte de Portugal, no século XIX⁵⁶.

A imagem negativa dos *Brasileiros* permanece ao longo do início do século XX, presente em casos como a avaliação estética de Orlando Ribeiro (1911-1997): *"as Casas d'O Brasileiro sobressaem geralmente pelas dimensões avantajadas, aparatos de mau gosto com varandas e os miradouros, e fachadas revestidas em azulejos nítidos coloridos..."*⁵⁷. A ida (dos portugueses) e o retorno (dos *brasileiro*), representava um gosto particular na arquitetura e em suas casas, dado aos lucros que vinham do Brasil. O emigrante com sucesso retornava à terra natal para ampliar a casa de sua mãe ou construir uma nova, reconhecendo efeitos de uma dinâmica econômica de abundância, que era estranha aos olhos dos portugueses, particularmente a Norte de Portugal⁵⁸.

53 _ A cidade do Porto era um grande ponto comercial e financeiro para o Brasil, sendo os brasileiros os principais responsáveis pelas transações. Cf. ALVES, Jorge (1994). Os brasileiros. Emigrações e Retornos no Porto Oitocentista, Porto: Gráficos Reunidos, p. 299.

54 _ PIMENTEL, Alberto (1877). Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrebalde, Porto: Livraria central, p. 143. Contendo todos os horários dos Caminhos de Ferro e Americanos . Porto Livraria Central de J. E. da Costa Mesquita, Editor. 1887. In- 8º de 240 págs.

55 _ DINIS, Júlio (1948). Uma família inglesa, Porto: Livraria Simões Lopes, p. 55.

56 _ MINHO: é uma província histórica (ou região natural) da região do Norte de Portugal, que esteve inserida na antiga região Entre Douro e Minho e que foi formalmente confirmada por uma reforma administrativa havida em 1936. Está compreendida pelo Baixo Minho e Alto Minho. No entanto, as províncias nunca tiveram uma atribuição prática, portanto desapareceram do vocabulário administrativo (ainda que não do vocabulário quotidiano dos portugueses) com a entrada em vigor da Constituição de 1976, passando a região, neste caso inserida na chamada Região do Norte, com as suas sub-regiões do Cávado, Ave e Minho Lima.

57 _ RIBEIRO, Orlando (1987). Entre Douro Minho, in Revista da Faculdade de Letras Geografia, I série, vol. III, Porto: Faculdade de Letras, p. 9.

58 _ RIBEIRO, Orlando (1987). Entre Douro Minho, in Revista da Faculdade de Letras Geografia, I série, vol. III, Porto: Faculdade de Letras, p. 9.

Deste modo percebemos que: *“A casa natal está dentro de nós fisicamente, é um conjunto de hábitos orgânicos, as sucessivas casas em que vivemos mais tarde vão ter banalizado os nossos gostos, mas, se regressarmos à velha casa depois de uma larga odisseia, permanecemos estupefatos ao constatar como os gostos mais ínfimos, os gostos de origem, reviveram imediatamente, sempre perfeitos”*⁵⁹.

Esses homens tinham uma facilidade e a formação necessária para fazer negócios vantajosos em diversas áreas, como setor financeiro trabalhando com capital aberto para empréstimos à população em troca de juros acumulados. Assim, suprimindo escassez nas formas de crédito bancário muito desfavoráveis na época⁶⁰. Os *brasileiros* com mérito acumulado, ocupavam lugares dentro da cúpula política, surgindo como um novo ideal nas vilas e cidades afirmando a sua existência. Esses *brasileiros* transpunham um interesse social de liderança e ocupavam cargos primordiais para o desenvolvimento necessário daquela população, fazendo diversas mudanças para que a ajuda chegasse aos habitantes com maior velocidade⁶¹.

Deste modo, ao perceber que a Casa d’O *Brasileiro* tem uma função primordial nas aldeias e vilas, além de compor o ornamento das povoações, as casas e seus proprietários com seus cargos administrativos, faziam diversos investimentos como construção de edifícios públicos para promover a cultura e diversos serviços. Os torna-viagens, para além das construções dos palacetes, contribuindo também com habitações sociais para a população desfavorecida, como é o caso do comendador António Pereira Inácio. Ainda que grande parte destes emigrantes tenham preferido contribuir para o desenvolvimento da educação, exemplo disso, é a construção em 1918, da escola da freguesia de Lordelo no Conselho de Paredes, pelo benemérito doador Adriano Moreira de Castro, proprietário da Casa da Castrália de 1909⁶².

59 _ MENDES, Manuel (2015). “Minha Casa” Sobre o “projeto-de-arquitetura de Fernando Távora / coord. Eitora: Manuel Mendes. 1ª Edição, 2 vols.: il. Fernando Távora, “minha casa”, fascínio 5, p. 312.

60 _ IDEM – Ibidem, p. 312.

61 _ IDEM – Ibidem, p. 312.

62 _ IMPRENSA: in: <<https://sicnoticias.pt/programas/reportagemespecial/2021-07-01-As-casas-de-Paredes-dos-Brasileiros-de-Torna-Viagem-0329d9c4>> - 01.07.2021 às 23h02. Acesso em: 10

É, portanto, enriquecedora a formação social do emigrante do Brasil, que se destaca no conjunto da população local, tornando-se assim um benfeitor para a população⁶³.

2.3 ESTRUTURA E MATERIALIDADE

No século XIX e início do século XX, o número de registros de projetos arquitetônico, permite o estudo mais aprofundado dessas Casas d'O *Brasileiro* e sua evolução⁶⁴, pois é vasta a quantidade de arquivos sobre o assunto. A Casa d'O *Brasileiro* é um reflexo da sua própria cultura adquirida, conduzida à maneira de pensar em máxima harmonia a prática de um novo modo de habitar.

Na Casa d'O *Brasileiro* transparecem as necessidades do proprietário, e acompanha as mudanças na forma de projetar. O *brasileiro* tem características fundamentais que retratam o seu estilo de vida e seu percurso migratório, que abrange o contexto social, cultural e histórico, e ajuda a compreender o fenômeno construtivo e estrutural de sua casa.

Ainda assim, o conceito no estilo de vida do *brasileiro* tão ambíguo e complexo faz-nos perceber quais são elementos que caracterizam essas casas ao longo da história da arquitetura. Elementos já então utilizados pelos arquitetos nas estruturas formaram durante o término do século XIX e início do século XX, em que dominavam técnicas estrangeiradas, enriquecido as suas obras com essas novidades.

Por exemplo, o arquiteto Marques da Silva, portuense, oferecia seus projetos uma cuidada organização funcional no interior, sequenciando funções e movimentos simples e fluídos, uma série de evidências do que há de melhor na Casa Burguesa Portuense⁶⁵. Como vemos nas moradias de Joaquim Soares da Silva Moreira [figuras 27 e 28].

de janeiro de 2021.

63 _ MENDES, Manuel (2015). "Minha Casa" Sobre o "projeto-de-arquitetura de Fernando Távora / coord. Eitor: Manuel Mendes. 1ª Edição, 2 vols.: il. Fernando Távora, "minha casa", fascínio 5, p. 312.

64 _ FARIAS, Hugo L. (2018). A Casa como Experimento e Matriz. Editor: Caleidoscópio, p. 37.

65 _ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 8.

Em destaque particular, Domingos Tavares descreve “... predominavam as idiossincrasias históricas, como a avalanche das correntes românicas das linhas nacionalistas de um estilo dito neo manuelino...”⁶⁶.

O número de construções está diretamente associado aos movimentos de maior intensidade de retorno. Em alguns casos com muito sucesso e outros com menos. Consideramos, que não existe um modelo tipo de Casa d’O *Brasileiro*, mas assemelham-se, pelas características comuns da maioria, que assentam numa grande assimetria e variedade presente no conjunto arquitetônico.

Mas é necessário distinguir os elementos decorativos presentes nas casas, que se diferenciam entre azulejos e ornamentos, telhados desenhados ou portões detalhados em ferro forjado [figuras 05, 11 e 22].

As fachadas dos palacetes na sua maioria são forradas a azulejos de diversas cores e desenhos, recriando tentativas de ambiente burlesco⁶⁷ vivias no Brasil⁶⁸. E no exterior das Casas d’O *Brasileiro*, eram jardins que tentavam retratar a flora importada do Brasil, como é o caso das palmeiras imperiais e plantas tropicais amazônicas, como vemos na Casa de Boaventura Rodrigues de Sousa [figura 05].

É frequente perceber que em torno da Casa d’O *Brasileiro* existiam elementos construídos ou vegetação que enriqueciam a propriedade. No que respeita aos elementos vegetais, como os jardins criados à semelhança se um espaço civilizador, que põe em contato com o que há de mais delicado e misterioso na natureza, transformando em espaço harmônico o ambiente citadino, para além da existência de hortas e quintais.

66 _ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 8.

67 _ BURLESCO: é um trabalho literário, dramático ou musical com o intuito de causar riso ao caricaturar a maneira ou espírito de trabalhos sérios ou por tratamento grotesco de seus assuntos. A palavra de origem italiana, que por sua vez deriva de palavras burla, que significa “piada”, “ridículo” ou “zombaria”.

68 _ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 8.

Quanto aos elementos construídos, entendemos que as estufas são as mais utilizadas, seguindo dos espaços de estar, como bancos e mesas⁶⁹. Destaca-se ainda a implantação da casa com referências estrangeiras do Brasil ou de outros países por onde esteve, sem medo de sair do seu habitat social. Assim, por ventura, transpor o seu gosto na moradia que um dia irá construir⁷⁰.

A Casa d'O *Brasileiro* é um espaço de vivência e convívio familiar, um lugar onde os habitantes próximos e os amigos emigrantes de encontravam, uma casa para receber pessoas, como descreve José Alves em 2004, *"O brasileiro oitocentista (torna-viagem), representações de um tipo social"*⁷¹.

Segundo Paula Torres Peixoto em 2008, o *brasileiro* é um personagem que não se consegue enquadrar na alta sociedade de forma desejada, mesmo na alta sociedade brasileira, ao retornar cheio de dinheiro para a sociedade portuguesa⁷².

69 _ PEIXOTO, Paula Torres (2008). Palacetes de brasileiros no Porto (1850-1930). Do estereótipo à realidade, p. 203.

70 _ IDEM – Ibidem, p. 203.

71 _ ALVES, Jorge Fernandes (2004). *"O «brasileiro» oitocentista – representações de um tipo social"*, p. 193.

72 _ IDEM – Ibidem, p. 193.

Também, José Carlos Loureiro em 2004, descreve essas casas como uma residência de passagem e convívio, quer de pessoas importantes da história, quer de pessoas comuns, como são exemplos as casas no conselho de Paredes, em especial, a Residência Joaquim Bernardes Mendes conhecida como o Palacete da Granja de 1883, [figura 10]. *“Aquilo que ontem parecia sem valor, deturpado por visões críticas viciadas por premissas rígidas ou distorcidas, surge amanhã como símbolo do gosto de uma época, como testemunho de uma tecnologia até aí de valor insuspeitado, representativa de valores sociais positivos ou negativos, mas de inegável valor histórico e artístico”*⁷³.

A importância da formação da malha organizativa destas casas, começou a ser encarada de forma diferenciada, numa época que veio para contribuir não só para introduzir novos materiais, mas também, para desenvolver um mercado de trabalho não explorado. Com outra linguagem, os ofícios eram reajustadas, conduzindo a novas práticas estruturais na arquitetura⁷⁴, como se vê na Villa Beatriz de 1906 na Póvoa do Lanhoso, no distrito de Braga, por ser pormenorizada com materiais enobrecidos principalmente no seu átrio central [figura 07].

73 _ LOUREIRO, José Carlos (2004). A Nossa Casa de Roberto Cremascoli e Maria Milano, p. 19.

74 _ ARTES E OFÍCIOS: é uma designação de alguns arquitetos e designers britânicos do século XIX renunciaram à produção industrial, criando uma arquitetura revivalista assente nos ofícios artesanais com recursos a matéria-prima locais. O movimento artes e ofícios (*arts and crafts*) que daí resultou foi particularmente forte em Inglaterra nas últimas três décadas do século XIX, mas a sua influência também se fez sentir no resto da Europa e, em particular, nos Estados Unidos da América.

2.4 SÍNTESE

A análise anterior procura abordar alguns dos exemplos mais pertinentes da Casa d'O *Brasileiro* construídas durante um curto período na história da arquitetura portuguesa.

Essas casas têm a necessidade predominante de ser um objeto revelador. Com suas diferenças culturais e formas de implantação, é clara a vontade dos *brasileiros* de demonstrar o seu gosto no volume de sua casa, tirando o maior proveito possível da sua forma, compondo todos os elementos com base no conforto e uso diário.

O *brasileiro*, com a sua iniciativa construtiva, transforma e enquadra na afirmação pública aos caminhos da observação das inovações estrangeiras, com um compromisso de mudança.

Nessas circunstâncias, os exemplos apresentados têm ainda uma outra componente que distingue a particularidade de cada casa: o fator econômico de algumas famílias fazem com que as casas apresentem diferenças nos seus ornamentos morfológicos.

As distinções entre estes casos reside na escala do conjunto de Casas d'O *Brasileiro*, bem como dar particularidades e características dos compartimentos internos. Conceitos sobre a forma de viver e a intenção dos habitantes são semelhantes, pois independentemente do valor econômico, a cultura é um fator forte que enraíza. Com isso, as dimensões dos espaços e os materiais mudam de casa a casa. Sendo assim, as características culturais e econômicas ditam a finalidade do uso da residência.

Deste modo, a história reflete uma permanência da casa enquanto espaço fechado em todo o perímetro da implantação de fragilidade com jardins de diversas vegetações. Valoriza-se as áreas interiores iluminada de forma zenital, utilizando o Lanternim⁷⁵ nas escadas principais, aumentando a importância do seu interior, proporcionando ao indivíduo relações com os elementos essenciais da natureza: a água, o ar, a vegetação e a luz natural.

Os exemplos atrás referidos têm várias faces e expressões ornamentais, podendo conter diversas atividades, que contemplam a ideia de espaço vivo. A arquitetura estudada, retoma temas e conceitos que haviam sido utilizados na história, e reinventa novas abordagens do bem-estar do habitar. Rever o sentido em que se atribui à casa novas características, e compreender formas e relações que apresentam novos contextos e culturas de valores diferentes.

Importa saber que as Casas d'O *Brasileiros* têm o seu valor nas cidades e aldeias, e que as heranças históricas se mantêm vivas mediante a constante transformação urbana e a forma híbrida dos seus conceitos.

75 _ LANTERNIM: é uma designação de pequena torre com aberturas, que se eleva sobre o telhado ou zimbório de um edifício, para ventilação e iluminação. Sobrepondo na cumeeira do outro telhado, localizam-se em diversos edifícios na arquitetura ajudando na ventilação e iluminação.

3.CASO DE ESTUDO

O valor patrimonial e histórico é essencial para ter as referências necessárias para a contextualização do caso do estudo e sua implantação. No final do século XIX e o limiar do século XX, a Casa d'O *Brasileiro* enquadra-se na cidade com um caráter de palacete, onde a sua morfologia é estudada junto com a evolução do plano diretor, e as sucessivas mudanças na malha urbana da cidade no decorrer dos anos.

O tema relacionado como a habitação unifamiliar é primordial para representar a arquitetura dos finais do século XIX e início do século XX, pois, a transformação da habitação foi constante. A habitação unifamiliar continuava sendo um grande privilégio de uma classe reduzida da população. A casa se comportava e se adaptava de acordo com o programa de necessidades de cada família, tornando-se um campo de experimentação dos arquitetos daquela época que foram influenciados com as reformas haussmaniana⁷⁶ com princípios sociais em suas consequências.

Assim, o Arquiteto da época, cria a sua inspiração com base na sociedade sua contemporânea, usando a indústria a seu favor para novos materiais e formas. Com isso, Viollet-le-Duc (1814-1879)⁷⁷, como teórico da história da arquitetura do patrimônio, distribuí por toda a Europa modelos e técnicas inovadoras para a construção e na forma do habitar.

Já na Inglaterra, John Ruskin (1819-1900)⁷⁸, o defensor da arquitetura gótica, inteiramente inimigo das industrializações,

76 _ GEORGES-EUGÈNE HAUSSMANN: Nascido em Paris, 27 de Março de 1809 - Paris, 11 de Janeiro de 1891, o "artista demolidor", foi prefeito do antigo departamento do rio Sena que incluía os atuais departamentos de Paris, entre 1853 e 1870. Durante aquele período foi responsável pela reforma urbana de Paris, determinada por Napoleão III, e tornou-se muito conhecido na história do urbanismo e das cidades e sua higienização.

77 _ EUGÈNE EMANNUEL VIOLLET-LE-DUC: Nascido em Paris, 27 de janeiro de 1814 – Lausana, 17 de setembro de 1879 foi um arquiteto francês ligado à arquitetura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do patrimônio histórico. Pode ser considerado como um precursor teórico da arquitetura moderna. Considera-se, juntamente com Leon Battista Alberti, o maior teórico de arquitetura na história ocidental.

78 _ JOHN RUSKIN: Nascido em Londres no dia 8 de fevereiro de 1819 – 20 de janeiro de 1900 foi um importante crítico de arte, desenhista e aquarelista britânico. Os ensaios sobre arte e arquitetura foram extremamente influentes na era Vitoriana. O pensamento vincula-se ao Romantismo, movimento literário e ideológico (final do século XVIII até meado do século XIX), e que dá ênfase a sensibilidade subjetiva e emotiva em contraponto com a razão. Esteticamente, apresenta-se como reação ao Classicismo e anarco catalismo, com admiração ao medievalismo. Na sua definição de restauração dos patrimônios históricos, considerava a real destruição daquilo que pode-se salvar, nem a mínima parte, uma destruição acompanhada de uma falsa descrição.

viajante e conhecedor das arquiteturas antigas, reitera que a melhor linha para chegar a beleza integra é imitar as formas naturais da arquitetura.

Com essas teorias, entende-se que as características das casas burguesas portuense tinham uma linguagem em que foi possível inserir as novidades culturais, por artistas estrangeiros (arquitetos, engenheiros, pintores, cenógrafos, jardineiros botânicos, como Pézerat (1801-1872)⁷⁹, Eiffel (1832-1923)⁸⁰ e Émile David (1839-1873)⁸¹, tornando um fundamental papel para introdução de novas mentalidades e novos valores estéticos em Portugal. Precisamente na cidade do Porto o arquiteto portuense José Marques da Silva (1869-1947)⁸² instalado na academia de Belas Artes no Convento de São António da cidade de São Lazaro, unificando espaços de aulas que interiormente funcionavam na Academia Politécnica (Desenho Histórico e Arquitetura Civil). Nesta academia de Belas Artes o jovem é matriculado em 30 de Outubro de 1882, no 1º ano de Arquitetura Civil, conforme “*despacho*” da mesma data⁸³. Nela virá a imaginar como professor em 1907, alguns anos após o seu regresso ao Porto.

79 _ PIERRE JOSEPH PÉZERAT: Nascido em Guiche, 1801 - Lisboa, Portugal, 1 Maio de 1872). Foi um arquiteto e engenheiro francês, com importante obra no Brasil e em Portugal. Projetou a fachada neoclássica do Paço de São Cristóvão Entre 1824 e 1827 no Rio de Janeiro - Brasil, remodelou o casarão colonial que D. Pedro I havia comprado à Marquesa de Santos, dando-lhe uma fisionomia neoclássica e também trabalhou na remodelação do Paço de São Cristóvão, na Quinta da Boa Vista, que adquiriu uma aparência neoclássica depois de sua intervenção.

80 _ ALEXANDRE GUSTAVE EIFFEL: Nascido em Bonickhausen dit Eiffel, Dijon, 15 de dezembro de 1832 - Paris, 27 de dezembro de 1923, foi um engenheiro francês. Formado pela École Centrale Paris, ele fez seu nome construindo várias pontes para a rede ferroviária francesa, mais notoriamente o viaduto Garabit. Ele é mais conhecido pela mundialmente famosa Torre Eiffel, construída para a Exposição Universal de 1889 em Paris, e sua contribuição para a construção da Estátua da Liberdade em Nova Iorque. Após sua aposentadoria da engenharia, Eiffel concentrou-se em pesquisas sobre meteorologia e aerodinâmica, fazendo contribuições significativas em ambos os campos.

81 _ ÉMILE DAVID: Nascido em Berlim, 1839 - Porto, 1873, foi um arquiteto paisagista, autor do desenho de grande parte dos jardins da cidade do Porto, na segunda metade do século XIX. Inicia o seu percurso na cidade do Porto em 1864, ano em que foi convidado para o planeamento e a direção dos jardins do Palácio de Cristal, cargo que ocupa até 1869. É durante este mandato, em 1865, que executa em paralelo os planos para o Jardim da Cordoaria e para o Jardim do Passeio Alegre. Entre 1869 e 1870 assume a direção do Horto das Virtudes com José Marques Loureiro. Após este período abre um gabinete próprio junto à Rua de Santa Catarina, onde projeta jardins, sobretudo para residências privadas e se dedica ao comércio de plantas, sobretudo exóticas.

82 _ JOSÉ MARQUES DA SILVA: Nasceu em São Vicente Paranhos no nº 113 da Rua de Costa Cabral, no conselho do Porto no dia 18 de outubro de 1869, faleceu em 1947 com 77 anos. No seio de uma família grande, o pai, Bernardo Marques da Silva, pedreiro. Iniciou a sua formação como arquiteto na Academia Portuense de Belas-Artes, onde foi aluno.

83 _ EXPOSIÇÃO, Faup (2006). “*O Arquiteto José Marques da Silva e a Universidade do Porto*”. Reitor: José Novais Barbosa, Vice-Reitor: Francisco Ribeiro da Silva e Diretor: Domingos Tavares.

Marques da Silva na ida para Paris no ano de 1889, começa a frequentar o atelier de arquitetura de Joseph-Charles Peigney, com lições de Matemática, Desenho e Desenho Arquitetônico. Consequentemente, o Arquiteto se prepara para as provas de admissão na “*École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts*” entra para o atelier de Victor Laloux⁸⁴. Assim, em 1896 recebe o diploma de Arquiteto⁸⁵. Regressado à cidade do Porto abre seu escritório de Arquitetura.

A utilização das aprendizagens francesas com base do trabalho profissional, que não significando uma imposição da aplicação dessas referencias, cria um laboratório à escala reduzida, que veio a permitir um nível de investigação mais elevado e a experimentação de novos materiais e suas aplicações, gerando assim visões de conjunto, conteúdo tradicional português, revivalismo, ecletismo e apontamentos de Arte Nova⁸⁶. Nesse contexto, o Arquiteto José Marques da Silva é contratado pelo *Brasileiro* Joaquim Soares da Silva Moreira para projetar as suas residências, que por sua vez serão escolhidas para Caso de Estudo desta Dissertação.

É de suma importância saber quem era do dito *brasileiro* Joaquim Soares da Silva Moreira, Filho de Ana da Silva e de Manuel Soares, foi capitalista e negociante no Brasil e no Porto. Nasceu em Portugal em Moreira da Maia em 08 outubro 1843 batizado no dia 10 daquele mesmo mês. Foram seus padrinhos José Soares, tio paterno, e Francisca da Silva, tia materna, vivendo 68 anos de idade, veio a falecer na cidade do Porto no dia 12 de julho de 1911⁸⁷.

84 _ VICTOR ALEXANDRE FREDERIC LALOUX: foi um arquiteto e professor francês de Belas Artes, nascido em Tours no dia 15 de novembro de 1850 e faleceu no dia 13 de julho de 1937. Estudou no atelier Paris École des Beaux-Arts de Louis-Jules André, com seus estudos interrompidos pela Guerra Franco-Prussiana, e foi também premiado com o Prix de Rome anual em 1878. Ele passou de 1879 a 1882 no Villa Medici em Roma.

85 _ MESQUITA, Mário João (2006). Marques da Silva: o auno, o professor, o arquiteto. Porto: IMS.

86 _ ARTE NOVA: é um termo que tardiamente e de pouca duração em Portugal, teve início por volta do ano de 1905 e seu término por volta dos anos de 1920. Os princípios estéticos adotados pela Arte Nova portuguesa eram semelhantes ao do estilo que já proliferava na Europa, a influência francesa foi a que mais se fez notar nas construções deste estilo no território português. A aplicação em Portugal deveu-se sobretudo à ação da burguesia urbana, em diversas cidades como Lisboa e Porto entre outras, desenvolveram edifícios marcadamente deste estilo. A aparição de obras Arte Nova no país deveu-se à pura continuidade artística.

87 _ PORTO, Arquivo Municipal (2015). Registo de Testamento que faleceu Alexandra Soares da Silva Moreira. Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/15267/fullscreen/>> Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

Joaquim tinha 25 anos quando ficou viúvo (primeiro casamento seria com uma outra prima direita, que morreu muito nova). Residia na freguesia da Sé do Porto quando se casou novamente na igreja de Santo Ildefonso, em 5 de abril de 1869, com sua prima direita de 2º e 4º grau de consanguinidade Alexandrina Soares da Silva Moreira ou Alexandrina da Silva Moreira (assim é referida no seu direito ao casamento). Então aos 17 anos, solteira (filha de Antônio da Silva Moreira e de Dna. Emília Bastos), foram testemunhos deste casamento Antônio de Sousa Santos Moreira, casado, negociante, morador da Rua Duquesa de Bragança, e Dna. Rosa Ramos dos Santos Moreira, casada, também moradora da Rua Duquesa de Bragança. Dna. Alexandrina nasceu na freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Praia, Salvador, Bahia, em 1852, era filha de Antônio da Silva Moreira e de sua mulher Emília Bastos⁸⁸.

Joaquim e Alexandrina regressam para o Brasil pouco tempo após o seu casamento. Estabeleceram-se na cidade de São Luís do estado do Maranhão na região Norte do Brasil, onde fazem forte comércio e grande fortuna. Também tinham relações comerciais no estado da Bahia, onde se tornam sócios das “Casas Silva Moreira & Sousa e Sousa” e “Silva Moreira Porto e C^a”. Mais tarde essas empresas entram na partilha no testamento. O casal regressa a cidade do Porto, passa a viver na casa na Rua D. João IV junto a Rua Duquesa de Bragança, depois Rua Heróis de Chaves⁸⁹.

Nesse período comercial, Joaquim era em 1900 Administrador do Banco Aliança e foi também Vereador da Câmara Municipal do Porto. Sendo também Comendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa e pequeno acionista da Companhia Aurifícia, fundada por José Dias de Almeida⁹⁰.

88 _ PORTO, Arquivo Municipal (2015). Registo de Testamento de Alexandra Soares da Silva Moreira. Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/15267/fullscreen/>> Acesso em: 10 de dezembro de 2020.

89 _ IDEM – Ibidem.

90 _ IDEM – Ibidem.

A esposa de Joaquim, Alexandrina já viúva quando faleceu aos 77 anos, em 21 de janeiro de 1928, no Hotel Avenida Palace em Lisboa, na Rua 1º dezembro, freguesia dos Restauradores, onde se encontrava acidentalmente. Fez testamento e a partilha dos seus bens e objetos de um longo processo de inventariado⁹¹.

O fato é que a família Soares da Silva Monteiro, já na cidade do Porto construiria as suas moradias, tratando-se de três residências distintas, sendo elas: a 1ª Casa construída em 1903 na Rua de Dom João IV com terreno de 658 metros quadrados [figura 31], a 2ª Casa é implantada na mesma rua em gaveto com a Rua Conde Rodolfo de Araújo no ano de 1904 com terreno de 624 metros quadrados [figura 32]; a 3ª Casa, uma residência geminada sita na Rua de Gondarém nº 680, no ano de 1908 com terreno de um mil metros quadrados [figura 33]⁹².

O arquiteto portuense Marques da Silva, com sua experiência na transformação do espaço do habitar interno e externo e suas experiências associadas aos meios econômicos na arquitetura e construção, junto com os interesses sociais distintos do *Brasileiro*, foi indispensável na concretização dessas casas⁹³.

Essas transformações no espaço do habitar geraram consequências na criação de código linguístico e artístico nas obras naquele grupo social⁹⁴, que por sua vez, já se percebia no século passado. Levando a habitação a se revelar como uma forma do futuro habitar, criando um eminente espaço de sonho e desejo, nas suas melhores condições e conforto para representar a vida na sociedade⁹⁵. Sendo, então, a *“Casa d’O Brasileiro um dos primeiros modelos a criar essas formas de vida”*⁹⁶.

91 _ PORTO, Arquivo Municipal (2015). Registo de Testamento de Joaquim Soares da Silva Moreira. Porto, 10 de dezembro de 2020. Disponível em: <<http://gisaweb.cm-porto.pt/units-of-description/documents/18430/?>>. Acesso em: 10 de dezembro de 2020. Em Livro de autos de abertura de testamentos, nº 40, f. 43v.

92 _ Os projetos foram aprovados em 1904 (A. H. M. P. – Plantas de Casas. Livro), p. 66-73 e p. 208 - 215.

93 _ GRASSI, Giorgio (1980). La Arquitectura como oficio y otros escritos. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S.A. p. 229.

94 _ RAMOS, Rui Jorge Garcia (2010). A casa. Arquitetura e projeto doméstico na primeira metade do século XX português. Porto: FAUP, p. 45.

95 _ TOSTÕES, Ana (1997). Os verdes anos na Arquitetura Portuguesa dos anos 50, p. 52.

96 _ RAMOS, Rui Jorge Garcia (2010). A casa - Arquitetura e projeto doméstico na primeira metade do século XX português, p. 45.



[Figura 31] - 1ª Casa de Estudo - Casa Moradia Joaquim Soares da Silva Moreira de 1903, Porto - Rua de Dom João IV 331 4000-298 Porto, 41°08'58.9"N 8°36'07.1"W.

O *Brasileiro* (dono da obra) leva o arquiteto a criar propostas eruditas e extravagante para o seu habitar de acordo com as suas necessidades, sobretudo, novos elementos relacionados com a higiene pessoal, como: a casa de banho com água corrente⁹⁷.

Essa e muitas outras especialidades proporcionam a criação de um atelier de experimento de materiais e ofícios que levaram às descobertas de diversos fatores, que por sua vez, trouxeram inovação na transformação do cotidiano doméstico dos habitantes das respectivas casas.

[Figura 32] - 2ª Casa de Estudo - Casa de Joaquim da Silva Moreira de 1904, na Rua D. João IV no Porto, 41°08'58.4"N 8°36'08.5"W.

Deste modo, é importância um breve enquadramento histórico, sobretudo alguns pontos mais relevantes para o tema, particularmente a situação técnico-econômica dos países em questão (Portugal e Brasil). Em Portugal, a incapacidade da “1ª República (1910)” em organizar os interesses dos setores ligados a habitação⁹⁸, favoreceu o surgimento de disputas de poder, sobretudo na classe média. Na qual, o discurso de ideais sobre novos padrões econômicos e sociais para um estado mais forte e nacionalista, geram as sucessivas greves seguindo de protestos que resultarão no “Golpe Militar (1926)”.

[Figura 33] - 3ª Casa de Estudo - Casa Geminadas de 1907 na Rua de Gondarém, 680 4150 -378 Porto, 41°09'31.5"N 8°40'54.0"W.

Enquanto isso, no Brasil, destino desejado dos portugueses abasileirados, passava por diversas mudanças no regime político. A queda do Império em 1889 dá lugar a “1ª República (1889-1930)”. Posteriormente, com o golpe da “Revolução de 1930”⁹⁹ surge a 2ª República, através do movimento armado nos estados de Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul, depondo o Presidente da República Washington Luís¹⁰⁰ em 24 de outubro de 1930¹⁰¹, impedindo assim a posse recém presidente eleito Júlio Prestes¹⁰².

97 _ CARVALHO, Ricardo (2013). Colóquio Internacional “Habitar Pensar Investigar Fazer”, p. 46.

98 _ REIMÃO, Rute (2001). Universidade do Porto. Estado Orgânico Fundamental. Modelo de Análise para fundamentar o conhecimento do sistema de informação arquivo, p. 19 e 186.

99 _ VARGAS, Getúlio (1941). A nova política do Brasil, 10 volumes. Livraria José Olympo.

100 _ WASHINGTON LUÍS PEREIRA CORRÊA: Nascido em 26 outubro de 1869, falecido em 4 agosto de 1957, foi o 13º Presidente do Brasil (1926 até 1930).

101 _ CORTI, Ana Paula (2005). Estado Novo 1937-1945. A ditadura de Getúlio Vargas.

102 _ JÚLIO PRESTES DE ALBUQUERQUE: Nascido em 15 março de 1882, falecido em 9 fevereiro de 1946, seria o 14º Presidente do Brasil, não tomando posse em rasão da Revolução de 1930.

Simultaneamente, a crise mundial de 1929, com a queda da bolsa de Nova Iorque quebra o mercado financeiro mundial, e provoca uma recessão política no Brasil. Na qual, o governo provisório sob a chefia de Getúlio Vargas¹⁰³ assume em 03 de outubro de 1930 o término da “República Velha” e dá início de uma nova fase conhecida fundamentalmente pela criação da “*Carteira de Trabalho (1934)*”¹⁰⁴, com o aparecimento de instituições de apoio aos trabalhadores, proporcionando melhores condições de empregabilidade. Assim, em 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas instaura o “*Estado Novo*”¹⁰⁵ ou a “*3ª República Brasileira*”, que vigorou até o 31 de janeiro de 1946. Com o título de “*Era Vargas*”, que por sinal trouxe prosperidade na captação de recursos internacionais para o avanço da industrialização nacional durante para décadas posteriores, o Brasil torna-se um país desejado para imigrantes, devido as mudanças de desenvolvimento econômico e social.

Sinteticamente, como a 1ª República no início do século XX estavam focados em expressar a imagem nacionalista (Estado Novo) através de obras públicas, a falta de atenção a habitação unifamiliar possibilitou que a Casa d’O Brasileiro representasse parte fundamental da compreensão daquilo que era habitação unifamiliar através dos materiais usados, ornamentos, forma e funções, até a primeira metade do século XX.

A Casa d’O Brasileiro desenvolve-se durante um aparente paradoxo, que resultou da fusão dos “*valores civilizacionais da cultura oitocentista*” com a consolidação da “*noção de espaço privado e o conceito de conforto*”, conceitos que passaram a estar frequentemente presente no “*projeto moderno trazido pelas vanguardistas do início do século XX*”¹⁰⁶.

103 _ GETÚLIO DORNELLES VARGAS: Nascido em 19 abril de 1882, falecido em 24 agosto de 1954, foi advogado, militar e político brasileiro e o 14º Presidente do Brasil (1930 até 1945), logo o 17º Presidente do Brasil (1951 até 1954).

104 _ CORTI, Ana Paula (2005). Estado Novo 1937-1945. A ditadura de Getúlio Vargas.

105 _ ESTADO NOVO: (ou) Terceira República Brasileira. Regime político criado por Getúlio Vargas em 10 novembro 1937 que vigou até 31 janeiro de 1946. Tinha como características, nacionalismo, anticomunismo e autorialismo. Conhecido como Era Vargas.

106 _ FONSECA, João Pedro Esteves de Carvalho (2005). Forma e Estrutura no bloco de habitação, Patrimônio Moderno em Portugal, p. 50 e 53.

Ainda que no continente Europeu, essas mudanças foram já claras no decorrer do Século XIX¹⁰⁷. É, precisamente na Inglaterra, entre os séculos XVII a XIX, que começam a chegar conceitos importantes como o conforto e a ideia das *“transformações da forma de pensar e da forma de comportar dentro da casa”*, do qual se cria um novo conceito de *bem-estar*.

Posteriormente, com a revolução industrial, o mercado aparece de forma diversificada com bens de consumo inesperados. A arquitetura doméstica evolui para modelos de conforto e tecnologia, até então desconhecidos da habitação corrente. Tais como diversos movimentos criados, dando evoluções como: *“Domestic Revival”* e o *“Arts and Crafts”*¹⁰⁸. Movimentos que geram conceitos como a privacidade doméstica, que surge na Holanda por volta do século XVII e se estende por todo o século XVIII, de onde se generaliza para todos os países no Norte Europeu e ainda Continente Americano, mais precisamente no Estados Unidos da América.

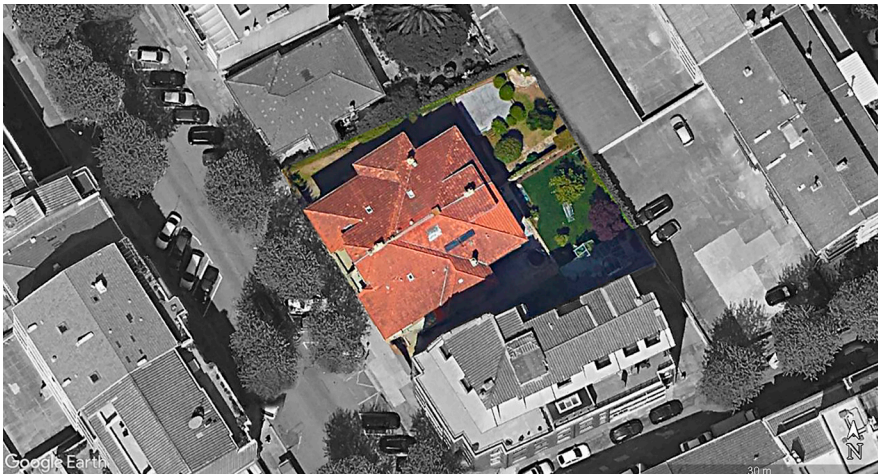
Estes movimentos refletem-se tardiamente em Portugal, tornando-se perceptivos os motivos naturalistas. Estes pensamentos vanguardistas, da segunda metade do século XIX, criam uma síntese de leitura nas formas orgânicas, exprimido movimento e vitalidade, que transforma em sensualidade arquitetônica¹⁰⁹.

Nessa contextualização, sobre a habitação e sua evolução, Domingos Tavares, no seu livro *“Casas de Brasileiro”* de 2015, referenciando Nikolaus Pevsner (1969), diz que: *“Assume o caráter romântico no apelo ao sentimento e emoção através da criação de peças únicas e procura compatibilizar o racionalismo e funcionalismo modernos com a atenção as formas eminentes da natureza, recorrendo ao uso de novos materiais, ou novas técnicas para velhos materiais como era o betão armado, o ferro ou o vidro. É uma arte que toma como temas os ondulos das plantas ou das ondas do mar, as vibrações das largas paisagens, a estilização botânica e a expressividade dos movimentos dos corpos femininos e suas vestes, criando uma*

107_ FONSECA, João Pedro Esteves de Carvalho (2005). Forma e Estrutura no bloco de habitação, Património Moderno em Portugal, p. 50 e 53.

108_ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 93.

109_ IDEM – Ibidem, p. 93.



[Figura 34] - Implantação 1º Caso de Estudo - Casa Moradia Joaquim Soares da Silva Moreira de 1903 - Porto - Rua de Dom João IV 331 4000-298 Porto 41°08'58.9"N 8°36'07.1"W.

*estética cuidadosamente dirigida a uma fácil percepção visual...*¹¹⁰. Conclusivamente, Domingos Tavares reforça o modelo de Casa d'O Brasileiro como uma nova linha de pensamento arquitetônico.

Essas novas formas de habitar passam a expandir-se pelas cidades em Portugal ao longo do início do século XX, que fazem rompimento com as edificações até então existente. As tipologias que apresentam modelos oitocentistas são completamente diferentes, porque vêm propor técnicas construtivas brasileiras, ligadas aos casarões das fazendas (quintas) no interior do Brasil. Esses edifícios eram bem mais complexos comparados aos portugueses, *“dois, três ou quatro pisos, com duas frentes e paredes de mediação que representam a convicção na permutabilidade deste modelo de construção e de implantação na cidade”*¹¹¹.

[Figura 35] - Implantação do 2º Caso de Estudo - Casa de Joaquim da Silva Moreira de 1903, na Rua D. João IV no Porto 41°08'58.4"N 8°36'08.5"W.

Em outros casos, as edificações possuem até três entradas: um acesso principal a face da rua, um acesso lateral, e em algumas tipologias, existe ainda um terceiro acesso no rés-do-chão, elevado ou ao nível do térreo¹¹².

[Figura 36] - Implantação, 3º Caso de Estudo - Casa Geminadas de 1907 na Rua de Gondarém, 680 4150 -378 Porto, 41°09'31.5"N 8°40'54.0"W.

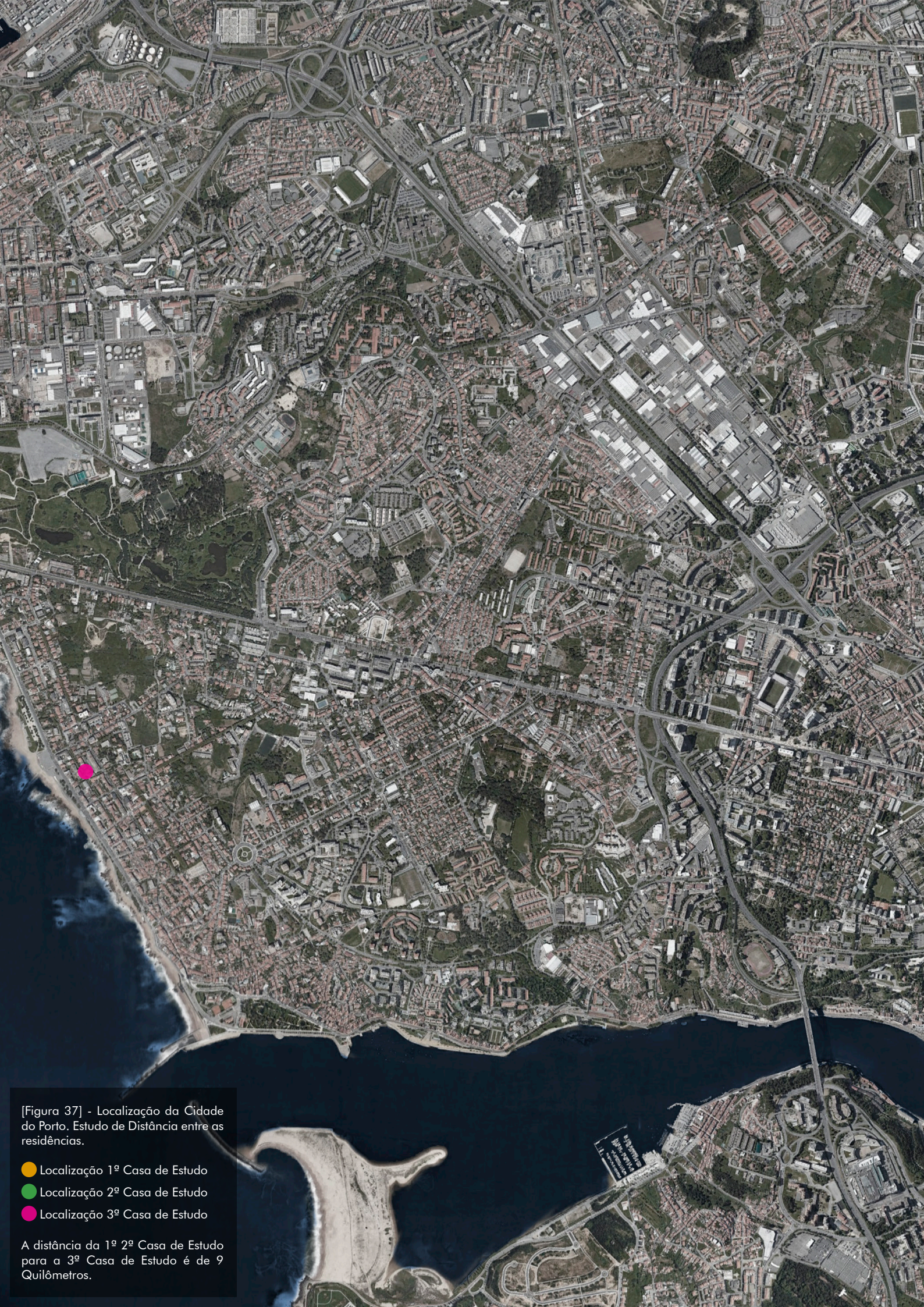
Ao longo do século XIX, surge, uma nova burguesia que desenvolve novas atividades culturais e econômicas, com uma nova forma de pensar a cidade e os espaços edificados¹¹³. Parte desses grupos é fortemente influenciada pela comunidade brasileira, que acabaria por se refletir na concepção das habitações *“desde as opções de relação do edifício com a cidade até ao nível da linguagem arquitetônica”*. E que permanece ao longo do século XX.

110 _ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 94. Referenciando: Nikolaus Pevsner, The Sources of Modern Architecture and Design, Londres, Thomas and Hunson, 1969.

111 _ FONSECA, João Pedro Esteves de Carvalho (2005). Forma e Estrutura no bloco de habitação, p. 14.

112 _ IDEM – Ibidem, p. 14.

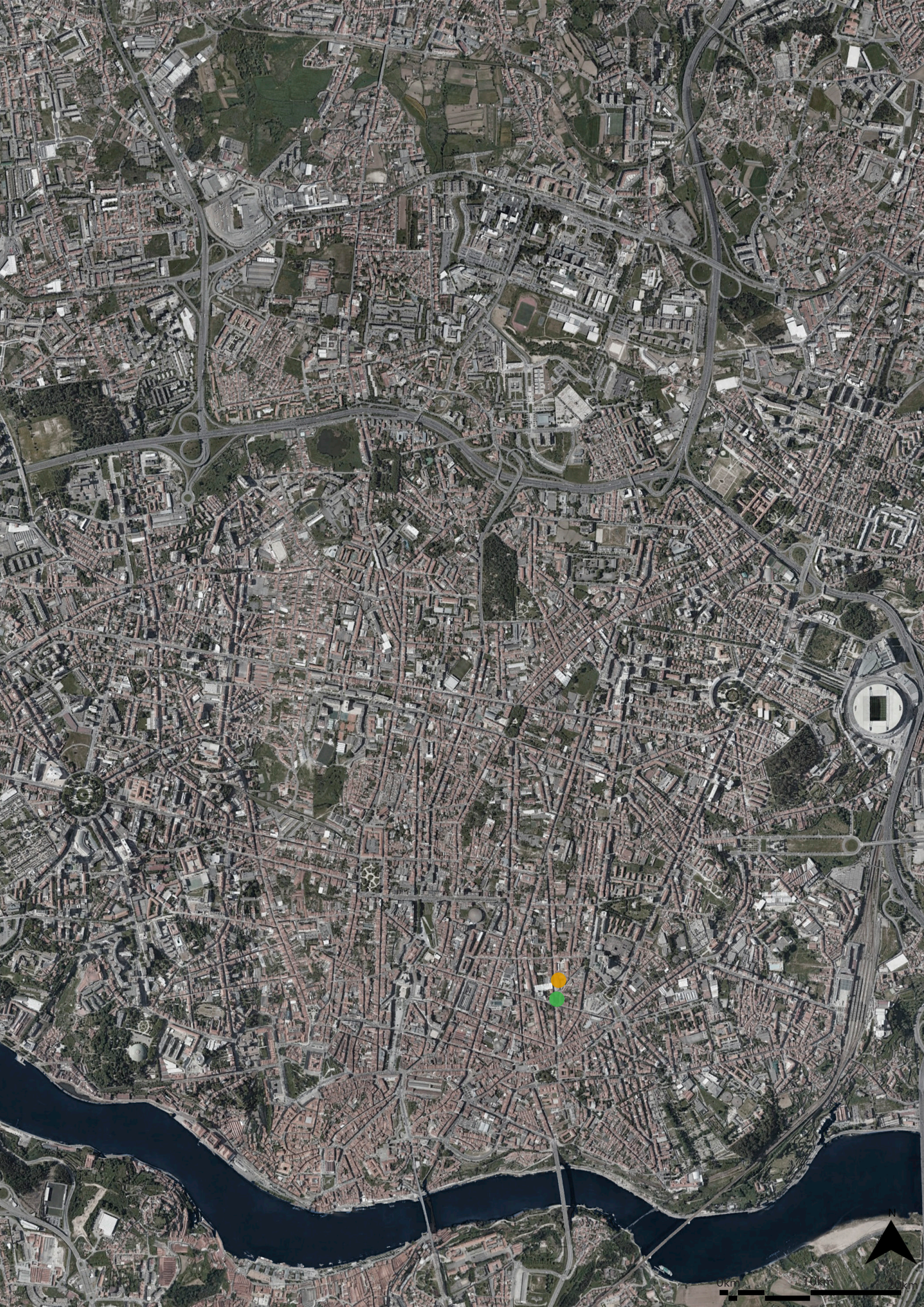
113 _ FERNANDES, Francisco Barata (1940). Transformação e permanência na habitação portuense. As formas da casa na forma da cidade.



[Figura 37] - Localização da Cidade do Porto. Estudo de Distância entre as residências.

- Localização 1ª Casa de Estudo
- Localização 2ª Casa de Estudo
- Localização 3ª Casa de Estudo

A distância da 1ª 2ª Casa de Estudo para a 3ª Casa de Estudo é de 9 Quilômetros.



3.1 FORMA

Através da análise da construção existente na cidade do Porto até meados do século XX, podemos encontrar claras evidências que expressam uma correlação entre a implantação das habitações e a classe social de quem nelas habita. Por outras palavras, a relação que o edifício de habitação tem com a rua, expressa maioritariamente, o estatuto social da família proprietária da casa. Nos casos em que a casa se implanta recuada da rua, representam um enobrecimento dos seus habitantes, comparativamente à casa que se encontra implantada à face da rua¹¹⁴.

Deste modo, a geometria da Casa Burguesa, está intimamente ligada à dimensão e forma do terreno, com forte influência exterior do parcelamento agrícola. Estas, caracterizam-se fundamentalmente, por casas geminadas à face da rua em estreitos terrenos, permitindo a ausência de pilares de suporte no seu interior, no qual, o piso e o telhado são estruturalmente suportados numa caixa granítica com considerável espessura, fazendo o perímetro da casa. Esta estrutura revela uma economia de meios, pois permite que as paredes de meação entre as propriedades geminadas sirvam de apoio para ambas as casas.

Contrariamente à Casa Burguesa Portuense, a Casa d'O *Brasileiro* localiza-se em terrenos considerados distantes do centro da cidade da época, com moradias isoladas. Nas quais, suas tipologias são diferenciadas das restantes casas portuenses. E realçam-se requintes estéticos ao gosto particular do proprietário. Estes palacetes ditos *brasileiros* espelham privilégios de uma classe endinheirada da média e alta burguesia portuense, no qual se evidencia o bem estar social económico das famílias que nelas habitam.

¹¹⁴ _ MOTA, Nelson (2010). Doméstico da burguesia portuense no final do século XIX, p. 84.

As suas fachadas entregam um determinado gosto, em complexo de diversos elementos ornamentais. Contudo, este enriquecimento de complexidade estética visa não apenas transmitir imponência e ostentação na sua forma, como também, pretende tornar o espaço confortável com uma leitura horizontal, sóbria e simétrica, visando transmitir uma alegre recepção familiar¹¹⁵ [figuras 34,35 e 36].

Deste modo, designa-se e cria-se o decorrer o tempo a Casa d'O *Brasileiro*, que apresenta funções diferenciadas de uma residência comum da época, construídas e adquiridas pela burguesia triunfante com característica nostálgica da aristocracia¹¹⁶. No entanto, a cidade do Porto já implantava casas da burguesia enobrecida portuguesa, mas essas casas não tinham caráter de palacete¹¹⁷.

Tendencialmente, o modelo tipológico de morada para essa nova burguesia abasileirada, tem como características principais as fachadas imponentes e jardins circundantes, diferenciando-se das restantes casas¹¹⁸.

Essas características fazem com que esses edifícios seguissem a tradição dos antigos palácios urbanos, ou seja, *"amplas fachadas em linhas horizontais, de rés-do-chão e andar, enriquecido muitas vezes com um mezanino"*, propriedade de uma classe que pretende afirmar o seu prestígio: *"transferiu para a cidade o conceito de casa senhorial do campo, e fez da sua residência uma espécie de solar urbano"*¹¹⁹.

Os palacetes destacam-se por sua imponente forma de implantação, na maioria das vezes, centralizada no terreno, que acedem por diversos percursos até o interior da residência.

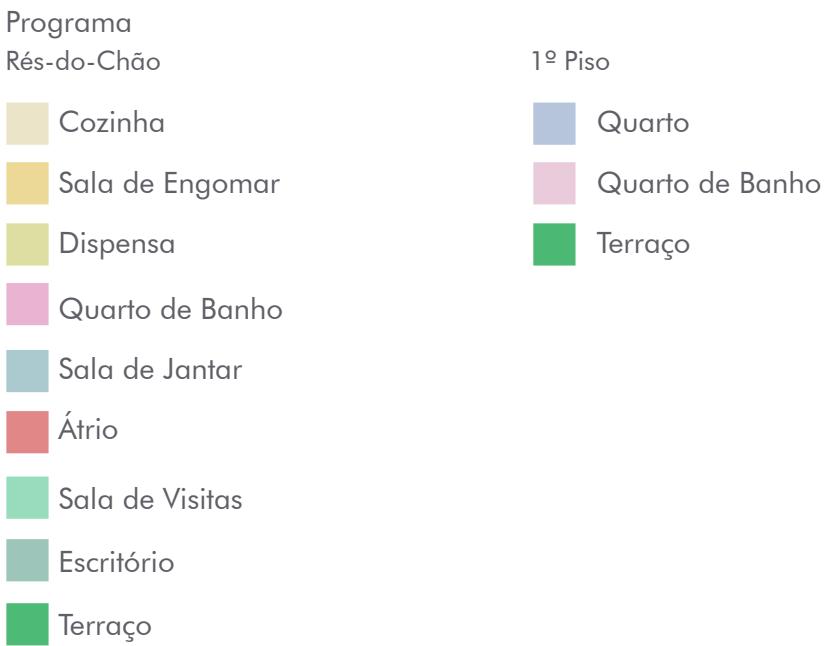
115 _ PIRES, Maria do Carmo Marquês (1940). A Rua Álvares Cabral 1895. Formas de habitar, p. 101-102.

116 _ PEIXOTO, Paula Torres (2008). Palacetes de brasileiros no Porto (1850-1930). Do estereótipo à realidade, p. 48.

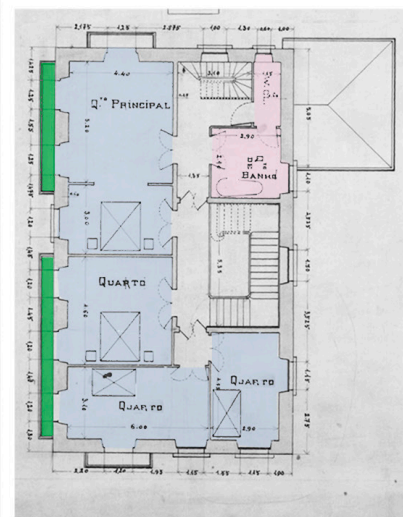
117 _ FERREIRA, Joaquim Jaime (1988). O Porto na época dos Almas, p. 128.

118 _ MOTA, Nelson (2010). Burguesia portuense no final do século XIX, p. 85.

119 _ OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando (1969). Arquitetura Tradicional Portuguesa, p. 319.



[Figura 38] - Planta 1ª Casa de Estudo.



Programa Subsolo

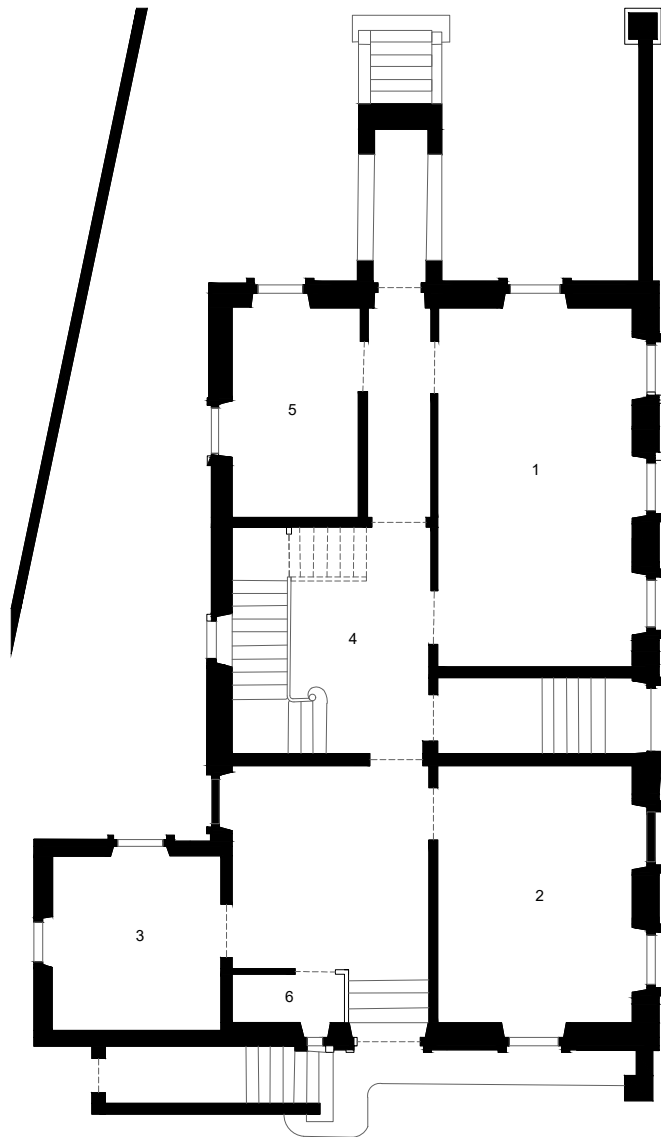
- Adega
- Loja
- Carvoeira
- Quarto de Criado
- Átrio

Rés-do-Chão

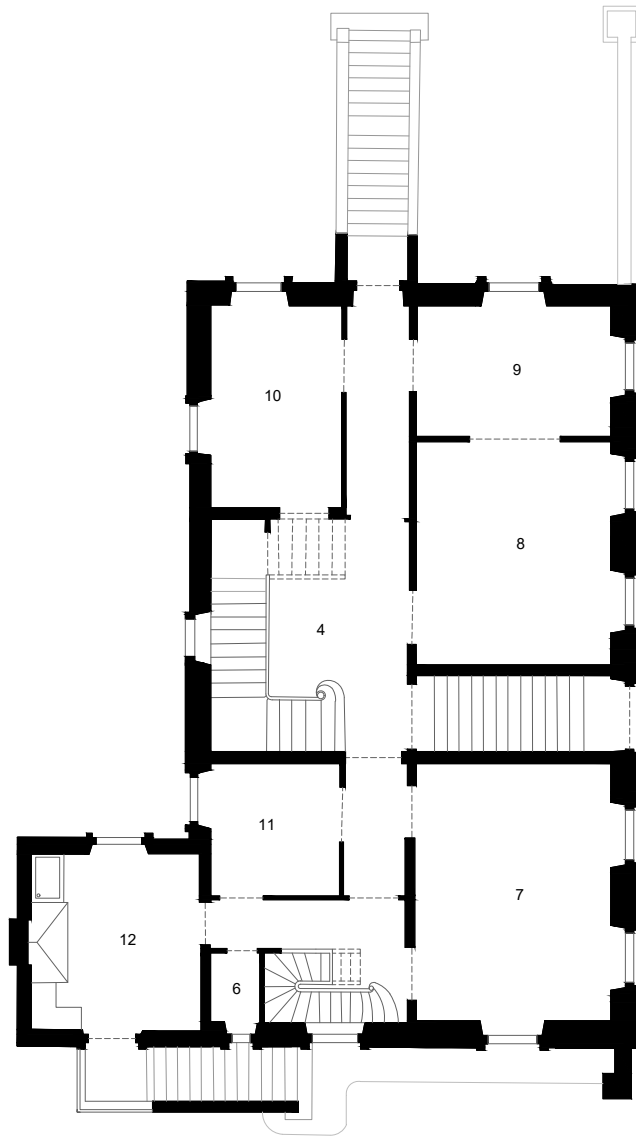
- Cozinha
- Sala de Engomar
- Quarto de Banho
- Sala de Jantar
- Sala de Visita
- Sala de Costura
- Escritório

1º Piso

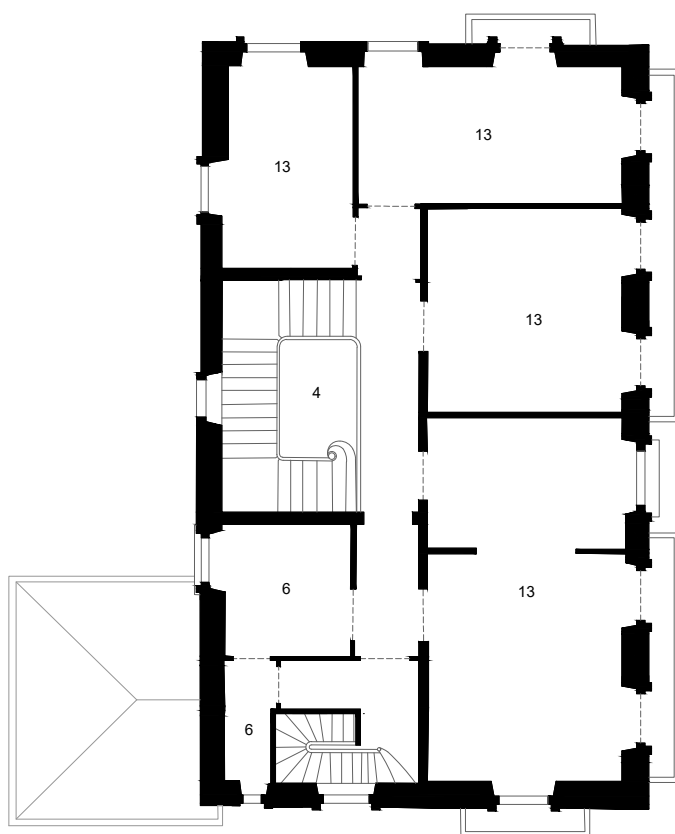
- Quarto de Banho
- Quarto
- Terraço



Piso 0



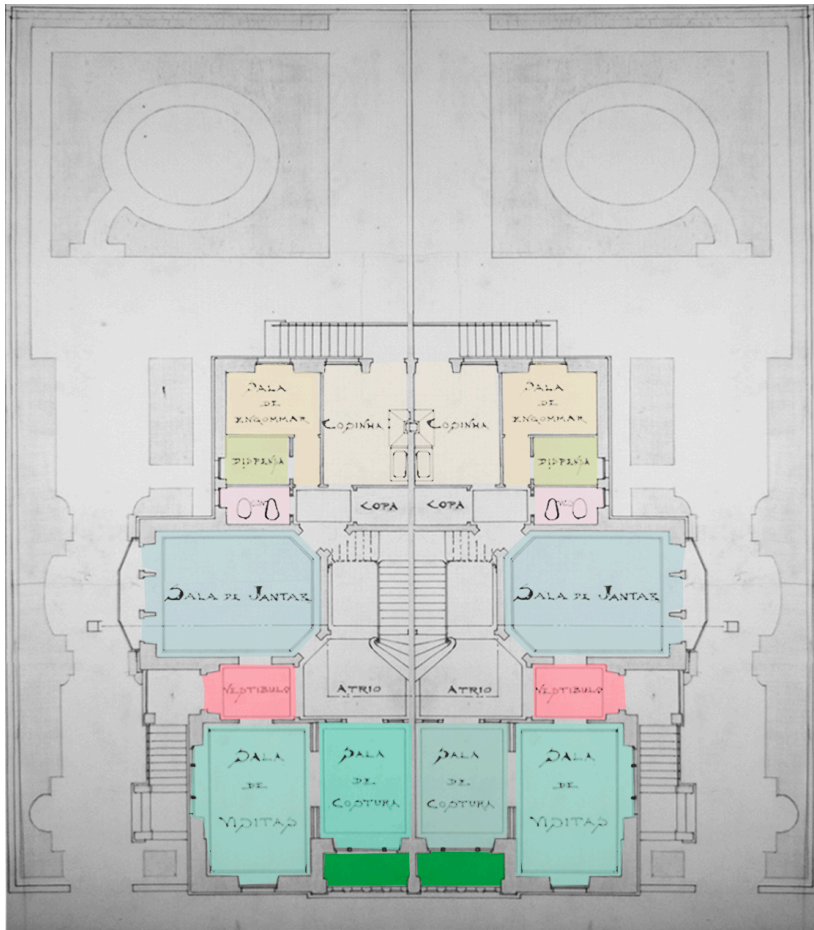
Piso 1



Piso 2

- 1 Loja
- 2 Adega
- 3 Varoeira
- 4 Átrio
- 5 Quarto de Criado
- 6 Quarto de Banho
- 7 Loja
- 8 Sala de Visitas
- 9 Sala de Costura
- 10 Escritório
- 11 Quarto
- 12 Cozinha
- 13 Quarto





Programa

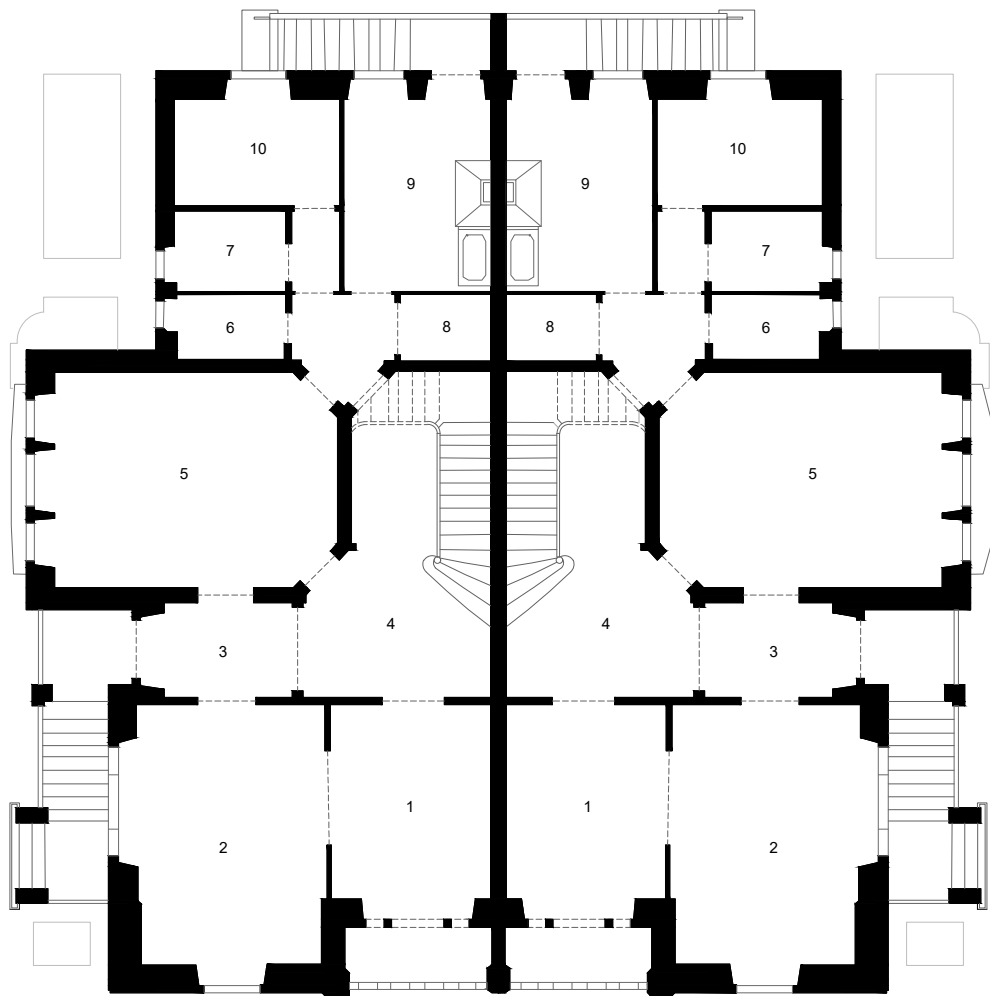
1º Piso

- Sala de Engomar
- Cozinha
- Dispensa
- Quarto de Banho
- Sala de Jantar
- Átrio
- Sala de Costura
- Sala de Visitas
- Terraço

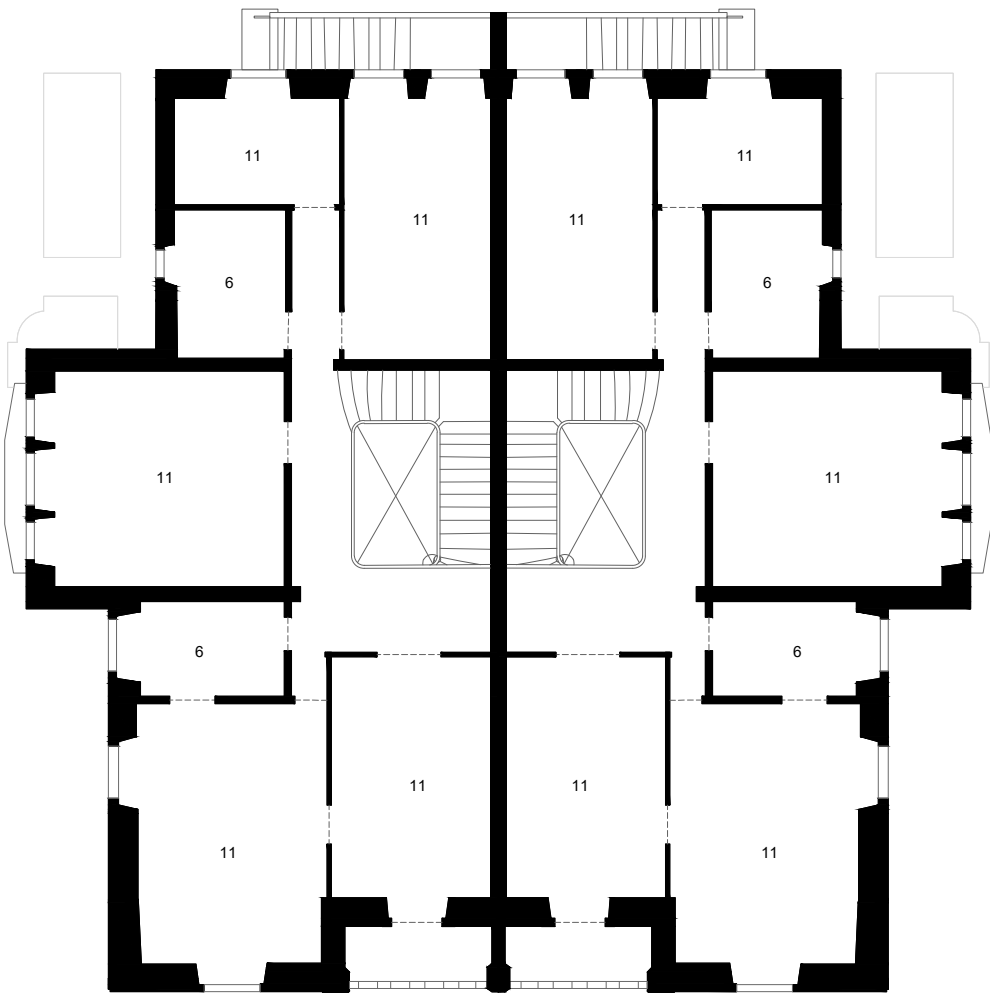


2º Piso

- Quarto
- Quarto de Banho
- Terraço



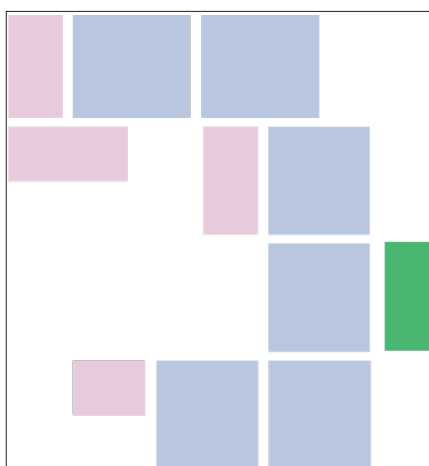
Piso 1



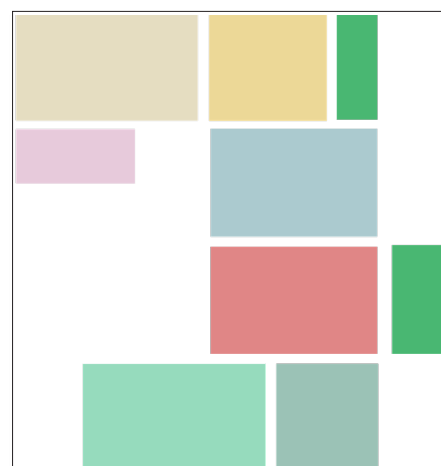
- 1 Sala de Costura
- 2 Sala de Visita
- 3 Hall
- 4 Átrio
- 5 Sala de Jantar
- 6 Quarto de Banho
- 7 Dispensa
- 8 Copa
- 9 Cozinha
- 10 Sala de Engomar
- 11 Quarto

Piso 2

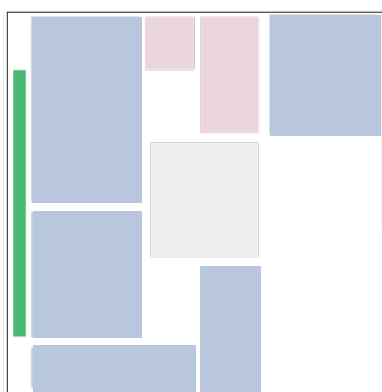




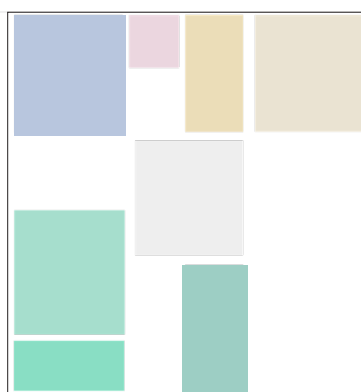
1º Piso



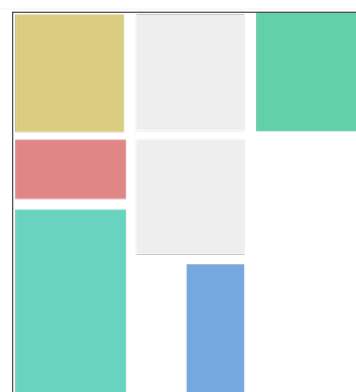
Rés-do-Chão



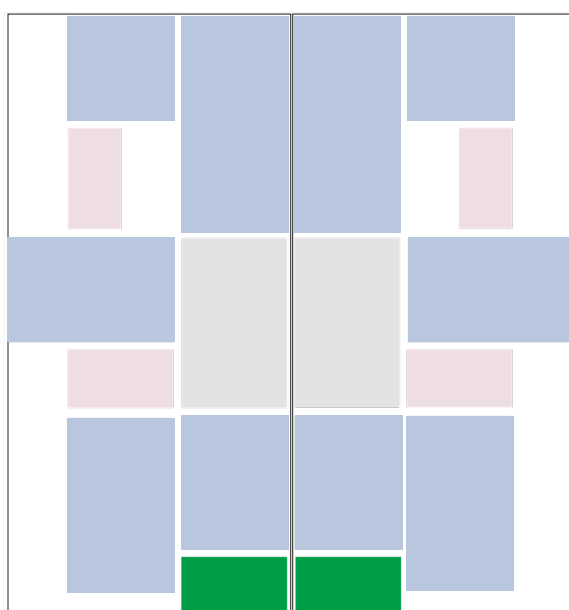
2º Piso



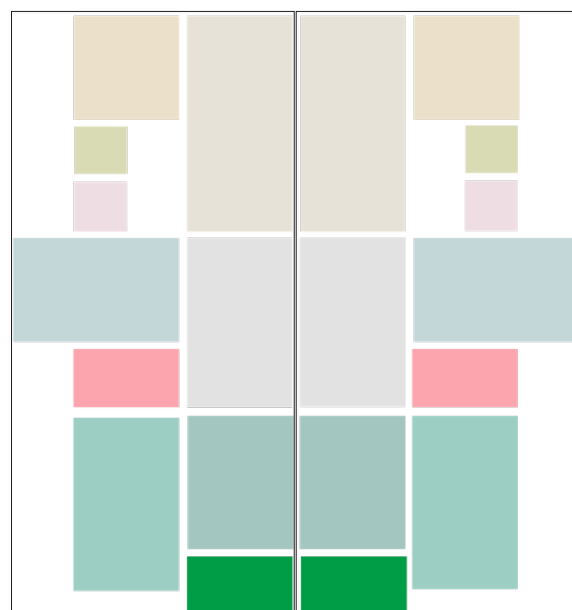
1º Piso



Rés-do-Chão



2º Piso



1º Piso

Programa

CASA DE ESTUDO 1 - Terreno com 658m²

Terreno: 658m²

Área Construída: 253m²

Rés-do-Chão

- 15 m² - Cozinha
- 29,97 m² - Sala de Engomar
- 2,30 m² - Quarto de Banho
- 39,42 m² - Sala de Jantar
- 26,88 m² - Sala de Leitura
- 28,60 m² - Sala de Visita
- 25,55 m² - Átrio
- 9,55 m² - Terraço

1º Piso

- 12,24 m² - Quarto de Banho
- 22 m² - Quarto
- 9,55 m² - Terraço

CASA DE ESTUDO 2

Terreno: 624m²

Área Construída: 200m²

Subsolo

- 48 m² - Adega
- 96,80 m² - Loja
- 25 m² - Carvoeira
- 18 m² - Quarto de Criado
- 42 m² - Átrio
- 3,60 m² - Quarto de Banho

Rés-do-Chão

- 15,96 m² - Cozinha
- 8,41 m² - Sala de Engomar
- 1 m² - Quarto de Banho
- 40 m² - Sala de Jantar
- 22,44 m² - Sala de Visita
- 12,32 m² - Sala de Costura
- 13,19 m² - Escritório

1º Piso

- 8,4 m² - Quarto de Banho
- 22 m² - Quarto
- 12 m² - Terraço

CASA DE ESTUDO 3

Terreno: 1.000m² (500m² cada terreno)

Área Construída: 424m² (212m² cada casa)

1º Piso

- 5 m² - Sala de Engomar
- 22 m² - Cozinha
- 5 m² - Dispensa
- 10 m² - Quarto de Banho
- 22 m² - Sala de Jantar
- 10 m² - Átrio
- 22 m² - Sala de Visitas
- 10 m² - Terraço
- 40 m² - Acessos

2º Piso

- 22 m² - Quarto
- 10 m² - Quarto de Banho
- 10 m² - Terraço

Retoma-se os casos de estudo percebe-se que na 1ª Casa de Estudo, o acesso principal é feito pela sua fachada lateral, mesmo que haja uma das fachadas à face da rua [figura 38]; contrariamente ao acesso da 2ª Casa de Estudo em que se acede diretamente pela via pública [figura 39]; já na 3ª Casa de Estudo, tratando-se de duas residências geminadas, o acesso principal é feito pela lateral de cada uma das casas, ainda que haja a possibilidade de se aceder à face da rua. Claro está que a acessibilidade está inteiramente relacionada com o local em que as casas são implantadas, ou com, as diferentes orientações solares [figura 40].

A corrente de casas ao estilo *brasileiro* tornam-se conhecidas como o “*tipo burguês enobrecido*”, que pretendia “*traduzir o desejo de ostentação das fortunas recentes: é o típico palacete do Porto, misto de casa larga e casa burguesa, com a aparência de um corpo central a sua porta de entrada, e dois andares elevados acima de do rés-do-chão*”¹²⁰.

Partindo do pressuposto, como já referido, que esses *brasileiros*, indivíduos ricos e poderosos, ascenderam à alta burguesia portuense com elevada visibilidade social e que, conseqüentemente, “*deixam a sua marca na paisagem social que os envolve, através de residências faustosas*”¹²¹.

O *Brasileiro* é uma pessoa cosmopolita, vem a ter fortes heranças e memórias em frequentes viagens pelo país e pelo mundo, adquire o conhecimento que serve como referência para idealização das suas residências, “*híbrida confusão alucinada do chalé suíço, do cottage inglês, da fortaleza normanda, do minarete tártaro e da mesquita moura*”¹²².

120 OLIVEIRA, Ernesto Veiga de, GALHANO, Fernando (1969). *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, p. 319.

121 _ MOTA, Nelson (2010). *A arquitetura do quotidiano público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX*, p. 92.

122 _ FRANÇA, José Augusto (1990). *A Arte em Portugal no século XIX*, vol II, 3.ª ed. Venda Nova: Bertrand Editora, p. 172.

Essas referências na memória e da vida do *Brasileiro* fazem com que as opções de linguagem arquitetônica sejam múltiplas: *“Ecletismo, arte nova, Revivalismos, e também o exótico gosto das formas dos chalés, que mais destaca essas casas”*¹²³. Com isso, percebe-se claramente as formas e ornamentos abasileirados traduzidos numa única implantação.

Ainda que, tendencialmente as Casas d’O *Brasileiro* apresentem características multi-estilísticas. Nos casos de estudo escolhidos trata-se de palacetes que seguem referências os séculos passados, sobretudo a neoclássica (onde chamamos de “neos”) e o ecletismo das “*beaux-arts*”¹²⁴.

3.2 FUNÇÃO

Para perceber a função e associar os elementos construtivos nas residências estudadas, é necessário uma breve análise no plano diretor local do início do século XX, o “RGEU - Regulamento Geral das Edificações Urbanas” do ano de 1903, que por decreto¹²⁵, define a altura das fachadas dos edifícios seriam determinadas pelas larguras das ruas e vias.

A Rua de D. João IV, onde se implantam a 1ª e a 2ª Casa, de fato não apresenta uma largura uniforme, o que justifica que a cêrcea de ambas as casas embora sejam iguais, se diferenciem da cêrcea das restantes casas da mesma rua, de aquela época. Para além disso, esta lei do início do século XX, proporciona variações arquitetônicas entre os Casas de Estudo, visto que a 3ª Casa de Estudo fica em outra localidade da cidade do Porto, zona periférica em relação ao centro da cidade, na Rua Gondarém.

123 _ GOMES, Maria Marques Calado de Albuquerque (2010). A cultura arquitetônica em Portugal (1880-1920), p. 353.

124 _ BEAUX-ARTS: Estilo que constituiu um método construtivo com origem na escola de belas-artes estabelecida em Paris no início do século XIX. Para os franceses, este estilo clássico, de composição extremamente cuidada e de grande aparato ornamental, esteve intimamente associado à formação académica em arquitetura. Foi um estilo extramente popular em todo o mundo, com aplicação em todo o tipo de estrutura, dos edifícios públicos aos bancos.

125 _ GOMES, Maria Marques Calado de Albuquerque (2010). A cultura arquitetônica em Portugal (1880-1920), p. 353.

O “Regulamento Geral das Edificações Urbanas” permitia aos Arquitetos e aos proprietários explorarem os diversos meios de construção e ornamentação. Tais como, artes dos ofícios, sendo elas: serralheria (ferro forjado ou fundido), a aplicação das guardas avarandadas, bandeiras e pórticos, janelas e portas, cantaria especializada em elementos estruturais, e também, outros elementos ornamentais como altos e baixos relevos. Assim, faziam-se com que as técnicas de produção fossem aprimoradas, como nos azulejos padrões com estampas em alto relevo (positivo e negativo), esmaltados e com figura diversificada.

Existem vários fatores estéticos que geram perguntas a quando da análises da funcionalidade das moradias de Joaquim Soares da Silva Moreira. As três casas localizadas na cidade do Porto, denotam-se edificações construídas no mesmo período e projetadas pelo mesmo Arquiteto José Marques da Silva. Deste modo, ainda que as casas tenham sido edificadas no mesmo período, apresentam linguagens estéticas e artísticas bastantes diferentes umas de outra.

Os elementos atrás referidos são uma constante nas fachadas desta linha arquitetônica. O ferro é bem utilizado, como vemos, nas fachadas das moradias estudadas nas quais é possível verificar a sua aplicação em diferentes elementos, como por exemplo: portões, guarnições das janelas e varandas.

Nos edifícios correspondentes destacam-se o trabalho de cantaria. Nota-se na 1ª Casa o uso de grinaldas no remate das entradas principais. Já na 3ª Casa, sobressai o carácter orgânico dos volumes nas laterais, evidenciando através de formas fluidas e elementos arredondados desenvolvidos em diferentes planos, especificamente na forma que se dá a entrada principal do edifício à face da rua.

Apesar de ter contrapontos (diferenças entre os Casos de Estudo) as conjugações das três artes (ferro, reboco e cantaria de granito), são bem evidenciadas nas três casas, e fazem com que o recurso a esses ofícios sejam constantes nas edificações.

Apesar do Arquiteto adotar características “neos”, torna-se uma forma revivalista do panorama cultural do século XX, que se encaixa nas ideias arquitetônicas das residências estudadas. A coexistência de diferentes correntes adapta-se ao gosto do proprietário, refletindo na predominância destes estilos, que já vinham do panorama oitocentista.

Para além da já referida características dominante dos “neos” o Arquiteto revela através das artes e ofícios as influências que adquiriu do ecletismo das *Beaux-Arts*.

Alguns Arquitetos como Marques da Silva, servem como exemplo das muitos profissionais desta área que emigraram para outros países, especialmente para a França, como forma de complementarem a sua formação. Posteriormente essa formação é representada na arquitetura portuguesa¹²⁶. Consequentemente, essas experiências complementam e complexificam o ornamento dos edifícios¹²⁷.

Ofícios esses como a técnica do ferro fundido, generalizam-se na produção arquitetônica portuguesa, que criaram novos meios tipológicos¹²⁸, e sobretudo a partir de 1900, aparecem os arabescos¹²⁹ inseridos na estética da época.

Aurora Conde descreve em 1967 sobre a Casa d’O Brasileiro: “*floresce pela cidade a nova varanda, sem estilo próprio, espelho fiel da arquitetura do século*”¹³⁰, com diferentes estilos decorativos, independentemente do material escolhido, destacava-se o movimento ondulatório das peças, com um caráter orgânico dos volumes. Pelos quais se percebe através da forma a evidência, do movimento em diversos pontos da fachada¹³¹.

126 _ ALMEIDA, Pedro Vieira de (1986). “História da Arte em Portugal”, vol. 14. Arquitectura Moderna. Alfa, (Direcção com José Manuel Fernandes; texto com Maria Helena Maia), p. 91.

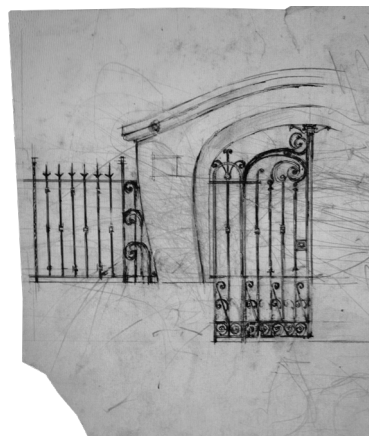
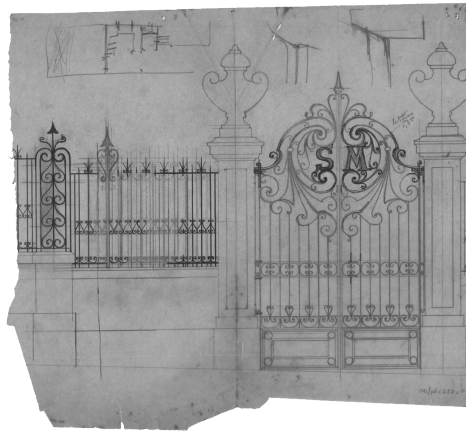
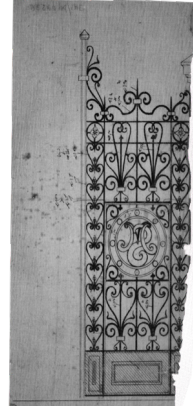
127 _ AURORA, Conde (1967). Postigos e outros ferros da cidade do Porto. Porto, p. 7-8.

128 _ QUEIROZ, José (2011), p. 230 e 926.

129 _ ARABESCO: é uma elaborada combinação de formas geométricas. Os arabescos são elementos da arte Islâmica. A escolha das formas geométricas e a maneira como devem ser usadas e formatadas é fruto da visão Islâmica do mundo.

130 _ CONDE, Aurora (1967). Varandas, janelas, postigos e outros ferros da cidade do Porto, p. 11.

131 _ MODERNISMO: é um conjunto de movimentos culturais que permearam as artes e o design da primeira metade do século XX. Em geral se diferenciam e até mesmo se antagonizam, sendo eles: Futurismo, Expressionismo, De Stijl, Construtivismo, Bauhaus, O Estilo Internacional, Minimalismo, Art Déco, Arquitectura Orgânica, Design Dymaxion, Patrimônio e Brutalismo.



[Figura 41,42 e 43] - Portão Principal da 1ª Casa de Estudo com os caracteres das iniciais do apelido do proprietário e Desenho do Pormenor do Arquiteto Marques da Silva.

Acrescendo-se às diferentes possibilidades das artes e ofícios, o uso do betão armado que cada vez mais se destaca, como vemos no 3ª Casa de Estudo: em seu pórtico de entrada face à rua, visa formas e elementos possíveis pelo uso do cimento, possibilitando que a economia financeira da obra seja real na criação de novas formas de modulação.

[Figura 44 e 45] - Portões Principais da 2ª Casa de Estudo com caracteres das iniciais do apelido do proprietário e Desenho do Pormenor do Arquiteto Marques da Silva.

Esta 3ª Casa de Estudo segue aproximada ao gosto pela *“Art Déco”*¹³². Este gosto é notório e tende para a geometrização dos elementos decorativos, como nos portões em ferro forjado. Ao mesmo tempo, verifica-se que é usado o reboco na fachada principal de forma mais acentuada, contrariamente às outras duas casas de estudo. Afirma-se que a aplicação desses ornamentos ao estilo *“Déco”* são de rigor excepcional.

[Figura 46 e 47] - Portões Principais da 3ª Casa de Estudo e Desenho do Pormenor do Arquiteto Marques da Silva.

Apesar das diferentes estéticas existentes nas três casas, destaca-se, através do uso do reboco e da cantaria, que há semelhanças entre as três edificações¹³³. Assim, tal como a restante cidade nesta época (arquitetura do reboco) é bastante expressiva, se reflete deste modo, nas três moradias, tal como a cantaria de pedra e sua estereotomia, presente no lambrim. Esses ofícios ajudam a criar os estilos arquitetônicos¹³⁴, e proporcionam uma edificação de alvenaria argamassada¹³⁵.

As *“imagens luminosas, em alternância à densidade do granito aparente, que associa às arquiteturas ecléticas e eloquentes do início do século passado”*. Sinteticamente, podemos perceber que, apesar do uso do reboco e cantaria de pedra nas três casas é expressamente claro que a 1ª e a 2ª Casas se expressam estilos *“neos”*, enquanto na 3ª Casa, se destaca consideravelmente *“Art Déco”*.

132 _ ART DÉCO: Na década de 1920, inúmeros designers franceses promoveram um estilo que modernizou a decoração. Rejeitando as tradicionais formas decorativas arquitetônicas dos períodos clássicos e góticos, procurara inspirar-se e fontes tão longínquas como Antigo Egito, apostando em combinar cores e padrões vívidos com as linhas modernas. Deste processo resultou o estilo de grande impacto no período entre guerras.

133 _ CAMPELLO, António Ferreira de Lima Cabral (1992). Um olhar sobre a arquitetura do prédio de rendimento no Porto e a Rua de Sá da Bandeira como sua metonímia, p. 209.

134 _ IDEM – Ibidem, p. 209.

135 _ CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de (1992). O Arquiteto José Marques da Silva, p. 656.

A “luminosidade” a que nos reporta António Carvalho, das expressões da *“Art Déco”*, era também adquirida através da aplicação da cor (geralmente de tons claros) no reboco¹³⁶, que ao contrário do que acontece com outros estilos na arquitetura portuense, não representava uma ruptura marcante face à evolução estilística usada até então. Sucedeu-lhe *“num processo gradual de continuidade com a tradição clássica e local, por vezes reinventada nestas arquiteturas”*¹³⁷.

Gradualmente começam a surgir nestas casas *“tendências radicais”*, tal como, acontece em alguns pontos da cidade do Porto. Inicialmente, através da redução dos *“motivos meramente decorativos, desaparece a estilização da natureza do “Art Déco”, mas permanecem as grelhas geométricas, os rasgos abrem-se diretamente no reboco e usam apenas as demarcações do material, substituem-se as cornijas por molduras em remate em platibanda, alternando as cantarias com as alvenarias”*¹³⁸, entretanto *“os beirais e a silhueta de paredes lisas recorta-se no céu, numa aproximação gradual a uma imagem de modernidade”*¹³⁹.

Essa tendência decorativa também expressa na Casa d’O Brasileiro, leva a que a arquitetura das fachadas passa a ser planejada e plenamente integrada num *“modernismo mais despojado de ornamento, racional e purista”*¹⁴⁰. Assim, sobretudo, a partir dos anos 1940, em que se aproximam os fundamentos do *“Movimento Moderno Internacional”*, torna-se uma nova influência na arquitetura. Esta internacionalização da arquitetura, é também visível na utilização de azulejo nas fachadas, refletindo também a aprendizagem obtida na Escola de Belas Artes do Porto¹⁴¹.

Os elementos que compõem as fachadas dos casos de estudo organizam-se de forma vertical, simplificada por poucos ornamentos e reforçada estruturalmente, que faz uma ligação ao Modernismo¹⁴².

136 _ CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de (1992). O Arquiteto José Marques da Silva, p. 656.

137 _ IDEM – Ibidem, p. 656.

138 _ IDEM – Ibidem, p. 656

139 _ CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de (1992). O Arquiteto José Marques da Silva, p. 656.

140 _ FERREIRA, Nuno (2010). Um dos ícones portuense, p. 40.

141 _ MARTINS, Fausto (2001). História e iconografia, p. 159.

142 _ AURORA, Conde (1967). Varandas, janelas, posticos da cidade do Porto, p. 11.

Com artérias associadas ao gosto “*Art Déco*”, cria-se uma tendência de decoração e conforto.

Em análise às fachadas, apresenta maiores cuidados na pormenorização dos ornamentos, em sua maioria privilegiando materiais nobres. Definido assim, o gosto do proprietário e influências arquitetônicas tende a ser perceptível, por exemplo: a 3ª Casa é mais simples na materialidade, pois as 1ª e 2ª Casas são mais ornamentadas.

As casas de estudos assemelham-se nas características de seus alçados, percebe-se que há herança do uso respectivos materiais. O As Pilastras¹⁴³ para dividir os vãos e as Colunas¹⁴⁴ que emolduram os vãos e as extremidades, faz a ligação com os Cunhais¹⁴⁵. Por sua vez, as fachadas contêm uma linguagem decorativa considerável sobre a cataria saliente.

Os lintéis inseridos na estrutura da porta principal faz com que as aberturas das janelas seguissem essa linha de pormenorização (percebe-se na 2ª Casa de Estudo). Em estudo frontal, tem como evidências as portas com varandins no andar nobre (2º piso), que são rematadas pela platibanda saliente e são protegidas por guarda metálica (2ª Casa de Estudo). Sobretudo, as varandas também são balaustradas (cantaria de granito) e destaca-se a simplicidade e clareza dos conceitos que suportam a composição na fachada. (3ª Casa de Estudo).

Nas fachadas dos palacetes são comuns os usos de janelas de peito, janelas de sacadas e varandas com diferentes dimensões, criando diversos ritmos (com acabamento em reboco, como acontece no 3º Caso de Estudo). Esses ritmos das sacadas e varandas, são também sublinhados pelo uso de frontões de diferentes formas

143 _PILASTRAS: é um pilar fundido numa parede (o termo também pode ser utilizado, contudo, para elementos isolados da parede). Apresenta as mesmas divisões de uma coluna, por vezes canelada e ornada. Sua função pode ser de dar estrutura às paredes, sustentar entablamentos, cornijas de portais etc. Pode ter uma forma aproximadamente prismática, com quatro faces.

144 _COLUNAS: é um elemento arquitetônico destinado a receber as cargas estruturais verticais de uma obra de arquitetura (arco como barramento, arquivolta, abóbada) transmitindo-as à fundação.

145 _CUNHAIS: é uma ligação perfeita entre as fachadas de edifícios formando um ângulo, termo que define a pedra talhada, que faz a ligação entre duas paredes da fachada.



[Figura 48, 49, 50 e 51] - Alçado Lateral Esquerdo da 1ª Casa de Estudo, Alçado Posterior, Vista Lateral Esquerda e Acesso do Terraço do Alçado Posterior.

(curvo e triangular), uso de peitoris, ombreiras e linteis das janelas salientes, ou pela presença de frestas (com funções de iluminação e ventilação). Muitas das sacadas são sustentadas por mísulas, que podem também aparecer enquanto apoio a outros elementos, como janelas, beirados e floreiras, possuindo ou não ornamentação, essa composição torna o volume composto e simétrico.

Logo, as varandas das entradas principais são rematadas com vãos abertos nas fachadas, contornados por perfis de granito, montados com a altura desejada e com o batente embutido na sua forma, constituindo as ombreiras as vergas. São, por sua vez, compostas por duas peças justapostas formando o batente. Esses perfis, podem também ser por motivos decorativos, sendo mais comuns os que estão virados para a rua.

[Figura 52 e 53] - Alçado Lateral Esquerdo da 2ª Casa de Estudo e Pormenor do Ornamento do Jardim no logradouro.

Nessas casas as portas principais exteriores, *“(...) tinham duas folhas de abrir, constituída por três couceiras (marco da porta que se pregam as dobradiças), duas laterais e uma intermédia, duas travessas, um interior e outra posterior e duas almofadas, salientes do plano do caixilho e com toda a sua altura. O caixilho da bandeira era constituído unicamente por duas couceiras e duas travessas, preenchidas com um vidro único. A separar a bandeira da porta situa-se a travessa da bandeira, elemento marcante, pela dimensão ou pelo pormenor do ornamento”*¹⁴⁶.

[Figura 54 e 55] - Fachada Principal face a rua da 2ª Casa de Estudo e Fachada Lateral Esquerda com a escada de acesso ao 1º Piso.

Essas estruturas (caixilharia das janelas), têm um peso considerável, movimentavam-se através de dobradiças de ferro que se fixavam à cantaria dos vãos (chumbo).

Já, as janelas das fachadas laterais e frontal face à rua, funcionam com um sistema de batente, isso se generaliza por toda a casa, com duas folhas e compostas *“(...) por uma esquadria de couceiras e travessas, divididas por pinázios e travessas intermédias, preenchidas com vidros e almofadas. Nas travessas inferiores são fixadas pingadeiras ou borrachas, para evitar a entrada de água, e a uma das dobradiças de batente é pregado um perfil de batente, a servir*

146 _TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004). Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX.

de mata-juntas. Os caixilhos das bandeiras são apenas constituídos por uma esquadria de dobradiças de travessas, dividida por tiras de madeira, segundo variadas formas e estilos”¹⁴⁷. Resta referir que esta estrutura está separada de uma bandeira de caixilho fixo.

Os vidros, com espessuras que podem ir dos 3 aos 5 mm, são fixados pelo lado de dentro do aro com um mata-juntas em madeira contra o aro de batente. Já a estrutura da janela é fixa aos vãos, usando chumbadouros com que os fixam as dobradiças. No parapeito coloca-se a tábua de peito que encaixa na soleira para formar o batente. Nos pisos superiores são acrescentadas a estas janelas as bandeiras, que têm uma forma ogival e necessitam de um aro de madeira para se fixarem à parede.

No interior a caixilharia dá continuidade aos princípios construtivos do exterior. As portas incluem sempre uma bandeira e caixilho com vidro para melhorar a iluminação dos espaços mais internos. São formados com uma ou duas folhas de abrir, constituído por uma esquadria de tábuas com 3 cm de espessura¹⁴⁸, solução aplica nas três Casas de Estudo.

Nas Casas de Estudo, percebe-se que a materialidade do revestimento predominante é a cantaria, como no acabamento das escadas das entradas laterais e nos revestimentos das cornijas e dos cunhais. (1ª Casa de Estudo). Por vezes, também aparecem, nas posteriores, marquises, com estruturas em ferro, vidro, cimento e/ou cantaria (como vemos na 2ª Casa).

Nos alçados posteriores as caixilharias diferem do alçado frontal face à rua. O seu uso destina-se a varandas auxiliares no andar nobre (geralmente no 1º piso), para a contemplação da vista do jardim e, também, o acesso direto ao exterior privado. Estes elementos são facilmente perceptíveis, pois sua função é tornar o ambiente mais acolhedor, como no alçado lateral da 2ª Casa de Estudo.

147 _TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004). Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa na cidade do Porto entre os séculos XVII e XIX.

148 _ IDEM – Ibidem.

As fachadas laterais e posteriores merecem o mesmo tratamento, que a principal face à rua, como vemos nas três casas de estudo. Contudo, nas fachadas laterais, na 1ª Casa de Estudo vê-se a entrada em escadaria junto uma varanda ampla.

Em outros casos, nas fachadas posteriores são usadas diversos elementos de destaque, tais como floreiras e colunas. Em minoria nos Casos de Estudo, nas fachadas laterais e posteriores da habitação adota-se a mesma linguagem artística que nas fachadas principais, tanto servindo como acesso dos serviços, como o acesso para a cozinha, copa e a sala de engomar, mas com pormenores menos trabalhados, características perceptivas na 3ª Casa de Estudo.

Os ambientes de serviços tinham uma concentração de atividades de estar diurno como espaços internos, que incluir as refeições correntes, cabendo às salas a representação do estatuto social, ou a função específica que lhe é atribuída apenas para dias de festas. Com essas características, a cozinha, por ter o fogão que concentrava um sistema de serpentina para aquecer a água que servia posteriormente para os banhos, água quente constante. Logo em determinadas Casas de Estudo a lareira poderia ter pouco uso¹⁴⁹.

Com o avançar dos anos, verifica-se que essas estruturas das Casas d'O *Brasileiro* ficaram mais complexas, isto é, maior número de corpos em diferentes planos, introdução de diferentes materiais e diferentes formas de concepção dos elementos de ornamentação.

Os elementos decorativos e de ornamentação tornam-se mais eloquentes e variam de acordo com o poder aquisitivo da família. Surgem, em meados do século XX, com mais frequência a cantaria lavrada, acabamento rústico, alvenaria e azulejo misturado com as fachadas caiadas. É curioso notar, que simultaneamente, se verificava uma tendência oposta aos ornamentos exagerados das Casas de Estudo e que, em outras obras (Casas Burguesas Portuenses) na sua maioria apresentam linhas mais sóbrias e modernas e com menor predominância de elementos decorativos.

149 _ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 178.

A 1ª Casa e a 2ª Casa de Estudo exemplificam a concepção de diferentes linguagens estéticas no mesmo período e para a mesma tipologia arquitetônica, bem como, a utilização de diferentes volumes e formas nos corpos construídos.

Quanto à volumetria dos edifícios, destaca-se o seu carácter vertical, sobretudo na Casa d'O *Brasileiro*, no qual, é frequente uma volumetria que caracteriza uma horizontalidade e propositalmente monumental. Em todos os exemplos referidos, as Casas de Estudo são implantados à face da rua, libertando o restante do terreno para área íntimas no exterior do edifício para jardins e espaços de estar ao ar livre.

Assim, tipologias internas variam de um caso para outro, por exemplo, a 3ª Casa, por ser geminada, comporta mais de uma família, com influências nos seus pormenores e acabamentos em "Art Déco". Já a 1ª e 2ª Casa, são fortemente influenciados pelo modelo de Palacete Burgues Portuense. Globalmente, nota-se o uso de materiais nobres, como a cantaria em pedra granítica (quase sempre ao nível no rés-do-chão), a cantaria lavrada (sobretudo no envasamento) ou o granito polido.

Esses materiais, destacam-se também, em elementos ornamentais geométricos e vegetais em relevo (como vemos nos portões de entrada lateral da 1ª Casa). Com linhas sóbrias em alguns casos nas Casas de Estudo, a ausência de elementos decorativos (como vemos na 3ª Casa de Estudo). A ornamentação das fachadas dar lugar a uma estética baseada na alternância de cheios e vazios, no uso de diferentes volumetrias (nomeadamente através da varanda na fachada), na utilização de materiais e nos jogos de claro e escuro criados pela conjugação de todos estes materiais e técnicas.

A diversidade dos ofícios escolhidos nas Casas de Estudo se funde na edificação, ofícios esses: pedreiros, ferreiros e marceneiros, quer na estrutura da fachada, quer nos seus elementos ornamentais internos. Posto isso, essas Casas de Estudo, têm aspectos morfológicos em suas tipologias sendo abordados por outros arquitetos em diferentes

épocas. Os pisos são decorados hierarquicamente de acordo com suas funções e uso do proprietário.

O sistema de circulação das Casas de Estudo tem distribuição diferenciada entre elas. As divisões são realizadas após a recepção do *Hall* de entrada, composto por vestíbulos e patamares, seguindo de átrio, corredores e galerias que levam as escadas principais e de serviço.

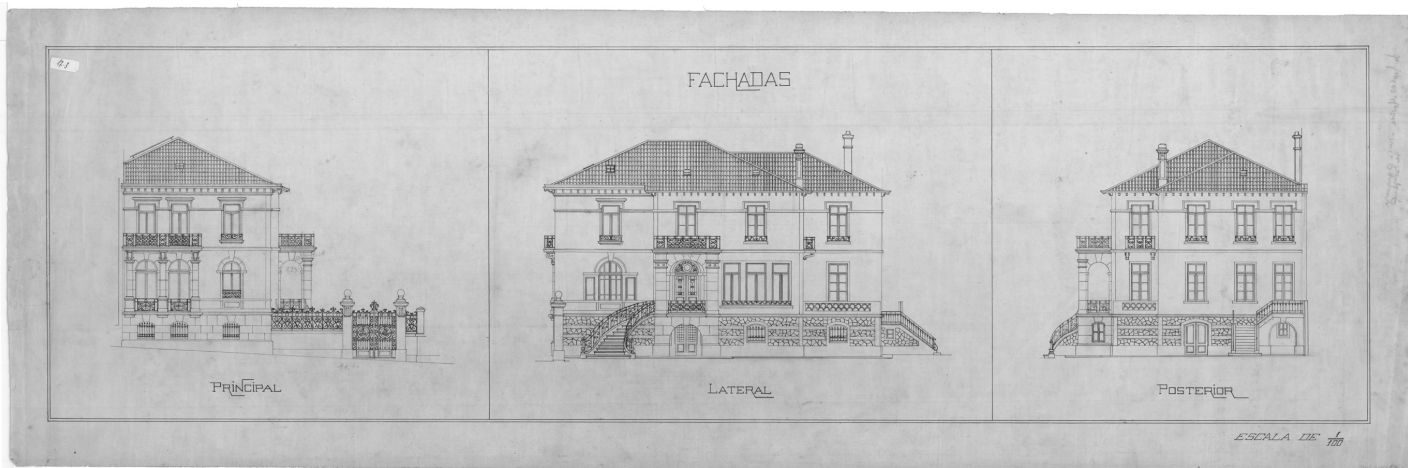
Quanto às circulações verticais, geralmente realizadas de forma hierárquica, fazem-se pelas escadas principal, e escadas de serviço (em análise, a escada de serviço encontra-se presente na 1ª e 2ª Casa de Estudo, assim exclui-se a existência da mesma na 3ª Casa).

A escadaria principal faz a comunicação entre todos os pisos em uma zona centralizada, enquanto que as escadas de serviços são usadas para fazer a ligação em todos os pisos principalmente nas áreas serviço, como: cozinha, caves e águas-furtadas (1ª e 2ª Casa de Estudo).

Ao analisar os pormenores dos acessos verticais, definidos e adotados nos edifícios, vemos que cada degrau de escadas tem normalmente duas ou três balaustres em madeira podendo ser trabalhadas esquadriadas que vencem a distância até ao próximo patamar. Logo, cada patamar é formado por um conjunto de detalhes, os primeiros podem estar apoiados nas vigas do piso ou nas paredes da caixa de escadas, patamar de piso ou de patamar intermédio, os segundos vão-se apoiar quer nas cadeias, quer nas paredes de meiação¹⁵⁰.

A parte inferior dos lanços de escadas e dos patamares são rebocados a argamassa de cal, saibro e areia, estucada com gesso, e com remate lateral dos lanços é feito com um rodapé que serve de apoio a uma guarnição que se encaixam os balaústres. Com isso, o lado oposto aos balaustres, existe um rodapé para fazer a transição da escada para a parede, os degraus com os seus respectivos espelhos

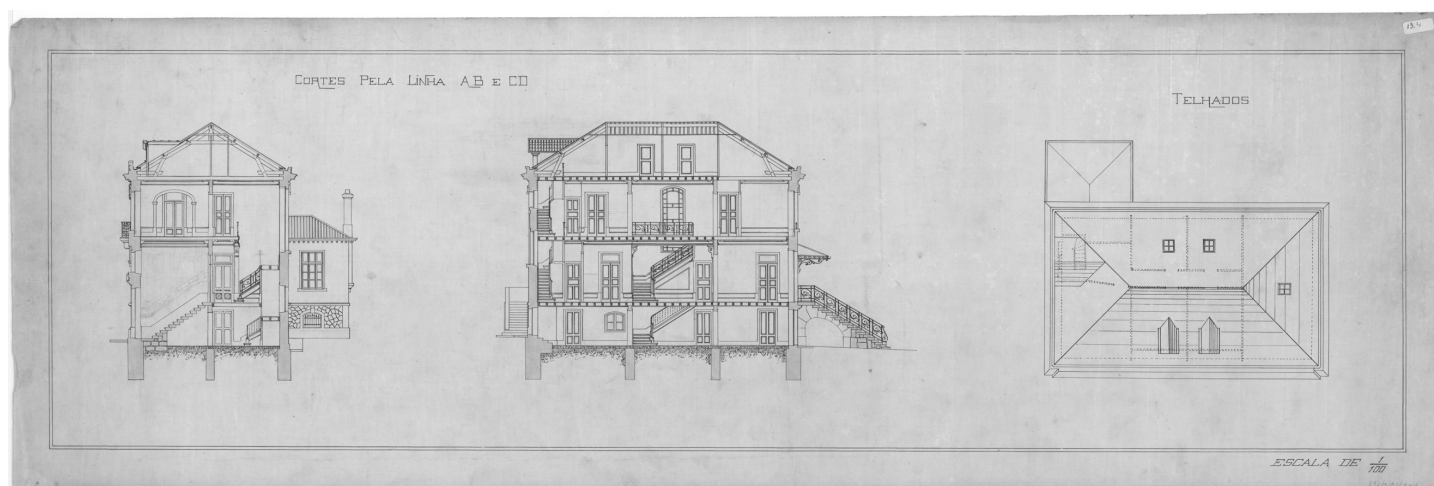
150 _TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004). Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX.



Alçado Frontal Face a Rua.

Alçado Lateral Esquerdo

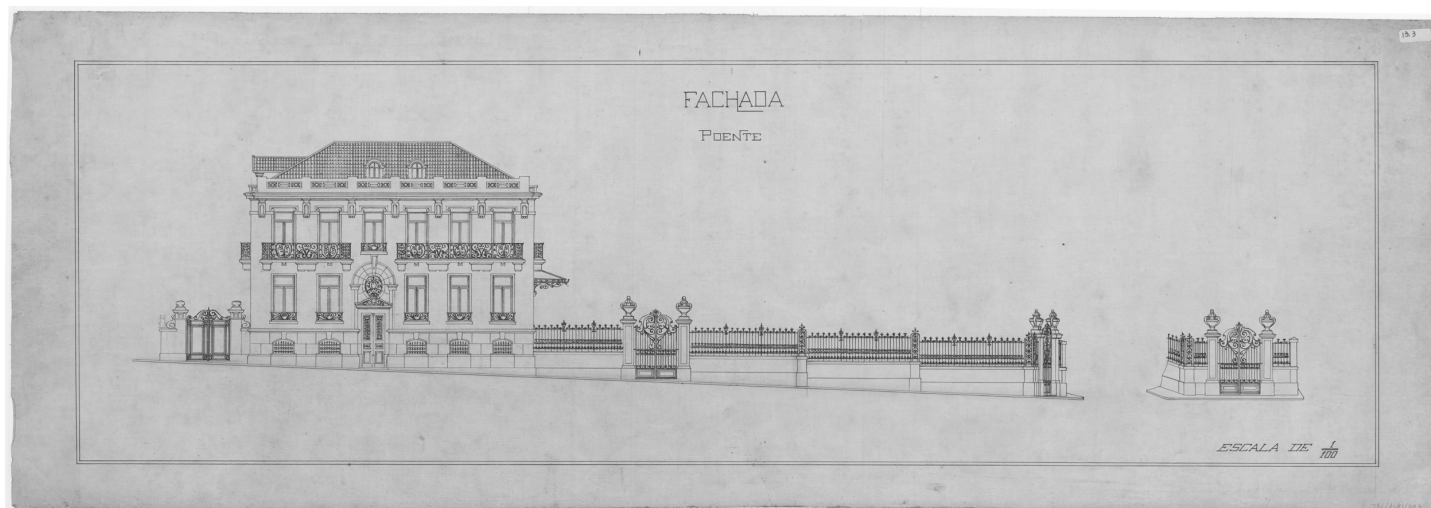
Alçado Posterior



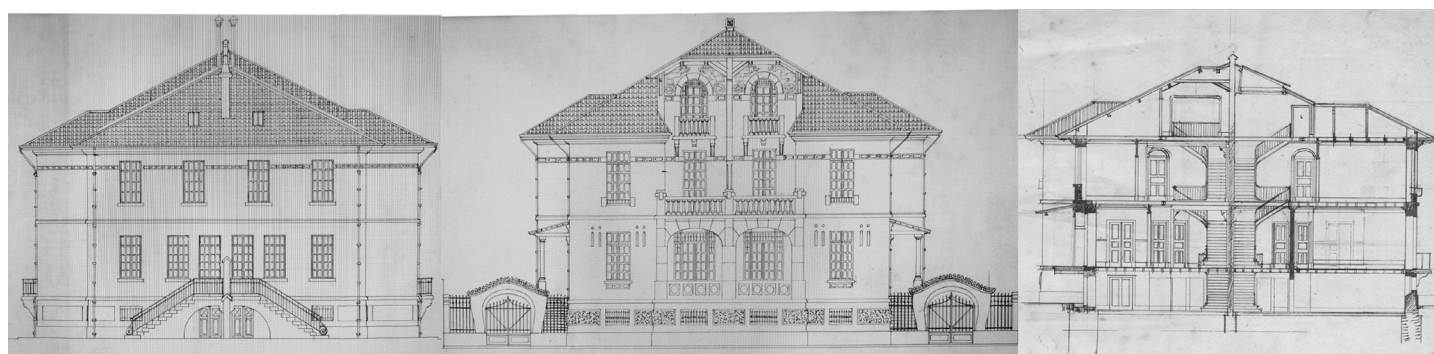
Corte Transversal

Corte Longitudinal

Planta de Cobertura



Alçado Frontal Face a Rua



Alçado Lateral Esquerdo e Direito

Alçado Frontal Face a Rua

Corte Longitudinal

e são cobertos espessuras respetivamente de 2 e 4 cm, que são encaixados sobre remate de tábuas¹⁵¹.

Sobre a escada encontra-se uma claraboia, circular ou elíptica, mas de base cônica (1ª e 2ª Casa de Estudo). A abertura de um vão de escadas obriga a que se interrompe a estrutura do piso, pelo que é necessário usar vigas para a abertura do vão apoiando-se nas vigas existentes e permitindo a distribuição da carga de maneira distribuída.

Em muitas Casas Burguesas no Porto, foram acrescentados pisos posteriormente, estes eram normalmente construídos com paredes em tabique simples ou tabique reforçado, sendo estas variações do tabique misto, que consiste em barrotes quadrados de 7 cm de lado organizados como frechais, prumos, travessanhos, escoras e vergas, preenchidos com pedra ou tijolo, já as técnicas anteriores substituíam o preenchimento por um tabuado duplo com uma espessura de 2 cm¹⁵². Deste modo, as escadas principais das três casas de estudo assemelham-se a estruturas, técnicas e estéticas, das casas construídas nas casas burguesas.

As escadas de serviços, localizadas nas fachadas posteriores, permitem a ligação aos logradouros (pode ser feita através de escadarias exteriores). Função como varandim de entrada auxiliar, nesse caso, já acontece na 2ª e 3ª Casas de estudo.

Os projetos de estudo escolhidos de habitação unifamiliar são destinados exclusivamente ao uso da habitação. Com isso, corresponde com o rés-do-chão mais dois pisos acima da soleira e um subsolos onde se localizam predominantemente as adegas, loja e quartos de empregados, locais para guardar a lenha e carvão (carvoeira) como podemos ver nos desenhos da 2ª Casa de Estudo. No rés-do-chão da rua Dom João IV existiam as cozinhas, sala de engomar, despensa, salas de jantar e de visitas, escritórios e uma casa de banho.

No 1º piso existia também quartos de dormir e de vestir. No que se trata de higiene pessoal, um dos quartos de banho tem a função de servir o quarto principal, e a outras para servir os demais quartos.

151 _ COSTA, F. Pereira da. Enciclopédia Prática da Construção Civil Madeiramentos e Telhados - Edição do Autor.

152 _ IDEM – Ibidem,

As casas da foz, tal como já referido, são duas habitações geminadas, com subsolo, rés-do-chão, 1º Piso e águas-furtadas, onde o seu caráter de conjunto confere ao volume uma certa unidade e monumentalidade de um palacete. Quanto à análise funcional, no rés-do-chão, voltadas para o logradouro, encontra-se a cozinha (com acesso direto para o átrio central) a sala de engomar a despensa e o quarto de banho, a sala de jantar com acesso ao átrio vira-se para o átrio lateral, já na sala de visita e a sala de costura, ficam voltadas para a rua. Assim, no 2º piso através de um átrio central, no qual se chega pela única escada interna da casas, se distribui para dois quartos de banho e cinco quartos. Já as águas-furtadas eram ocupadas pelos quartos dos empregados e encomendas de serviço¹⁵³.

Deste modo, devido a simetria das habitações, as residências são autônomas com entradas e saídas independentes¹⁵⁴. A exceção do subsolo que é comum a ambas as casas, encontra-se semienterrado com ventilação direta para a rua, com um acesso para cada pátio. Nos pisos superiores, este átrio se mantêm ou permitem uma nova circulação horizontal, criando um eixo na habitação, que é feita a partir de escadas, encontra-se centralizadas junto ao átrio se tornando mais visível e de fácil acesso dos ocupantes da residência.

As semelhanças entre os Casos de Estudo relativamente aos seus acessos na comunicação do interior para o exterior, das áreas comuns e das áreas privadas. Percebe-se que existe uma coerência para organização hierárquica das funções e espaços que constituem as casas. Assim, as cozinhas e salas localizam-se sempre ao mesmo nível, enquanto os pisos superiores encontram-se os respectivos espaços exclusivos para a família.

Os palacetes, rigorosamente definidos como a casa dos sonhos dos *brasileiros*, executados de forma mais inovadora, mesmo seguindo os parâmetros de projetos do século XIX, com diretrizes funcionais distintas que se adapta de acordo com o gosto do proprietário¹⁵⁵.

153 _ PIRES, Maria do Carmo Marquês (2000). A Rua Álvares Cabral. Formas de habitar (1895-1940), p. 103-107.

154 _ TAVARES, Domingos (2015). Casas de Brasileiro, p. 171.

155 _ PIRES, Maria do Carmo Marquês (2000). A Rua Álvares Cabral. Formas de habitar (1895-

Paula Torres Peixoto, na sua investigação *“Palacetes de Brasileiros no Porto”* percebe-se que *“o programa de necessidade revela a nítida vontade em diferenciar zonas de serviço, zonas privadas ou íntimas e zonas públicas ou de representação social, traduzindo o duplo desejo de preservar a intimidade e simultaneamente pôr em prática os costumes e rituais de sociabilidade, esses são componentes indispensáveis à legitimação do estatuto social”*. Deste ponto de vista, estes palacetes são representados em raiz clássica, que se torna uma marca forte na simetria e equilíbrio das proporções do volume edificado¹⁵⁶, as funções e distribuição do espaço faz com que o entendimento na hierarquia dos elementos da casa seja mais definido.

3.3 ESTRUTURA E MATERIALIDADE

Embora haja uma diferença alguns anos desde a construção da 1ª Casa a 3ª Casa, o sistema construtivo e os materiais utilizados não apresentam grandes diversidades, mas as ligeiras variações contribuem para um discurso estético diferenciado para cada uma das casas.

Tendo em consideração que os Casos de Estudo encontram-se atualmente modificados, com a sucessivas intervenções e reabilitações, não é possível atualmente compreender a olho nú, quais seriam atualmente os revestimentos internos, assim como, não é possível compreender a tipologia na organização das funções originais das casa no seu interior. Deste modo, para melhor compreendermos a originalidade das casas da época foi necessário complementar o estudo com recurso a textos sobre outras Casas d’O Brasileiro, assim como auxiliar o estudo com textos que nos falam sobre os métodos construtivos da mesma época.

As fundações de cada casa tornam-se interligadas e contínuas, em paredes de perpianho¹⁵⁷, garantindo uma melhor descarga do peso. Este perpianho é colocado na horizontal, travado com a argamassa,

1940), p. 116-121.

156 _ PEIXOTO, Paula Torres (2008). Do estereótipo à realidade, p. 228.

157 _ PERPIANHO: é um tipo de cantaria que tem toda a largura da parede em que entra (atravessa uma parede dum lado a outro) e é aparelhada nas quatro faces.

que é normalmente constituída por cal ou cal hidráulico e saibro, servindo para a regularização da parede. Esta estrutura distribui-se dada a dimensão e isolamento do volume da casa no lote, no interior do perímetro da residência.

Nas paredes exteriores são comuns os usos de alvenaria com diferentes espessuras, impermeabilizadas com recursos a argamassa (areia, cal e cimento). A cantaria é o trabalho mais arduo da estrutura da casa, e o perpianho surge em diferentes formas e recursos¹⁵⁸. A fundação revela o cumprimento das normas de construção, engenharia e as normas regulamentares da época (RGEU - Regulamento Geral das Edificações Urbanas de 1903), impunha que os alicerces fossem *“construídos com materiais impermeáveis, ou pelo menos cobertos com uma camada impermeável, 0m15cm acima do solo”*¹⁵⁹.

O ensoleiramento¹⁶⁰ geralmente corresponde a essa *“camada impermeável”*, tornando comum uma camada isoladora na parte superior da fundação. Entretanto, verifica-se que as características das fundações não diferem quanto ao material ou modo de execução, e faz-nos perceber que o estudo das estruturas das casas é datada por volta dos primeiros dez anos do início do século XX, pois esta a seguir todos os parâmetros do RGEU.

Através dos textos da Clara Vale compreendemos melhor as relações que existiam entre os métodos construtivos utilizados na época e as peças escritas usadas pelos autores das obras, tais como a memória descritiva. Assim, tal como outras casas construídas na época, estas (dos Casos de Estudo) fazem-se com que as fundações sejam *“diretas e contínuas”*¹⁶¹ e *“executadas em alvenaria de pedra, geralmente perpianho, formando degraus”*¹⁶².

158 _ VALE, Clara Pimenta (2012). Entre tradição construtiva e modernidade arquitetônica Caracterização construtiva da habitação corrente da cidade do Porto no segundo quartel do século XX, p. 8.

159 _ MINISTÉRIO DAS OBRAS PÚBLICAS: é um regulamento de Salubridade das Edificações Urbanas. Aprovado por Decreto de 14 de Fevereiro de 1903, Lisboa: Imprensa Nacional.

160 _ ENSOLEIRAMENTO: é um elemento estrutural de betão que constitui uma base ou fundação contínua, destinada a evitar assentamentos, é uma laje de grande superfície e espessura reduzida.

161 _ VALE, Clara Pimenta (2012). Entre tradição construtiva e modernidade arquitetônica Caracterização construtiva da habitação corrente da cidade do Porto no segundo quartel do século XX, p. 8.

162 _ IDEM – Ibidem, p. 8.

Acrece-se ainda, que *“existe já alguma forma de padronizar as mesmas dimensões, próximas dos 30 × 60 × 90 cm, ainda que permite a execução da fundação em 3 degraus de larguras diferentes, pela sobreposição das pedras em diferentes orientações”*¹⁶³. Compreendemos que provavelmente as fundações das Casas do Estudo estarão de acordo com as dimensões padronizadas da época. Assim como as fundações terá sido realizada com o mesmo sistema de degraus já referido.

Em termos de revestimento, há referência nos textos contemporâneos, ao recurso do reboco, estuque, tintas, caiação, mármore e cantaria e sobretudo a partir dos anos de 1920, surgem também, os cimentos com ligantes. Já a partir dos anos 1930, é comum não serem referidos em memória descritiva os materiais utilizados, ou apenas se vê referência à argamassa de cal hidráulico. Não é frequente a referência nas memórias descritivas ao revestimento em material cerâmico explícito nos alçados dos Casos de Estudo, apesar de ser evidente nos diversos casos da *Casa d’O Brasileiro*.

A espessuras das paredes exteriores variam entre 30 a 60 cm. Nas fachadas principais são normalmente 30, 50 ou 60 cm, já nas fachadas posterior são 30, 40 ou 50 cm, e as fachadas laterais de 30 ou 50 cm¹⁶⁴. O que nos leva a considerar um seguinte: as espessuras das paredes estavam inteiramente relacionando com a importância estrutural da parede, a necessidade e quantidade de vãos (quanto mais vãos mais espessa seria a parede), além disso as paredes das fachadas principais continham normalmente um trabalho de cantaria mais complexo que obrigaria a que essas sejam mais espessas do que as restantes paredes.

Contrariamente, paredes contém em sua materialidade normalmente tabiques em madeira de pinho nacional, que tendem a ser menos frequentes ao longo do período estudado, foram *“substituídos”* pela pedra de perpianho argamassada as paredes interiores contem uma espessuras de 25, 30 ou 35 cm.

163 _ VALE, Clara Pimenta (2012). Entre tradição construtiva e modernidade arquitetônica Caracterização construtiva da habitação corrente da cidade do Porto no segundo quartel do século XX, p. 8.

164 _ IDEM – Ibidem, p. 8.

Os revestimentos mais comuns nas paredes são: o reboco, o estuque e a caiação; surgindo-se da madeira, cada vez menos frequente na maior parte dos casos. Na cozinha usa-se frequentemente o mosaico, e quartos de banho é habitual o tijolo (furado ou vazado) assentado com cimento, e lambris de azulejo nas paredes até à altura de 1,50 m.

Os telhados das Casas de Estudo, que caracterizam diversos tipos formas e desenhos, são baseados numa estrutura simples que permite o aproveitamento da cobertura. Toda a estrutura é feita em ripas, e está apoiada numa viga transversal que liga as duas paredes de meação podendo ou não, ser novamente travada por outra viga mais curta com dois terços de altura, que se dispunham em forma de tesoura. Com o aparecimento da telha Marselha, foi possível construir telhados com maiores pendentes, que resulta em coberturas de duas ou mais águas¹⁶⁵.

As claraboias das Casas de Estudo são semelhantes a da Casa Burguesa, variavam a sua forma, entre as quadrangulares com um sistema construtivo mais simples, e as circulares ou elípticas são mais complexas, ambos os tipos eram possuidores de um lanternim. A colocação de uma claraboia quadrangular obriga à interrupção quer da estrutura da cobertura, quer nas vigotas que assenta o telhado, usando-se duas vigas principais, para dar mais sustentação a estrutura do telhado¹⁶⁶. No espaço entre estas duas estruturas, é empregado uma série de vigas em madeira que servirão de parede da claraboia, essas duas vigas, bem como os barrotes do teto ajudam a definir o local onde esta vai assentar. Já o lanternim pode ser colocado sobre o vão aberto com a pendente do telhado ou projetar-se para fora do plano do telhado.

As claraboias circulares ou elípticas seguem as mesmas bases construtivas, as paredes do cone apoiavam-se no teto e na cobertura através de barrotes em forma quadrada com seção medindo entre 7 cm de lado, onde se apoiava o lanternim. Estas

165 _TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004). Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX.

166 _ IDEM – Ibidem.

estruturas, são estucadas interiormente sobre uma argamassa de cal e saibro realizada em cima de um fasquiado pregado ao cone da claraboia. Nas claraboias curvas, o fasquiado pode ser colocado diagonalmente reduzindo o risco da estrutura se partir. Pelo exterior, aplica-se chapa zincada, tornando mais fácil a impermeabilização do telhado, principalmente se comparado com a proteção oferecida pela telha. Esses lanternins, eram construídos em estruturas metálicas com cantoneiras em perfis “T”, que fixavam os vidros¹⁶⁷.

Na visita ao local seja perceptível o processo que as paredes das casas estudadas foram feitas, mantendo as características externas na sua naturalidade, percebe-se que os materiais em sua estrutura são em perpianho de granito, assentados em argamassa (cal e saibro) e são revestidos por camadas de material isolador. Tendencialmente, verifica-se que os revestimentos são reconhecidos como, cimento, reboco e cal, mudando de acordo com a vivência de cada espaço.

Apesar das Casas de Estudo não apresentam azulejo no revestimento exterior, a “tradicional” junção, azulejo e cantaria, foi popular a partir do século XIX. Os autores citam que as Casas d’O Brasileiro, como sendo uma *“raramente eram revestidas somente com pedra à vista, as frontarias são em geral lisas e rebocadas logo no século XIX em diante, revestidas de azulejos, ora de desenhos singulares, ora formando conjuntos, nos casos mais notáveis, em painéis que imitam tapeçarias, com uma barra no contorno, e vemos um conjunto de revestimento exterior em azulejo...”*. Assim, caracteriza o alçado de forma sinuosa.

Porém, a complexidade e expressão estilística, que em outros casos, é transmitida pelos desenhos da azulejaria. Essas complexidades que enriquece e caracteriza a especialidade do Caso d’O Brasileiro, é dada, nas três Casas de Estudo, pela cantaria, mas também pelos detalhes sinuosos da serralheria, sobretudo nos portões e nos parapeitos das três propriedades. Podemos considerar que a ausência do azulejo enquanto revestimento se deve a dois factores principais.

167 _ COSTA, F. Pereira da. Enciclopédia Prática da Construção Civil Moderamentos e Telhados - Edição do Autor.

Em primeiro lugar, as argamassas no início do século XX, teriam uma melhor capacidade de solamento e impermeabilização do que as usadas no século XIX. Logo, o uso do azulejo enquanto necessidade construtiva perde o seu valor. Em segundo lugar, tende em considerações que as três Casas de Estudo se tratam de obras constituídas durante as vanguardas modernistas, a ausência de azulejos, transmite não só uma pureza construtiva na qual ajudava a destacar ainda mais os detalhes da *“Art Déco”*, como afastava a relação do azulejo com os clássicos e já ultrapassadas casas oitocentista, conferindo às Casas de Estudo mais “modernidade”.

Podemos dizer que, os azulejos tornam-se *“...Tão característico do Porto, prolongar-se nos modernos edifícios de concreto, adaptando-se a uma técnica e estética inteiramente nova”*¹⁶⁸. E com isso, percebe-se também as habitações no período liberal que *“dominam os mesmos materiais e sistemas construtivos: o granito, a madeira e o ferro. Surge a aplicação de um novo modelo de azulejo de formato retangular e biselado”*¹⁶⁹, com as dimensões aproximadas a um tijolo. As paredes exteriores destas habitações são predominantemente revestidas com estes azulejos, em substituição da tradicional caiação”. Este autor (Câmara Municipal do Porto) menciona também, que os vãos de portas e janelas são em cantaria¹⁷⁰.

A estrutura do soalho é formada por vigas de madeira maciça com diâmetros entre 20 a 30 cm, nunca tendo mais de 7m de comprimento, e 50 a 70 cm de afastamento entre si. Cada viga é apoiada nas extremidades nas paredes de meação, onde podiam entrar entre 2/3 à totalidade da sua espessura, estes encontram-se travados por tarugos, que por sua vez, se encontram afastados entre si 150 cm.

168 _ OLIVEIRA, Ernesto Veiga (2003). *Arquitetura Tradicional Portuguesa*, p. 344.

169 _ BISELADO: é um corte de aresta viva no vértice de um ângulo diedro (formado pelo encontro de dois planos).

170 _ A “postura sobre caiações, pinturas, caleiras e reparos exteriores de prédios” era aplicada a todos “os prédios particulares e suas pertenças, as fachadas interiores, posteriores, laterais e as sobre pátios ou saguões anteriores, as empenas, coberturas e muros de vedação, assim como escadas” CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO. Edital de 10 de Dezembro de 1923.

As vigas cilíndricas em madeira, utilizadas para permitir uma aplicação mais fácil, tanto do soalho como do teto, são pintados com óleo, zarcão ou alcatrão, por motivos de conservação e impermeabilização. Por cima desta estrutura era pregada um tabuado que foi anteriormente encaixado, usualmente em madeira de pinho, com comprimento variável até 10 m, podendo ter entre 2,5 a 5 cm de espessura, e 12 a 30 cm de largura. Posteriormente todo o soalho é afagado e encerado (envernizado)¹⁷¹.

O teto poderia ser revestido em madeira ou gesso, o primeiro consiste num tabuado simples ou em duas camadas pregadas diretamente à estrutura de suporte, em certos casos, o teto pode ter ornamentos em talha, sendo isso, usada uma estrutura em forma de masseira fixada aos paus cilíndricos, já para o teto em gesso, é necessário criar uma estrutura de suporte com barrotes de 7 cm por 5 cm com um espaçamento entre 50 cm, onde se pregam fasquios (madeira cerrada em pequenos tamanhos) e que permite normalizar e arejar a superfície do teto. Em seguida, eram colocadas duas camadas de argamassa, uma sobre os fasquia, que continha saibro e cal, e outra que ia por baixo contendo areia fina e cal. É esta última camada que vai permitir a colocação do estuque de gesso, sem qualquer desnivelamento ou irregularidade¹⁷².

Os motivos decorativos aplicados no teto eram trabalhados com espátulas, em alguns casos, feitos moldes em barro ou gesso e cola, que posteriormente eram convertidos em cera e aplicados no teto, alguns deles eram pesados e exigiam o uso de pregos para ajudar a suportar o seu peso. Com isso, esse tipo de ornamento era acabado com tinta e permitindo outras aplicações com diversos tipos decorativos¹⁷³.

171 _ TEIXEIRA, Joaquim José Lopes (2004). Descrição do Sistema Construtivo da Casa Burguesa do Porto entre os séculos XVII e XIX, p. 28.

172 _ IDEM – Ibidem, p. 28.

173 _ IDEM – Ibidem, p. 28.

Partido desse pressuposto, os pavimentos de quase todas as divisões são em soalho, sobretudo de pinho nacional, excluindo as casas de banho e a cozinha. O pavimento térreo onde se localiza as caves, dos anexos e das varandas eram habitualmente em madeira sobre caixas-de-ar, verificando-se ao longo do período em estudo uma tendência para a sua substituição nesses ambientes, por pavimentos em betonilha (argamassa, cimento e areia).

Em muitos casos a betonilha é colorida e aparece misturada com outros elementos, como o mosaico, o soalho ou a cortiça para ajudar no isolamento térmico. Esta diversificação estará associada ao fato de estes espaços passarem cada vez mais a integrar o espaço habitável, pois a aparente mudança traz benefícios na qualidade do habitar.

Portanto, António Cardoso em 1992 no Livro sobre o arquiteto José Marques da Silva, descreve sobre as casas de Joaquim Soares da Silva Moreira, *“A visão global dos projetos, com a cuidada execução da obra de pedreiros dos metros Gomes e Ramalhão, com a utilização dos melhores empreiteiros e dos melhores materiais, traz a acento de uma teoria de palacetes que se ajustava ao local e às exigências de um encomendador, se não de gosto, pelo menos de estatuto social que os exigia, sequer na aparência, num esquema evolutivo”*¹⁷⁴. Por esse discurso, os edifícios têm sua característica própria que se enquadra nos valores patrimoniais, a sua convicção física de memória que é primordial para a sua existência, *“e que o esforço notável do arquiteto, visto que devem ser analisados em profundidade aos hábitos que ali irá habitar”*¹⁷⁵.

174 _ CARVALHO, António Cardoso Pinheiro de (1992). O Arquiteto José Marques da Silva, p. 656.

175 _ VIEIRA, Siza (1998). Imaginar a Evidência, p. 39.

3.4 SÍNTESE - MEMÓRIA E CONSERVAÇÃO

Na opinião do arquiteto italiano Giorgio Grassi (1935-)¹⁷⁶, a casa unifamiliar *“reflete de modo exemplar a crise da arquitetura moderna”*. O autor refere que a maneira de habitar já retratada ao longo do estudo, entende-se *“como se tratasse, não de uma forma fixa no tempo pela prática e uso, mas antes de uma coisa que pode ser, de cada vez, submetida a discussão e, por consequentemente reinventada, a casa unifamiliar sofreu todo o tipo de violação, consideradas como símbolos desta ou daquela tendência de investigação formal. Desde então, as suas formas elementares têm estado sobrecarregadas de novos significados plásticos e funcionais”*¹⁷⁷.

A Casa d'O Brasileiro, como fenómeno arquitetónico cultural português e sua importância histórica na herança das cidades, é primordial entender quem foi o seu proprietário, suas práticas, ritmos e costumes minimamente caracterizados nas casas. Infelizmente grande parte deste tipo de estruturas encontram-se em estado de degradação, abandono ou com intervenções *fachadistas*, na qual se compreende que existe um particular abandono, dos elementos que enriquecem e caracterizam o estilo deste tipo de casa.

As estruturas destas habitações dada a sua importância na época são de áreas consideravelmente generosas para hoje em dia, o que leva, a que no processo da reabilitação as antigas funcionalidades relativas a habitação unifamiliar sejam convertidas em outros tipos de uso, que por vezes acaba por justificar as intervenções mais radicais exercidas sobre uma antiga habitação em ruínas.

Porém, uma melhor compreensão das mais valias da conservação e memória da Casa d'O Brasileiro, enquanto contribuidora para representar importações estilísticas na passagem do século XIX para o XX, sobretudo no que diz respeito aos apontamentos de *“Arte Nova”* e *“Arte Dácó”*.

¹⁷⁶ _ GIORGIO GRASSI: é um arquiteto italiano, nascido em Milão, 27 de outubro de 1935.

¹⁷⁷ _ GLASSI, Giorgio (1980). La Architettura como Oficio y Otros Escritos. Barcelona, Editorial Gustavo Gili, p. 229.

Muito semelhante ao que tem acontecido com as restantes casas do período oitocentista nos centros históricos, também na Casa d'O *Brasileiro* a preservação se encontra principalmente nos elementos de relação com o exterior, como é o caso dos portões, as guarnições, cantarias e o desenho da caixilharia (que embora, na maioria das vezes não sejam originais, o desenho atual transmite alguma memória do desenho original).

Relativamente aos casos de estudo, as casas da rua Dom. João IV, são exemplos claros do exemplo anteriormente referido, que dada a sua dimensão os proprietários atuais converteram as antigas instalações em um programa de escritórios e hotelaria. Nas casas da Foz, na Rua do Gondarém, uma das propriedades encontra-se ainda com o uso residencial, e a outra atualmente como escritório de advocacia. Apesar disso, a 3ª Casa de Estudo, é que aparenta o melhor estado de conservação.

No entanto, perceber os valores de conservação e enquadrar os conflitos que podem apontar em diferentes direções interventivas. A exigências da paralisação das etapas de degradação do monumento no período de existência, e conservando o seu estado através das possíveis intervenções humanas, mantendo intocada a originalidade do monumento, adaptando ao uso contemporâneo, permite que estas habitações perdurem ao longo dos tempos.

Tal como no romantismo, a visão e o interesse pelas ruínas é um sintoma de decadência moral e social. Ao se tratar a Casa d'O *Brasileiro*, como uma ruína e objeto de contemplação ou um símbolo de uma era perdida, que ao mesmo tempo caracteriza alguns elementos relacionados ao património¹⁷⁸ a ser designados como monumento histórico.

178 _ PATRIMÔNIO: é a forma como temos olhado para os edifícios históricos sofreu grandes alterações no decorrer dos últimos 150 anos. De ser completamente ignorada pelas autoridades, a arquitetura histórica passou a elemento central de nosso património, num movimento que conduziu a uma preservação muito mais rigorosa, mas que por vezes também esteve associado a uma imagem falsa ou nostálgica do passado. Em Portugal, D. João V estabeleceu em alvará de 1721 as bases históricas de conceito de Património e sua gestão.

De tal forma, ao observar os efeitos da passagem do tempo, foram-se desenvolvendo noções de restauro, junto com a nostalgia¹⁷⁹ que cria a utilização do espaço. Ainda assim, vale a pena mencionar que a teorização sobre conceitos em torno da ruína, como restauro¹⁸⁰, reconstrução e reconstituição. As opiniões dividem-se, não existe uma, mas várias formas de cuidar da paisagem construída entendidas como corretas pelos seus autores, o que muda é o compromisso com o passado e com a passagem do tempo.

Como no século XIX existem essencialmente duas posturas contraditórias nomeadamente: John Ruskin é a favor da preservação, o património faz sentido do modo que nos chega. O seu estado pitoresco é autêntico, restaurar tira a sua originalidade. O discurso de Ruskin, entretanto, é a continuação de um discurso romântico, onde as ruínas são sobrevalorizadas, relativamente a outros períodos. Hubert Robert, Piranesi e Friedrich, são de alguns dos autores que giram em torno das ruínas, e constroem parte significativa da sua obra em torno deste tema. Com isso, a identidade visual da ruína nesta época é algo que fez marcas no tempo e não devem ser eliminadas. Mantendo o que está sem alterar nada, para que as gerações futuras possam usufruir do desgaste do tempo¹⁸¹.

A outra postura existente até o século XIX é de Viollet-le-Duc, no entanto, é a favor do restauro, o aperfeiçoamento do edificado. Ao contrário das afirmações de Ruskin, acredita que restaurar é um dos melhores caminhos a seguir, porque devolve as obras desocupadas a sua eventual dignidade perdida.

179_ NOSTALGIA: é as suas ascensões nos aspectos deste movimento de preservação que nem sempre foi considerado benéficos. O trabalho desenvolvido de muitos conservacionistas, por proprietários que abriram as suas portas ao público e instalaram parques de visitas, tornando uma empresa de interesse histórico turístico, transformando o património em uma indústria, ancorada por um passado parcialmente fictício, proporcionando uma visão parcial da história.

180 _ RESTAURO: é durante séculos, perante a necessidade de reparar um edifício degradado, procedia-se à substituição das estruturas danificadas de acordo com o gosto da época, pelos que os edifícios antigos convertiam-se gradualmente numa singela manta de retalhos de estilos. Todavia, em finais do século XVIII, um novo conhecimento da história da arquitetura medieval, aliado a um vigoroso revivalismo religioso, levou os arquitetos a repensar as suas técnicas. Surgiu, assim, a moda de substituir as antigas estruturas por um estilo semelhante ao utilizado na Idade Média: Nascia o restauro.

181 _ RUSKIN, John (1956). *Las Siete Lamparas de la Arquitectura*. 2. ed. Buenos Aires: El Ateneo Editorial, p. 291.

Estas ideias contrariam a natureza de obras que se sujeitem a um restauro. No entender deste autor francês, restaurar não significa reparar, nem devolver ao estado original: significa antes criar a melhor obra possível a partir do original, a criação de um novo estado que pode nunca ter existido, como as transformações tecnológicas, com o foco a consolidação do patrimônio, com base no estilo em que a obra se insere. Restaurar pode ser um ato criativo que confere dignidade à obra que a ela se sujeite¹⁸².

Já no início do Século XX, também Alois Riegl se pronuncia sobre o patrimônio. Na sua obra *“O Culto Moderno dos Monumentos”* de 1903, defende a ideia de que restaurar interfere na leitura da obra, e muda-lhe os critérios de análise a que está sujeita.

O restauro, portanto, deve ser pensado de acordo com o tipo de obra que a ele se sujeita. *“Se em uma torre é removida em poucas pedras sobrepostas e fores substituída por novas, o seu valor histórico não sofrerá uma perda de sua fisionomia original, dado que, a sua forma original, permanece e encontra-se suficientemente conservada para a apreciação de todos os elementos históricos importantes, de tal modo que todas as pedras retiradas e trocadas ficassem em sua forma original, que possa não perder o seu valor de antiguidade, sobretudo que aquelas pedras, sendo novas as suas cores, sobrepondo meticulosamente a imagem do antigo, que podem atingir níveis perturbadores”*¹⁸³.

Mais contemporaneamente, Françoise Choay (1925-), como já foi referido anteriormente, a noção de conservação e restauro ao longo dos séculos evolui de acordo como a sociedade e vai atribuindo a importância da passagem do tempo¹⁸⁴.

182 _ VIOLLET – LE-DUC (1996). “V - Restauração e Ant-Restauração, in: Questões Históricas e Filosóficas no Patrimônio Cultural da Conservação. Los Angeles: GC, p. 47-55.

183 _ RIEGL, Alois (2013). O culto moderno dos monumentos. Lisboa: Edições 70, p.41. ALOIS RIEGL: Nascido em Linz, em 14 de janeiro de 1858, falecido em Viena, 17 de junho de 1905, foi um historiador da arte pertencente à Escola de Viena de História da Arte.

184 _ AGUIAR, José (2002). Cor e cidade histórica: conservação do patrimônio. Porto: FAUP, p. 48.

Pode-se considerar válido, que os atuais proprietários das Casas d' O Brasileiros, tenham uma detalhada análise morfológica e tipológica das casas estudadas, percebendo, qual foi o seu "*valor histórico*", e reconhecendo o todo potencial dada ao "*valor de memória*". Assim, como, o "*valor de antiguidade*" tem a sua originalidade e faz-se perceber os pormenores da época de construção, fazendo com que a utilização das ferramentas necessárias no ato de projetar seja claramente utilizada a favor da edificação no seu estado original.

4.CONCLUSÃO

Através do estudo, podemos compreender que o valor histórico e artístico da Casa d'O *Brasileiro* não está nas técnicas estruturais usadas nas suas casas, pois estas construam-se de forma bastante semelhantes aos palacetes da época. A principal característica construtiva que reflete o estio em estudo encontra-se na ornamentação, na implantação das propriedades, e fundamentalmente na distribuição das funções que compõem o uso habitacional dessas casas. Assim, o contributo (do *brasileiro*) para a história da habitação em Portugal durante a segunda metade do século XIX e até a primeira metade do século XX, está inteiramente relacionado com a sua posição na sociedade e seu modo de vida, assim como, a necessidade de exaltar esses diferenciais.

Existe uma correlação entre o ser imigrante brasileiro e o manifesto artístico das suas casas. Existe claramente por partes dos proprietários dessas casas uma intenção de expressar novidade, reverência e nobreza, fruto do desejo demonstração social do seu enriquecimento na abertura para a novidade do exótico.

Estas propriedades merecem a nossa total atenção porque representam construtivamente a memória de um período migratório, que influenciou a sociedade e sua economia e várias intervenções na cidade nessa época. Muitas destas famílias, proprietárias das Casas de Estudo, eram detentoras de um vasto patrimônio fabril e industrial, que ajudou contribuiu para o impacto na revolução industrial das cidades em Portugal.

A família Soares da Silva Moreira foi usada na presente dissertação como ilustre reflexo do que acabamos de referir, de tal forma que tal família merecia, o ilustre Arquiteto Marques da Silva, com os seus conhecimentos da "*École Nationale et Spéciale des Beaux-Arts*" de Paris, poderia contribuir para as necessidades expressivas e vanguardistas da família "brasileira" sem perder completamente a relação com a Casa Oitocentista.

Dizer que à morfologia do espaço envolvente da casa estudo, é primordial o conhecer nos seus mínimos detalhes a sua implantação e apresentar diferentes possibilidades de organização e composição, que variam de acordo com a tipologia, ou do modo em que o edifício se implanta na malha urbana da cidade que é o extrato socioeconômico dos seus proprietários.

Como seria de esperar, foram encontradas diferentes linguagens plástica artística e reflexo dos gostos das diferentes épocas, o gosto individual dos proprietários, e a visão do arquiteto Marques da Silva que tinha da habitação. Entender quais aspectos estéticos e sua multiplicidade de elementos passíveis de análise, deve centrar-se sobretudo em casos concretos, tal como foi feito no Caso de Estudo.

De um modo geral, verifica-se a coexistência de expressões artísticas e linguagens estéticas bastante diferentes, simultaneamente à construção de edifícios de traça moderna continuam a encontrar-se projetos de maior simplicidade, marcados pela permanência das formas e linguagens tradicionais da cidade, bem como projetos que procuram dar um cunho nacionalista à arquitetura. Sobre tudo, definir o vocabulário e formas que elevam a interpretação que o arquiteto deu a Casa d'O *Brasileiro*.

Esta coexistência de estilos refletem-se a nível de evolução temporal, na simultaneidade de permanência e inovação na arquitetura residencial no Norte de Portugal, precisamente na cidade do Porto na primeira metade do século XX. Como principais aspectos que permanecem do século anterior e se mantém de forma constante ao longo do período em estudo que destacamos a predominância do uso de diversos materiais e técnicas construtivas, como: cantaria, marcenaria e serralheria. Também a alvenaria ou perpianho e técnicas de isolamento e revestimentos como: argamassas, estuques, azulejos, reboco e tintas.

Assim, através do contributo de Marques da Silva, as três casas de estudo revelam excelentes simbiose do que melhor se fazia construtivamente em Portugal, com o estilo sinuoso da *"Art Decó"* e um ligeiro apontamento da vanguarda modernista, já na casa da Foz.

Deste modo, tal como a Casa d'O *Brasileiro* não é literalmente uma importação do Brasil, mas sim uma reunião estilística, cujos interesses estavam mais relacionados com a necessidade e desejo de novidade e expressão do proprietário; o *Brasileiro*, também, tal com já referido não se trata de um emigrante nativo do Brasil, mas sim, trata-se de uma personagem que retrata a união de um processo migratório de consequencial cultural entre Portugal e Brasil naquele período. Podemos considerar que a Casa d'O *Brasileiro*, é naquela época, um dos maiores reflexos de multiculturais e de globalização estética e estilística.

Também, a estranheza causada nos habitantes locais pela reunião destes estilos nas Casas d'O *Brasileiro*, é a resposta a forma exótica com que esses *"brasileiros"* eram vistos na sociedade na época. Sucintamente, a casa reflete o proprietário.

O valor histórico-artístico e as técnicas usadas fundamentais para as questões que desenvolvem entre a *"casa"* e o *"brasileiro"*. A importância da valorização de unir a complexa trama da intervenção desse habitante em Portugal ao longo da sua época. Deste modo, trabalha-se em questões contextuais que enquadram o *brasileiro*, no Brasil e em Portugal, consequentemente a sua casa edificada.

Ao analisar critérios que foram utilizados nas construções da Casa d'O *Brasileiro*, transformando o seu tão sonhado gosto em realidade, introduzido nas marcas do seu estilo de vida, tal aquelas casas que foram construídas de raiz, que exprimem suas preferências, aspirações, desejos e memórias.

Com o avançar dos anos, a tecnologia ajuda nos sistemas construtivos e tornam-se comuns, como: o tijolo, cimento-armado e betão-armado, ainda que este último seja usado apenas em elementos pontuais, as lajes que serviam de proteção ao compartimento de risco de incêndio, como nas escadas e coberturas das garagens. A introdução dos novos materiais, não representa um corte radical na forma de projetar e construir. Assim, partindo desse pressuposto as sucessivas camadas evolutivas da forma de construir vão completando a edificação.

*“A tradição é um desafio à inovação. É feita de enxertos sucessivos”*¹⁸⁵, não se verificando apenas ao nível do uso dos novos materiais e técnicas construtivas, mas sim perceber as atualizações dos sistemas morfológicos, que se adapta às novas realidades habitacionais e, como referido, aos princípios do Modernismo. A arquitetura habitacional se molda junto com os projetistas, integrando-as com formas e funções das linguagens tradicionais herdadas com o gosto dos seus clientes.

Conforme referido inicialmente o trabalho apresentado, constitui apenas o início de um estudo que permitirá alcançar uma compreensão aprofundada da arquitetura residencial da Casa d’O *Brasileiro* no final do século XIX e na primeira metade do século XX. Parece adequado considerar que os resultados apresentados contribuem já de forma clara para esse objetivo. Os Caso de Estudo, que sendo do mesmo Dono de Obra e o mesmo Arquiteto, demonstram as inúmeras possibilidades de trabalho futuro, enquanto que os resultados gerais relativos às tipologias, permitem traçar um perfil abrangente daquilo que foi construído durante esse curto período estudado.

185 _ SIZA, Álvaro (2009). Textos 01, em: “Farmácia Moderna”, p. 43-47.

Apesar da interpretação do interior e exterior das casas, teve como referência ao novo modo do habitar de uma nova classe burguesa portuense, que ao privilegiar o estudo da fachada e sua implantação foram encaradas como elemento base da arquitetura, permitindo alcançar característica própria às casas. O exercício de observação do Caso de Estudo, face aos registros fotográficos “*in loco*”, permitiu ilustrar a análise descritiva dos edifícios, que cruza dados de várias fontes da história da arquitetura que influenciaram a sua existência.

No século XIX, marginalizado outrora pela nossa historiografia, tem sido progressivamente alvo de pesquisas sistemáticas no sentido de alargar o conhecimento para ressaltar o interesse avassalador pela história contemporânea. Nomeadamente, em Portugal, e a reação há ignorância, ao injusto esquecimento, se não mesmo à apreciação sistematicamente negativa da história do século XIX e de parte do século XX, sobretudo o binômio Casa d’O *Brasileiro*.

Assim, cada casa é um caso, uma vez que estes espaços refletem, por vezes, a assimilação da paisagem arquitetônica brasileira e europeia, mas também espelham o percurso do seu proprietário. Com isso, torna-se difícil definir um modelo da Casa d’O *Brasileiro*, devido às especificidades regionais em que estas se implantam, à variedade de materiais e aos percursos pessoais e profissionais de cada *brasileiro*.

Nunca nos podemos esquecer que nos finais do século XIX, a literatura se encarregou de caricaturar e, sobretudo, ridicularizar estas casas e seus proprietários, nossa sociedade atual tem levado a cabo um processo semelhante com as casas dos emigrantes que se encontram em França, na Suíça ou outros países. As casas dos emigrantes são o reflexo do seu percurso, quer em terras de origem, quer em terras de trabalho. A casa torna-se o espaço principal de manifestações das trajetórias do emigrante.

O *Brasileiro*, com sua casa, transforma seus critérios estéticos recuperando as raízes de suas vivências no Brasil. O preservar e conhecer essas casas, é de perceber seu valor arquitetônico e cultural vivido pelos seus proprietários que a idealizaram na sua concepção. Consequentemente a sua *“jornada fará com que chegasse as suas objetividades, em processos consecutivos de aprofundar as suas raízes nos próprios desejos e experiências”*¹⁸⁶, em boa verdade o brasileiro carrega a noção da prática do habitar *“visto que todo o espaço realmente habitado carrega a essência da noção de lar”*¹⁸⁷, ainda que, podemos seguir com uma resposta através do projeto.

Globalmente, esse estudo assume-se um contributo aparte o conhecimento da Casa d'O *Brasileiro*, com foco no respeito pela história da arquitetura habitacional e caracterização da paisagem da cidade.

Há mais de um século, Camilo Castelo Branco, esclarecia das casas dos brasileiros, *“são casas grandes, diferentes, apalaçadas, sempre disputavam ódios e paixões, e se agora não restam dúvidas, que são património histórico e arquitetónico a manter, durante muitos anos foram desprezadas, muitas vezes até destruídas, há algumas que permanecem, mas no futuro, o que será feito delas?”*¹⁸⁸.

Um pouco em resposta a dúvida por Camilo Castelo Branco, sobre a permanência destas propriedades, enquanto memória histórica da migração de Portugal, existem atualmente alguns programas culturais que pretendem juntamente com o turismo promover as casas do estilo *brasileiro*. Exemplo disso, é o conjunto dos trilhos que a câmara de Paredes formalizou, com o intuito de interligar estas moradias, proporcionando a visita às propriedades dos *torna-viagem*, de forma lúdica. Um pouco do que já acontece com o percursos dos palacetes em Sintra.

186 _ JEYCK, Aldo Van (2008). Escritos: a criança, a cidade e o artista - um ensaio sobre arquitetura, o reino intermediário / ed. Vincent Ligtelijn, Francis Strauven, Amsterdam: Sun, p. 54.

187 _ TÁVORA, Fernando (2015). In: MENDES, Manuel. Sobre o projeto de arquitetura de Fernando Távora: *“minha casa”*. Porto: FIMS, p. 361.

188 _ IMPRENSA: in: <<https://sicnoticias.pt/programas/reportagemespecial/2021-07-01-As-casas-de-Paredes-dos-Brasileiros-de-Torna-Viagem-0329d9c4>> - 01.07.2021 às 23h02. Acesso em: 10 de janeiro de 2021.

Tendo em conta que na maior parte dos casos essas moradias tem uma dimensão bastante considerável, a venda destes imóveis (que atualmente possam se encontrar degradados), é bastante dificultada dado o valor das propriedades e o uso que lhes possamos atribuir nos dias de hoje. Assim, estas casas têm-se convertido em arquivos, escritórios, unidades hoteleiras e edifícios para a realização de eventos.

Portanto, enquanto ao assunto a desenvolver está ligada à história da arquitetura contemporânea e a uma série de livros que foram sendo publicados nas últimas décadas sobre o dito *Brasileiro* e sua casa, nomeadamente o livro "*Casas de Brasileiro*" de Domingos Tavares do ano de 2015. Reflete-se que a casa é um espaço que toda a gente sabe como funciona, porque está extremamente familiarizado com esse tipo de edificação, sobretudo torna-se "*fácil*" definir o seu programa e organizá-lo em planta. Porém, é notório o desafio que tem representado para os arquitetos, do último centenário, como a forma da casa, como forma de viver.

Consecutivamente, cresceu um interesse pessoal pelo tema, que levou a criar aprofundar e alargar os conhecimentos aqui dissertados. Naturalmente se começa a recolher textos, fotografias e desenhos sobre a Casa d'O *Brasileiro* com um conhecimento empírico, leitura na linguagem da forma da habitação que fui sendo formado ao longo desses primeiros anos de ligação e apressos à disciplina de arquitetura.

A influência por ser imigrante do Brasil e Brasileiro de nascença, realizei diversas viagens por Portugal, e conseqüentemente crio uma admiração a arquitetura portuguesa desde o seu limiar. Assim, uma admiração particular pelas formas, materiais e cores usadas em sua arquitetura secular.

NOTAS FINAIS

Ainda que, a *Casa d'O Brasileiro* tem elementos de meu país de origem, matéria prima em alguns detalhes, criando fortes referências naturais dos espaços interiores. Uma desses elementos é a situação climática tropical do Brasil, levando os projetistas a trazerem a luz para dentro das casas, e criando espaços de estar bem iluminados, fazendo com que as características individuais retomam e assentam uma herança histórica da vivência dos espaços.

O desenvolvimento desse estudo tem a necessidade de imposição dos limites paginais por questões temporais, que agrega de forma natural de acordo com os importantes fazes da história: projetos realizados no final do século XIX e início do século XX, maioritariamente no Norte de Portugal, torna-se um período muito especial a vários níveis da sociedade. Obviamente, isso é possível pela quantidade de estudos relacionados as informações existentes durante essa época da história.

O mais gratificante, é perceber que ocorreu um significativo aumento no conhecimento em relação ao patamar em que me encontrava. Ter a sensação de que foram proveitosos e gratificantes todos os sacrifícios e horas dispendidas na elaboração deste trabalho. Com base nesse estudo, houve da minha parte uma melhor compreensão daqueles que são os elementos construtivos em Portugal permitindo compreender com mais clareza as necessidades construtivos com consequência as expressão estética da arquitetura em Portugal atualmente.

Existem alguns detalhes que chamaram a minha especial atenção no que toca as diferenças da casa de um brasileiro no brasil e de uma casa em Portugal. Diferenças essas como: inexistência de um telheiro na entrada da casa, paredes mais espezas e caixilho com vidro duplo (dadas as necessidades térmicas), maior atenção ha impermeabilização das coberturas, inexistência de uma caixa de água, interruptores de casa de banho pelo exterior, pavimentos maioritariamente em madeira, e o uso bastante frequente de ventilação artificial nas casas de banho.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AGUIAR, José (2002). "Cor e cidade histórica: estudos cromáticos e conservação do património". Editor: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto. ISBN: 9789729483479.

ALMEIDA, Pedro Vieira de (2002). "A Arquitectura no Estado Novo". Editor: Livros Horizonte. ISBN: 9789722412193.

ALVES, Jorge Fernandes (2014). "O Brasileiro Oitocentista – representações de um tipo social" - Emigração. Sociedade - Portugal - séc. XIX - Brasileiros.

AURORA, Conde (1967). "Varandas, janelas, postigos e outros ferros da cidade do Porto" - CONDE D' AURORA.

ALVES, Francisco das Neves (2016). "A imprensa da Colônia Portuguesa no Sul do Brasil: Fragmentos Identitários". ISBN:9789898814272.

BRANCO, Camilo Castelo (1906). "Patologia do Casamento / O Morgado de Fafe em Lisboa/O Condenado". Editor: Parceria. ISBN: 9789728645014.

BRANCO, Camilo Castelo (1980). "O Carrasco de Vítor Hugo José Alves | O Senhor do Paço de Ninães". Editor: Glaciar. ISBN: 9789898776921.

BRANCO, Mário (2004). "Cantos dos Torna Viagem". Acedido em: 10.junho.2020.

CAMPELLO, António Ferreira de Lima Cabral (2012). "Um olhar sobre a arquitetura do prédio de rendimento no Porto e a Rua de Sá da Bandeira como sua metonímia".

CARDOSO, António (1992). "O Arquiteto José Marques da Silva e a Arquitectura do Norte do País na Primeira Metade do Séc. XX", Porto, FAUP Publicações. J.M. S. 1ª Edição Popular.

CHOAY, Françoise (2000). "Alegoria do patrimônio". Lisboa. Edições Popular. Editor: Edições 70. ISBN:9789724412740.

DINIS, Júlio (1948). "Uma família inglesa". Editor: Livros do Brasil. ISBN:9789897110689.

DOMINGUES, Álvaro (2009). "A rua da estrada". Editor: Dafne Editora. ISBN:9789898217066.

EXPOSIÇÃO, Faup (2006). "O Arquiteto José Marques da Silva e a Universidade do Porto". Reitor: José Novais Barbosa; Vice-Reitor: Francisco Ribeiro da Silva e Diretor: Domingos Tavares.

FERNANDES, Francisco Barata (1895-1940). "Arquitetura e Modos de Habitar" Nº 9. Editor: Edições CIAMH. ISBN:9789899880870.

LOUREIRO, José Carlos (1988). "Conhecer para Preservar - Casas de Brasileiro Arquitetos". Editor: Edições Afrontamento. ISBN:9789723615197.

MATTOSO, José (1988). "A Segunda Fundação. Histórias de Portugal - (1890-1926)". Lisboa, Editor: Círculo de Leitores.

MARTINS, Fausto (1990). "Azulejaria portuense: História e iconografia". Editor: Edições Afrontamento. ISBN:9789723615937.

MENDES, Manuel (2015). "Minha Casa" Sobre o "projeto-de-arquitetura de Fernando Távora / coord. Eitora: Manuel Mendes. 1ª Edição, 2 vols.: il.; 24 cm. Fernando Távora, "minha casa", fascínio 5. ISBN:97898997966145.

MOTA, Nelson Jorge Amorim (2006). "A Arquitetura do quotidiano público e privado no espaço doméstico da burguesia portuense no final do século XIX". Coimbra.

OLIVEIRA, Ernesto Veiga de (1988). "Arquitetura Tradicional Portuguesa". Editor: Dom Quixote. ISBN:9789722023979.

PEIXOTO, Paula Torres (2008). "Palacetes de brasileiros no Porto, 1850-1930, Do estereótipo à realidade". Porto. Editor: Edições Afrontamento. ISBN:9789723612004.

PIMENTEL, Alberto (1877). "Guia do Viajante na Cidade do Porto e seus Arrebaldes". Editor: Porto Livraria Central.

PIRES, Maria do Carmo Marquês (2000). "A Rua Álvares Cabral, 1895-1940. Formas de habitar". Editor: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto. ISBN:9789729483431.

QUEIROZ, José Francisco Ferreira (2011). "Os Catálogos Da Fabrica Das Devesas". Editor: Chiado Books. ISBN:789895186426.

RIBEIRO, A. Clarke (1963). Casa do Escorpião, Porto: Livraria Bertrand. Editor: Editorial Estampa. ISBN:9789723322682.

RIBEIRO, Orlando (1987). "Entre-Douro-Minho, in Revista da Faculdade de Letras". Geografia, I série, vol. III, Porto: Faculdade de Letras.

RIEGL, Alois (2013). "O culto moderno dos monumentos". Lisboa. Editor: Edições 70. ISBN:9789724417134.

ROCHA, Maria; CAEIRO Domingos (2000). "Portugal/Brasil, Migrações e Migrantes 1850-1930". Lisboa. Editor: Edições Inapa. ISBN:9789728387693.

SAMPAIO, Jorge Pereira (2008). "A Faiança da Real Fábrica do Juncal". Editor: Estar Editora. ISBN:9789728095727.

SIZA, Álvaro (2019). "Textos 01". Porto. Editora: Parceria A.M. Pereira. ISBN:9789728645939.

SIZA, Álvaro (2019). "Textos 02". Lisboa. Editora: Parceria A.M. Pereira. ISBN:9789728645922.

TAVARES, Domingos (1980). "Da Rua Formosa à Firmeza". Edições do Curso de Arquitectura da E.S.B.A.P. Textos Teóricos 4. 1º Edição. Editor: FAUP - Faculdade de Arquitectura da Universidade Porto. ISBN:9789729483097.

TAVARES, Domingos (2015). "Casas de Brasileiro Erudito e Popular na Arquitectura dos Torna-Viagem". Editora: Dafne Editora. 1º Edição Popular. ISBN:9789898217318.

TÁVORA, Fernando (2015). "Da Organização do Espaço". Porto. Editora: FAUP Publicações. Editor: Instituto Piaget. Coleção: Medicina e Saúde. ISBN:9789729483226.

TOSTÕES, Ana (1997). "Os verdes anos na Arquitectura Portuguesa dos anos 50". Editor: Instituto Piaget. ISBN:9789896590154.

VALE, Clara (2010). "Os processos de licenças de obras de obras na cidade do Porto (1911-1949)". Encontro Nacional - Conservação e Reabilitação de Estruturas.

VASCONCELOS, Gonçalo; PESSOA, Ana (2019). "A Casa Senhorial Anatomia de Interiores - Actas do III Colóquio Internacional". Editor: Universidade Católica Editora. ISBN:9789898835420.

FONTES ICONOGRÁFICAS

[Figura 1] - Caricatura do Brasileiro, publicada em O SORVETE, 29 de dezembro de 1878, 3º série, nº 30.

[Figuras 2 e 3] - Casa Geminadas de 1907 na Rua de Gondarém, 680 4150 nº 378 Porto, 41°09'31.5"N 8°40'54.0"W. Arq. Marques da Silva (1869-1947).

Produção do Autor, 2020.

[Figura 4] - Casa da Viscondessa de Santiago de Lobão. Rua de Belos Ares no Porto, 41°09'35.3"N 8°38'17.8"W.

Produção do Autor, 2020.

[Figura 5] - Casa da Viscondessa de Santiago de Lobão. Rua de Belos Ares no Porto, 41°09'35.3"N 8°38'17.8"W.

Produção do Autor, 2020.

[Figura 6] - Casa de Boaventura Rodrigues de Sousa em 1895 na Av. da Boavista 1334, Porto, 41°09'35.9"N 8°38'22.9"W.

Produção do Autor, 2020.

[Figura 7] - Villa Beatriz de 1906 na Póvoa do Lanhoso Rua de vila seca em Santo Emilião 41°31'55.9"N 8°16'46.5"W.

Fonte digital acessada em: 29 de janeiro de 2019 em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Villa_Beatriz>

[Figuras 8 e 9] - Palacete Silva Monteiro de 1881, Porto, Rua da Restauração nº320, 41°08'44.2"N 8°37'22.9"W.

Fonte digital acessada em: 22 de fevereiro de 2019 em: <http://portodeantanho.blogspot.com/2017/09/continuacao-7_24.html>

[Figuras 10 e 11] - Residência de Adriano Moreira de Castro - Casa da Castrália de 1909 em Loureiro na Av. de Adriano Moreira de Castro, Paredes, 41°14'21.8"N 8°20'24.0"W.

Produção do Autor, 2020.

[Figura 12] - Residência de Visconde Joaquim Bernardo Mendes - Palacete da Granja de 1883 em Paredes na Av. da Republica 207, 4580-193 41°12'14.9"N 8°19'35.8"W.

Fonte digital acessada em: 26 de junho de 2019 em: <<http://www.portoenorte.pt/pt/o-que-fazer/casa-da-cultura-de-paredes-palacete-da-granja/>>

[Figuras 13 e 14] - Casa de João Alves de Freitas de 1912 na Rua Miguel Ferreira 97, 4820-119 em Fafe, 41°27'03.0"N 8°10'23.0"W. Engenheiro: António da Silva.

Fonte digital acessada em: 26 de junho de 2019 em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20934>

[Figura 15 e 16] - Casa da Viscondessa de Santiago de Lobão, do Brasileiro Lino Henriques Bento de Sousa na Rua de Belos Ares n°23, Porto 41°09'35.3"N 8°38'17.8"W.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 17 e 18] - Residências dos Irmãos António e Arnaldo da Silva Moreira conhecidas como Casas Altas do Lordelo - 1914, PAREDES Rua da Igreja n° 352 4580-433, 41°14'04.9"N 8°24'38.5"W. Arquiteto: Afredo Ribeiro da Silva (1886-1961).

Fonte: TAVARES, Domingos (2015). Casa de Brasileiros. Equações de Arquitetura Dafne Editora: 1° Edição.

[Figura 19 e 20] - Casa de Joaquim da Silva Moreira de 1903, na Rua D. João IV no Porto, 41°08'58.4"N 8°36'08.5"W. Arquiteto Marques da Silva (1869-1947).

Produção do Autor, 2019.

[Figura 21, 22 e 23] - Casa Soledade Soares de 1912, Rua José Cardoso Vieira de Castro n° 529 4820-142 Fafe, 41°26'54.9"N 8°10'13.6"W. Arquiteto António Bravo. Fonte: TAVARES, Domingos (2015). Casa de Brasileiros. Equações de Arquitetura Dafne Editora: 1° Edição. Fotos de autoria de Inês d'Orey.

[Figuras 24 e 25] - Casa António Reis da Silva de 1910 no Porto na Rua Santa Catarina nº 1316.4000-477 41°09'28.6"N8°36'15.7"W. Engenheiro: António Rigaud (1861-1932).

Fonte digital acessada em: 26 de setembro de 2019 em: <https://www.google.com/maps/@41.1578725,8.6045562,3a,90y,79.36h,115.15tdata=!3m7!1e1!3m5!1slyQh68l1fICDnd8dpmKZw!2e0!6s%2F%2Fgeo3ggpht.com%2Fcbk%3Fpanoid%3DlyQh68l1fICDnd8dpmZw%26output%3Dthumbnail%26cb_client%3Dmaps.sv.tactile.gps%26thumb%3D2%26w%3D203%26h%3D100%26ya%3D223.78981%26pitch%3D0%26thumbfov%3D100!7i16384!8i192?hl=pt-PT>

[Figura 26] - Casa João Alves de Freitas (1864-1917) de 1912 em Fafe na Rua Maj. Miguel Ferreira nº97 4820-119 41°27'03.0"N8°10'23.0"W. Engenheiro: António Bravo.

Fonte digital acessada em: 26 de junho de 2019 em: <http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=20934>

[Figuras 27 e 28] - Casa Moradia Joaquim Soares da Silva Moreira de 1903 - Porto - Rua de Dom João IV 331 4000-298 Porto 41°08'57.6"N8°36'08.2"W. Arq. Marques da Silva (1869-1947). Produção do Autor, 2019.

[Figuras 29 e 30] - Casa Leandro Martins de 1916 - Águeda - Rua da Ponte do Rio Marnel. Valongo do Vouga, 40°37'19.0"N 8°26'01.6"W. Arq. João Gomes (1882-1935).

Fonte: TAVARES, Domingos (2015). Casa de Brasileiros. Equações de Arquitetura Dafne Editora: 1ª Edição. Fotos de autoria de João Armando Ribeiro.

[Figura 31] - 1ª Casa de Estudo - Casa Moradia Joaquim Soares da Silva Moreira de 1903, Porto - Rua de Dom João IV 331 4000-298 Porto, 41°08'58.9"N 8°36'07.1"W.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 32] - 2º Casa de Estudo - Casa de Joaquim da Silva Moreira de 1904, na Rua D. João IV no Porto, 41°08'58.4"N 8°36'08.5"W.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 33] - 3º Casa de Estudo - Casa Geminadas de 1907 na Rua de Gondarém, 680 4150 -378 Porto, 41°09'31.5"N 8°40'54.0"W.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 34] - Implantação 1º Caso de Estudo - Casa Moradia Joaquim Soares da Silva Moreira de 1903 – Porto - Rua de Dom João IV 331 4000-298 Porto 41°08'58.9"N 8°36'07.1"W.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 35] - Implantação do 2º Caso de Estudo - Casa de Joaquim da Silva Moreira de 1903, na Rua D. João IV no Porto 41°08'58.4"N 8°36'08.5"W.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 36] - Implantação, 3º Caso de Estudo - Casa Geminadas de 1907 na Rua de Gondarém, 680 4150 -378 Porto, 41°09'31.5"N 8°40'54.0"W.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 37] - Localização da Cidade do Porto. Estudo de Distância entre as residências.

Produção do Autor, 2019.

[Figura 38] - Planta 1º Casa de Estudo

Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 39] - Planta 2º Casa de Estudo

Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 40] - Planta 3º Casa de Estudo
Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 41,42 e 43] - Portão Principal da 1º Casa de Estudo com os caracteres das iniciais do apelidos do proprietário e Desenho do Pormenor do Arquiteto Marques da Silva.
Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 44 e 45] - Portões Principais da 2º Casa de Estudo com caracteres das iniciais do apelido do proprietário e Desenho do Pormenor do Arquiteto Marques da Silva.
Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 46 e 47] - Portões Principais da 3º Casa de Estudo e Desenho do Pormenor do Arquiteto Marques da Silva.
Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 48, 49, 50 e 51] - Alçado Lateral Esquerdo da 1º Casa de Estudo, Alçado Posterior, Vista Lateral Esquerda e Acesso do Terraço do Alçado Posterior.
Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 52 e 53] - Alçado Lateral Esquerdo da 2º Casa de Estudo e Pormenor do Ornamento do Jardim no logradouro.
Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 54 e 55] - Fachada Principal face a rua da 2º Casa de Estudo e Fachada Lateral Esquerda com a escada de acesso ao 1º Piso. Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 56] - 1º Casa de Estudo. Desenhos Arquitetônicos do Arquiteto Marques da Silva. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>> Produção do Autor, 2019.

[Figura 57] - 2º Casa de Estudo. Desenhos Arquitetônicos do Arquiteto Marques da Silva. Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

[Figura 58] - 3º Casa de Estudo. Desenhos Arquitetônicos do Arquiteto Marques da Silva. Produção do Autor, 2019. Desenho pela fundação Marques da Silva no dia 21/09/2020 - <<https://fims.up.pt/index.php>>

ANEXO 1

Canto dos Torna-Viagem

Autoria da letra e música: José Mário Branco¹⁸⁹

Instrumentação: Guitarra acústica, contrabaixo, trompete, trombone, flautim, percussão, cordas friccionadas e coro.

Data: 2004

Tipo de suporte original: CD/DVD

Álbum: Resistir é vencer, Três Cantos ao vivo e Resistir é vencer (reedição de 2017)

Duração aproximada: 00:07:06"

Observações: Participação do quarteto de cordas "Anthropos", do Grupo Coral "Os Escolhidos", do "Coro dos Gambuzinos", da "Orquestra de Gratz" e de Fausto Bordalo Dias na voz.

*"Foi no sulco da viagem
Já sem armas nem bagagem
Nem os braços da equipagem
Foi ao voltar*

*Pátria moratória
No coração da história
Que consumiste a glória
Num jantar*

*Foi como se Portugal
P'ra seu bem e p'ra seu mal
Andasse em busca dum final
P'ra começar*

*Ávida violência
Reverso da inocência
Sal da inconsciência
Que há no mar*

*Império tão pequenino
De portulano caprino
Bolsos de sina e de sino*

¹⁸⁹ _ JOSÉ MÁRIO MONTEIRO GUEDES BRANCO: nascido no Porto, 25 de maio de 1942 - Lisboa, 19 de novembro de 2019, foi um músico e cantor e compositor em português.

*Em cada mão
Pátria imaginária
De concistência vária
Afirmação diária
Do teu não*

*As malas dos portugueses
São como os olhos das rezes
Que se mastigam três vezes
Em cada chão*

*Cândida ignorância
Grande desimportância
Os frutos da errância
Já lá vão*

*Ai Senhora dos Navegantes me valei
De África, do sal e do mar só eu sobrei
Foi p'ra me encontrar que amanhã já me perdi
Longe vai o tempo em que eu já não estou aqui*

*Ai Senhora dos Talvez-Muitos-Mais-Sinais
Socorrei estes desperdícios coloniais
Foi na noite fria que o dia me cegou
Inda agora fui, inda agora cá não estou*

*Ai Senhora dos Esquecidos me lembrai
O caminho que p'ra lá vem e p'ra cá vai
Etecetera e tal, Portugal é nós no mar
Inda agora vim e estou longe de chegar*

*Ai Senhora dos Meus Iguais que eu subtraí
Foi pataca a mim e não foi pataca a ti
Se é tão grande a alma na palma do meu ser
Algum dia eu vou finalmente acontecer
Porque não tentar outro ponto de vista
A história dos outros quem a contará*

*Se qualquer colónia sem colonialista
São os que já estavam lá*

*Tentemos então ver a coisa ao contrário
Do ponto de vista de quem não chegou*

*Pois se eu fosse um preto chamado Zé Mário
Eu não era quem eu sou*

*Os navegadores chegaram cá a casa
E foi tudo novo p'ra eles e p'ra mim
A cruz e a espada e os olhos em brasa
Porque me trataste assim?*

*Não é culpa nossa se quem p'ra cá veio
Não se incomodou ao saber do horror
A história não olha a quem fica no meio
E o que foi é de quem fôr¹⁹⁰*

190 _ BRANCO, Mário (2004). Cantos dos Torna Viagem. em: <<https://arquivojosemariobranco.fcsh.unl.pt/content/canto-dos-torna-viagem>>. Acesso: 10 de junho de 2020.

ANEXO 2

Testamento de
Alexandrina da Silva Moreira

Arthur Heilard cõizera, inutilizando esta
assinatura e a data de trinta de janeiro de
mil novecentos vinte e oito as estas filhas ac-
ima citas.

Registro do Testamento
feito com que faleceu
no Hotel Avenida Pala-
ce, Lisboa, em vinte e
um de Janeiro de mil
novecentos vinte e oito
Dona Alexandrina

Soares da Silva Agrei-
ra, viuva, proprietaria,
estando o testamento na
cidade em poder do
senhor Doutor Francisco
de Aguiar da Silva de
guia, numero oitenta
e cinco, freguesia
do Bomfim, deste bairro.

Eu Alexandrina Soares da Silva Agreia,
filha legitima de Doutor da Silva Ag-
reia e Emilia Bastos Agreia já falecidos
e viuva de Joaquim Soares da Silva Ag-
reia, de perfeita sanidade resolvei fazer o

e meu testamento, e faço-o da seguinte for-
 ma. Declaro que o meu commercio existiu
 actualmente nove filhos de nome; Maria Emí-
 lia, Amelia, Alexandrina, Julia, Laura,
 Cecília, Elzira, Alice e Carlos, e como repre-
 sentante de meu falecido filho Joãozinho
 sua filha Rachel, são portanto dez os meus
 herdeiros legítimos na parte que a lei actu-
 al lhes concede, e da parte restante de
 que posso livremente dispor faço como se
 segue Deixo a minha filha Alexandri-
 na o prédio que possui na rua das Fri-
 cezas, na cidade da Bahia, Brazil, que
 confronta pelo norte com o prédio da di-
 lta minha filha, do sul, nasceute epo-
 nente com a rua S. João, antiga divi-
 ta do commercio, e com a travessa de
 Graças de ferro, e mais lhe deixo a quan-
 tia de cem mil escudos. Deixo a meu
 filho Carlos oitenta mil escudos, e a
 sua mulher minha minha no-
 ra Theresa dez mil escudos. Deixo
 a minha filha Cecília cincoen-
 ta mil escudos. Deixo a minha no-
 ra Juizete viuva de meu filho João

quinhentos mil escudos. Deixo a minha
filha Julia vinte e cinco mil escudos. De-
ixo a minha neta Beatriz filha de mi-
nha filha Julia, dez mil escudos. Deixo
a minha neta Rachel filha de meu
filho Joaquin dez mil escudos. Deixo
a minha neta effrãia Amelia filha
de minha filha Amelia dez mil escu-
dos. Deixo a minha afilhada Alexan-
drina filha de Elviro Castro Pereira
cinco mil escudos, e mais dez mil es-
cudos magistez em usufructo a sua
avó Julia effrãia viuva de meu
irmão João. Deixo a Carmita filha
de Carlos Silva residente na Cidade
da Bahia, Brasil dez mil escudos.
Deixo como lembrança a meu filho
Ramiro de effrãia João cinco mil es-
cudos. Deixo aos meninos Sepa-
rados de Campauba quinhentos
escudos. Deixo ao filho do cerco qui-
nhentos escudos. Deixo a officina de
São João quinhentos escudos. Deixo
a Beneficência do Porto quinhen-
tos escudos. Deixo a Creche de S. Vi-

Vicente de Paula quinhentos escudos.
 Deixo o remanescente da parte que pos-
 so dispor para ser dividida e igualmente
 repartida por todas as minhas netas e netos.
 Todos os meus legados são livres do im-
 posto de transmissão. Desejo que o meu
 enterro seja o mais modesto possível
 podendo até ir na Capella de Ogramen-
 te por ficar mais perto da minha ul-
 tima morada. Nomeio meu testamen-
 teiro em Portugal, em primeiro lu-
 gar meu Genro Ramiro de Maga-
 lhães, seguindo meu filho Carlos, em
 terceira Elvira Castro Pereira: e na
 Bahia em primeiro lugar Carlos Li-
 va, da firma Silva & C^a, em segun-
 do lugar Elmano Lopes d'Almeida
 Castro, socio da firma Commercial Cha-
 us Castro & C^a em terceiro lugar Jo-
 se da Nova e outros. O testamen-
 teiro da Bahia que aceitar a testa-
 mentaria deixo duas cruces moeda
 brasileira. Declaro que não posso fazer
 alguma coisa de todas as disposições
 feitas. Por este meu testamento anulo

qualquer outro com data anterior; e dis-
ta firma tenho feito as minhas expres-
sões que faço cumpradas fielmente como
ficam demonstradas. E' meu desejo a má
publicação do meu testamento. Lisboa 10
de Maio de 1926 e eis. Alexandrina So-
ares da Silva Moreira. O povoação.
O ano de mil novecentos e vinte e seis, do
dia de Maio em Lisboa e meu cartório na
rua Alameda dos Mouros, numero cincoenta, numero
reduzido, findante mineiro o notário da co-
marca Antonio Soares de Carvalho e as
testemunhas abaixo assinadas: o de fora,
carreir, comerciante, morador no Dáfun-
do, Julio Corneili, cavaleiro, comerciante, mo-
rador na Rua Alameda dos Mouros, nume-
ro quinhenta, e Antonio Fernandes, car-
reir, proprietario, morador na Rua Gar-
rett, numero sessenta e dois, compare-
ceu D. Alexandrina Soares da Sil-
va Moreira, viuva, proprietaria, mo-
radora actualmente nesta cidade, no
Hotel Avenida Palace, jurava que eu e
as referidas testemunhas conhecemos
fidelmente a sua identidade, portanto

portanto, nós todos certificamos, bem como
 certificamos que ela se acha em seu perfeito
 juízo e livre de toda e qualquer coacção.
 Pela mesma D. Alexandrina Soares da
 Silva Moreira, em presença das meucia
 novas testemunhas, me foi apresentado
 este testamento, declarando como ele
 é a disposição de sua ultima vontade,
 escrito, assinado e rubricado de seu punho.
 Eu, notario, vendo o testamento, sem o
 ler, achei que de facto é escripto pelo pro-
 prio punho da testadora, está assinado
 e rubricado pela mesma testadora e
 contém duas paginas e mais uma par-
 te de outra. Em presença de todas as me-
 nuadas testemunhas, lavrei simultanea-
 mente este auto de aprovação, que a
 testadora e testemunhas comigo, no-
 tario vão assinar e que eu li em voz al-
 ta, ainda na presença simultanea das
 testemunhas e da testadora, a qual me
 declarou não o querer ler. Foi fe' que
 foram cumpridas e praticadas em acto
 continuo todas as formalidades, eu,
 o notario notario, que este auto corre

vi. O rubo devido de quinze escudos foi pago
em estampilhas, que aguiram estavas e
inutilizadas. Tem duas estampilhas de im-
posto do rubo na importância total de quinze
e escudos alexandrina Soares da Silva
effeavia - Francisco Meira, Meira - Julio
e o nelli. Entram o cionando. São de effeio
de mil novecentos vinte e seis. Entram o cion
vanz de Carvalho. Deste título occurs. So-
be duas estampilhas da contribuição in-
dustrial, sendo uma de quatro escudos e
outra de vinte centavos bem como uma
de cinco centavos de imposto do rubo de
João Távares de Carvalho. São de effeio
de mil novecentos vinte e seis. Francisco
e o nelli. - Dobrescrito. Testamento
da Srma Srta. D. alexandrina Soares
da Silva effeavia, aprovado em dupli-
cado na cidade de Lisboa, aos 12 de effeio
de mil novecentos vinte e seis, presen-
te num o nelli entrado Távares
de Carvalho. - Cota de a beturor.
Este testamento consta com que fale-
ceu no Hotel Avenida Palace, Lisboa,
em vinte e seis de Janeiro de mil no-

noventa e oito e oito, Anna Alexandrina
 Souza da Silva Moreira, foi apresentada a
 q'nto n'ra eliminatória no dia vi-
 lte e trez do d'ito mez e ann, estando o testa-
 mento em poder do senhor Doutor
 Francisco Rodrigues, desta cidade, e
 sendo o mesmo testamento aberto e li-
 do por mim Administrador, achei-o
 escrito, assinado e rubricado pela tes-
 tadora em duas paginas e vinte e tres
 linhas da terceira, incluindo as da
 data e assinatura da referida tes-
 tadora, não se'y comad, interlinha,
 nota marginal ou outra qualquer
 coisa que duvida faga, assinado a
 assinatura da f'ra testadora a
 approvacao que ocupa o resto da ter-
 ceira pagina e vinte e uma linhas
 da quarta, ficando o resto desta
 pagina em branco bem com a quin-
 ta, na sexta tem o sobrescrito, tudo
 compreendido em tres folhas de pa-
 pel (duas paginas) que numerei
 e rubrici com a rubrica de es-
 tealdia de qu'ano, com cruzes

Antonio Favaro de Sorruca, Secretar
rio, asado e assinado

Arthur Schiller-Verein
Post: Ewans da Emma

Coro de seio de estampilhar. As abas
ciliares e inutilisadas, mas estampilhas
do interior do olho, sendo uma de granícula
incubos e outra de cinquenta escudos, devida
pelas duas folhas, este estaminaldo cerrado. O
Wormishabr Kultur Abelard Teixeira,
inutilizando com esta assinatura e a data
de três de fevereiro de mil novecentos e oitenta
e oito as estampilhas acima ditas. —

Center

Papel do registro: nove escudos	9,00
Pelo de imposto: representa escudos	90,00
Emol. Estado (cilo) e milis escudos setenta e cinco centavos	20,75
Emol. Secretaria: e milis escudos setenta e cinco centavos	20,75
Adicional a luz por cento 37) um escudo e milis e cin.	—
co centavos	1,25
Conto narrenta e um escudo setenta e cinco centavos	141,75



Fotografia de Dona Alexandrina da
Silva Moreira - *Ano Desconhecido*.



ANEXO 3

Testamento de
Joaquim da Silva Moreira

de Lencucha, casado, que se autographa, assinando no entre-
linha de fegimor vinte e nove, que diz "de Lencucha".

Leofeni
de agalhin
Antonio Augusto da Silva
Registo do testamento ap-
provaço, mas apreseu-
tado aberto, por se ter pre-
ciado das formalida-
des externas, com que
falleceu em dore de Ju-
lho de mil novecentos
e nove, Joaquim Soares
da Silva Moreira, cas-
do, capitão de mar,
por que foi na ma-
druera de Bragança,
fegimor o Bomfim
d'esta cidade.

Eu Joaquim Soares da Silva Mo-
reira, cidadão portuguez, na-
tural da freguesia de Moreira,
Concelho da Maia, filho legítimo
de Manuel Soares da Silva Fer-
reira da Silva, ambos falleci-

Salveadas, estando de perfeita sa-
 de, resolvi fazer o meu testamento
 e o faço da seguinte forma. De-
 claro que fui casado em primei-
 ras núpcias com D. Rosa Paula dos
 Santos Moreira, e d'este commercio não
 ficaram filhos: e em segundas nu-
 pcias fui casado com D. Alexan-
 drina Soares da Silva Moreira;
 e d'este matrimonio existiu ou-
 re filhos, sendo oito do sexo femi-
 nino, e são seus nomes: Maria
 Emilia; Abelha; Alexandrina,
 Julia, Laura, Noemia, Helena,
 e Elise; e tres do sexo masculino, seu-
 do seus nomes Joaquim, Arthur,
 e Carlos, e todos são meus herdei-
 ros legitimos na parte que a
 lei actual lhes concede; e da par-
 te restante de que posso livremente
 dispor, o faço como se segue:
 Deigo de minha filha Alexandra,
 a quantia de mil e oitenta e cinco
 contos de reis (são 20 contos). Deigo
 do Seminario dos Meninos de Deus

Dezamparados de Campauba, a
quantia de quinhentos mil reis;
mas, este legado é só no caso que
a sua administração seja elida
nomeada livremente pelos seus
Beneficentes: mas se for por nome-
ação do Governo, fica sem effecto.
Quemais a minha filha Alexan-
drina a minha propriedade, e
tá no lugar e largo de Pedras Bu-
cas, Freguesia de Moreira, conce-
lho de Maia, a qual adquiri
por compra dos herdeiros de mu-
rião Manoel; mas se lhe não
convier pela avaliação ^{de} deito em
opção a quantia de tres-couros
de reis. Deigo o testamto do que
por lei posso dispor livremente, em
vivo fucto a minha esposa;
e por sua morte o disposto co-
mo se segue. Deigo a meus
filhos Joaquim e Carlos, um
curo de reis a cada um, e mais
um annueto de gravalá a cada
um e escolha de minhas esposas

Esposa. Deixo a minha netá e
afilhada Beatriz, a quantia de
trez contos de reis que ^{collocados} estão em um
banco de reconhecido credito n' esta
cidade, e seus juros serão accumu-
lados, e só lhe serão entregues ca-
pitães e juros na occorência de seu
casamento, ou quando attingir
a sua maioridade. Deixo a mi-
nha netá e afilhada Maria, filha
de minha filha Maria, a quan-
tia de trez contos (3.000,00) nas
mesmas condições do legado an-
terior a netá Beatriz. Deixo a mi-
nha netá Rachel, filha de meu fi-
lho Joaquim, a quantia de trez
contos de reis (3.000,00) nas mes-
mas condições dos dois legados ante-
riores; mas se ella fallecer durante
a minha vida ou da de minha
Esposa, e até essas occasiões tiver
outra irmã passará este legado
para ella com a mesma im-
posição: e não se dando esta su-
porthese passará o legado em plena

plena propriedade para eu pa-
reço a meu filho Carlos mais
três contos de reis; mas caso até a
época do meu fallecimento ou de
minha esposa, elle vênha a ter al-
guma ou algumas filhas, pas-
sará este legado para ellas, nas
mesmas condições dos anteriores
legados ás outras netas. Deigo a
cada uma das outras minhas
netas, ainda não especificadas,
existentes á data do meu falleci-
mento a quantia de um conto
de reis: exceptuo porém a neta
Maria Amelia, filha de mi-
nha filha Amelia, por estar já
casada. Deigo a minha filha Ma-
ria Emilia a quantia de um
conto de reis. Deigo a cada um
de meus netos existentes á data
do meu fallecimento a quantia
de quinhentos mil reis, mais ao
neto Jacquin, filho de minha
filha Laura, deixo mais qui-
nhentos mil reis, por ser meu

meu a filha do. Deixo a meu gen-
ro Barnier Magalhães a quantia de
dois contos de reis (2.000.000); e mais
o meu relógio e cadeia chatelaine,
como uma demonstração de apreço,
a dedicação, amizade e conside-
ração; que sempre me consagrou
a mãe e a minha esposa: e
peço que elle fallecer primeiro que
sua ^{meu} mãe, passando estes legados
para sua mulher, minha filha
Alexandrina. Deixo a minha ex-
mora Alice Mangarido, que foi ca-
sada com meu filho Alfredo, a
quantia de dois contos de reis.
(2.000.000). Deixo a minha afi-
lhada de casamento Laurida No-
va Monteiro, casada com Alfredo
Reudall, a quantia de um conto
de reis (1.000.000). Deixo a mi-
nha afilhada Stella (na Bahia),
filha do finado Luiz Tarquinio
a quantia de quinhentos mil
reys (500.000). Deixo a meu afi-
lhado Alberto, filho do finado Jo-

João Rodrigues de Souza, a quantia
de quinhentos mil reis (500,000).
Deixo ao meu testamentário na Ba-
hia que aceitar lá está minha
testamentaria a quantia de dois
contos de reis, moeda Brasileira.
E deixo o annuencente da par-
te de que posso livremente dispor
conforme a lei actual, a minha
filha Alexandrina. Todos os meus
legados são livres de impostos de trans-
missão. Declaro que quando mi-
nhas filhas se casarem, a todos eu
e minha mulher dotamos; e a
importancia d'essas dotações tem
de conferir: á filha Amélia, de
nos vinte e cinco apolices Bra-
sileiras de um conto de reis ca-
da uma, e serão devidamente
averbadas em seu nome, e mas-
the deves em dinheiro moeda
portuguez a 2^a um conto e qu-
inhentos, para mobiliamentos da
casa, mas a pedido de seu ama-
ndo não se lavrou escriptura autê-

Afilhada Beatriz descrito, é filha
de minha filha Julia. ^{mãe} ^{do} ^{seu} ^{pai}
da La. Mor.^a. Oito d'approvação.
No anno de mil novecentos e ou-
ze aos vinte e sete dias do mez
de março, n'esta cidade do Rio
de Janeiro, caldereiros e meu cado-
rio perante mim notario Thomas
Miguel Restier Junior e as cinco
~~têm~~ minhas idoneas adeanti-
moneadas e no fim assinadas
compareceu Joaquim Lopes da
Silva Moreira, casado, capitalis-
ta, morador na rua Duqueza de
Bragança d'esta cidade. Pessoa
minha conhecida e das referidas
testemunhas que também conhe-
ço verificando eu e ellas a esau-
tidade d'elle e que estava em
seu perfeito juizo e livre de toda
e qualquer coacção. E por elle
dillo Joaquim Lopes da Silva
Moreira perante as mesmas
testemunhas me foi apresenta-
do este testamudo em disposição

V. Jardim

disposição declarando-me com elle
é a sua vontade que quera elle
approvasse e entregasse abento por-
que prescindidas das formalida-
des externas de o fechar coser e
lacrar o qual testamento vi pene-
o ler e achei estar escripto e as-
signado pelo testador, contis três
fólios incluindo a quella em
que principio está escrito, estar
rubricado por elle e não ter bo-
rão interlinha nenhuma em mola
marginal que duvida facca. b
peço-me o dito testamento a-
presentado na forma que a lei
ordena farei este auto d'appro-
vação a que foram testemunhas
continuamente presentes José Jo-
quim Cardoso Pereira Junior,
Francisco Cardoso de Souza, am-
bos casados sollicitadores mora-
dores aquelle na rua Fernandes
Pompeu e este na rua do Bom
Jardim, Raymundo Marques
Villar, casado, proprietario, moro

morador n'esta ma dos faldseuários,
Eduardo Augusto Cortez Machado, ca-
sado, escravidão de Diacis, morador na
ma do Bonfandium e Mathias d'Alba-
rzi, casado, empregado forense mora-
dor na dilig. da do Bonfandium, to-
dos elles de maior idade cidadãos
portuguezes d'esta cidade que vão
assignar este cuido com o Testador
depois de lhes ser lido em voz al-
ta por mim notario por o mais
queror ler o Testador apressar de lhe
reverter que tinha tal diacis. Se
trem sido praticadas e cumpri-
das em cuido continuo todas es-
tas formalidades sou fe' eu no-
tario que o escrevi e assigno em
publico e raro e desahida intere-
ssa "Junior". Sobre um sello d'im-
posto de taxa de mil reis pag.
Learez da La. Moa.ª. vinte e sete
de março de mil novecentos e ou-
ze. José Paquim Carlos Feijei-
ra Junior. Francisco Carlos de
Luz. Raymundo e Marques Vil-

Villar. Eduardo Augusto Cortez Ma-
chado - Mathias de Araujo. Legue do
Signal Publico. Com fe de verdade Tho-
mas Hegre Restier Junior. Sobre
um pello da contribuicao industrial
da taxa de noventa reis e um do im-
posto do pello de dez reis Thomas de
que Restier Junior. vinte e sete de
marco de mil novecentos e oise.
D'este mil e ois e ois. Sobre um pello
da contribuicao industrial da taxa
de dez reis Hegre Restier Junior. vin-
te e sete de marco de mil novecen-
tos e oise. - Registrado no livro qua-
tro e oitenta e seis verso. O procedimen-
to. Este testamento em que se omit
tiram as formalidades e o testamento pro-
vocado do testador, com que fal-
leceu em doze de este mez Joaquim
Lopez da Silva Moreira, foi aqui a-
presentado em tres tambem de es-
te mez e sendo por ^{lido} o mesmo el omi-
nistador o achei escripto e sig-
nado e rubricado pelo testador em
duas laudas de papel e vinte e duas

proprio original a que me reporto po-
de este foi conferido e em poder
da viuva do testador D.ª Alexandra
Luiza Soares da Silva Moreira, que
de como o recebeu vai assignar
com o cidadão Administrador do
1.º bairro. Resalvou-se as entre-
linhas "1.ª a folhas trinta e verso e col-
locados" a folhas trinta e uma, as ca-
suras "meu" "Nova" a folhas trinta
e duas, e a entrelinhas "lido" a fo-
lhas trinta e cinco. Porão e Admi-
nistração do Bairro Oriental quize
se de Julho de mil novecentos e ou-
ze. Por Antonio Augusto Lima
de Lima, revisor, e autem a
assig.

original e seu de todo

Alexandrina Soares da Silva Moreira

Antonio Augusto Lima de Lima

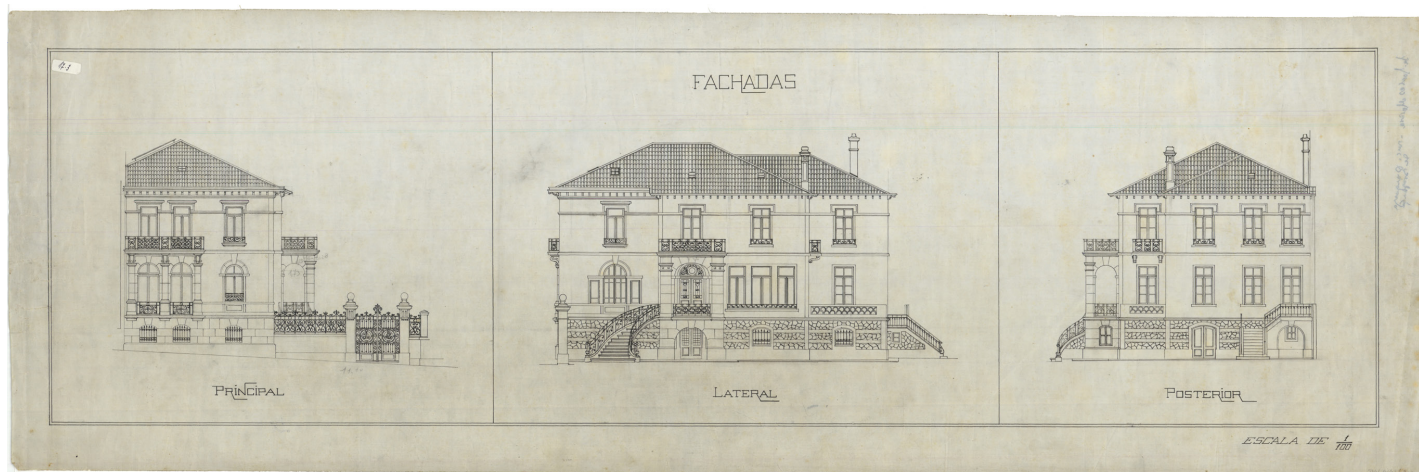
9 2.º/18º

Registro do testamen-
to publico com que
falleceu em 1.º de
Julho de mil nove-

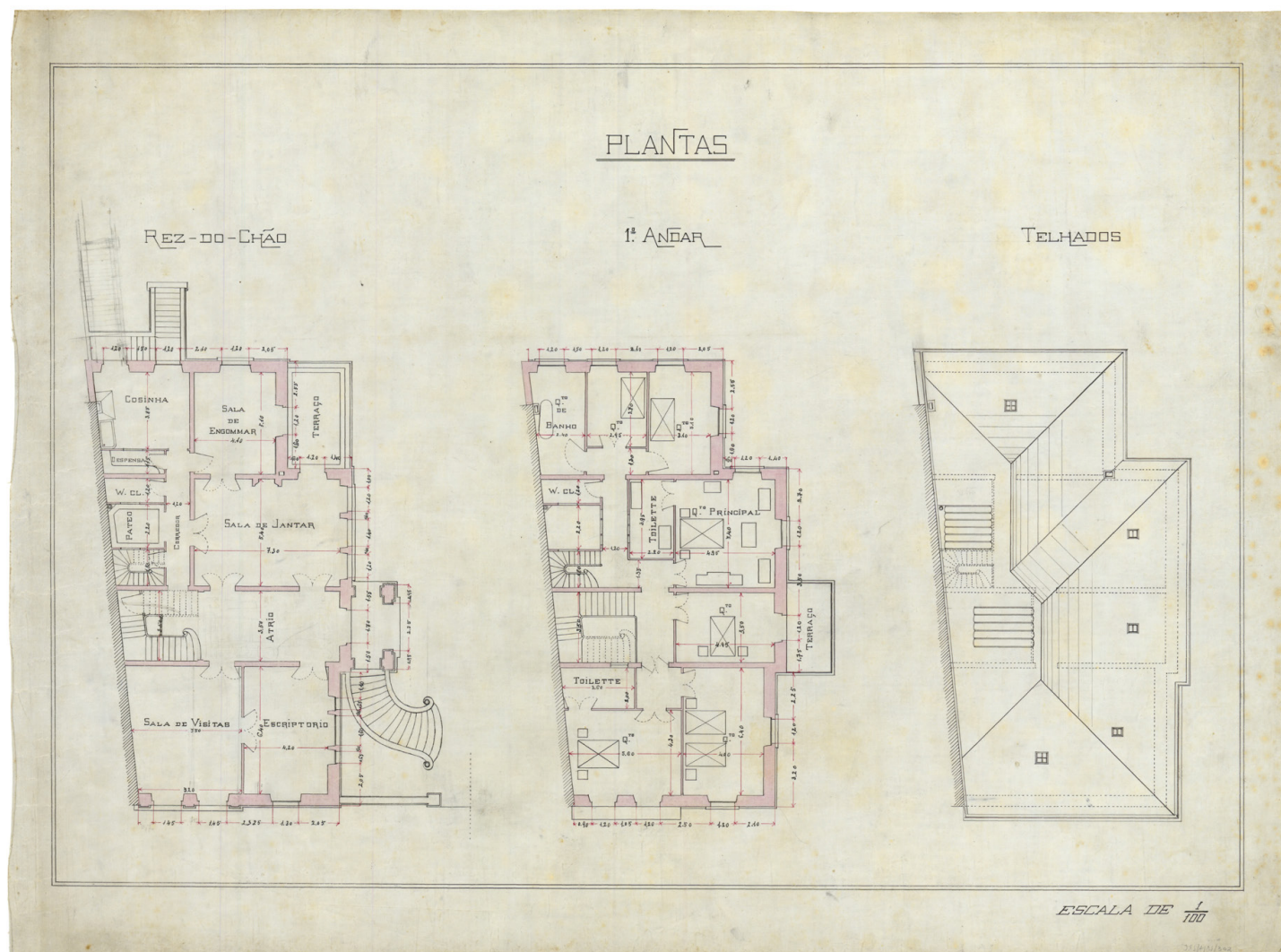
ANEXO 4

Plantas originais das casas de estudo

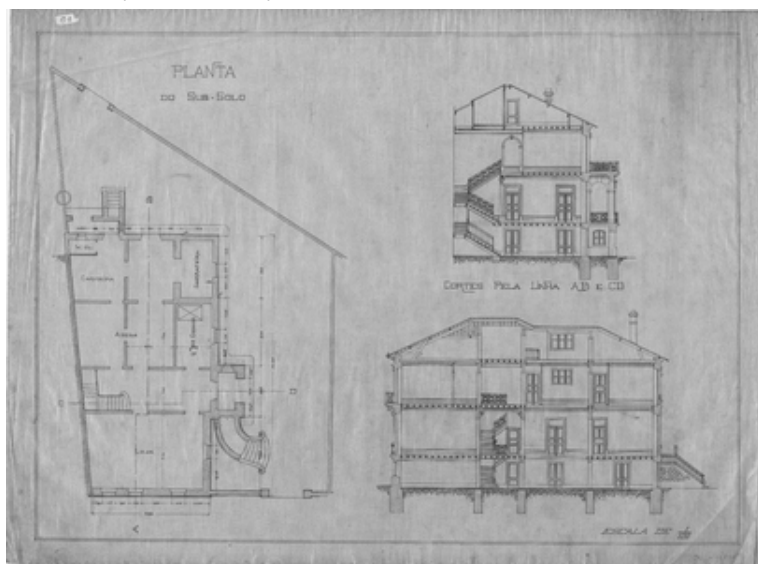
Desenhos Arquitetônicos Originais Alçados - 1ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



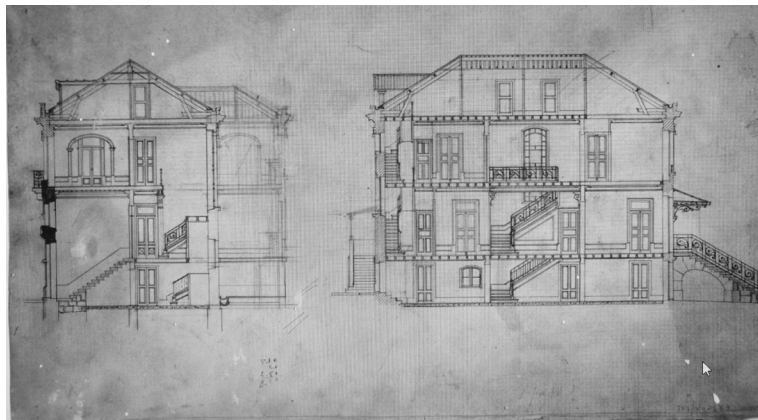
Desenhos Arquitetônicos Originais Plantas - 1ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



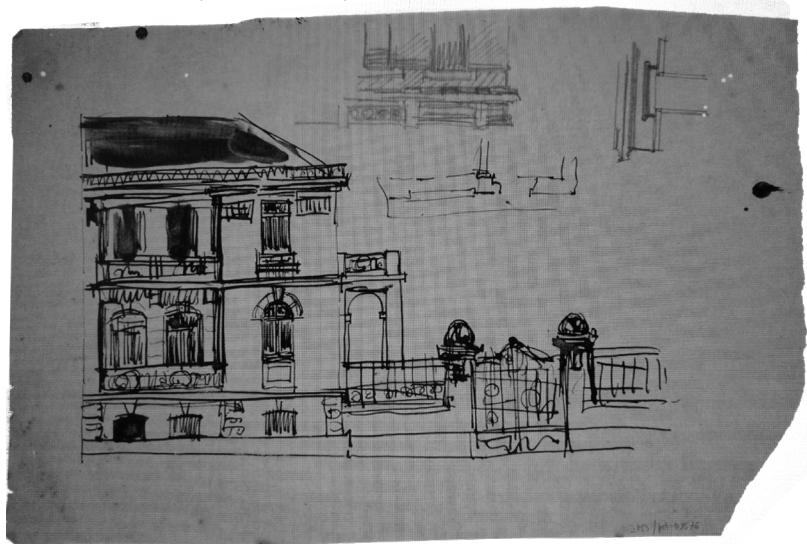
Desenhos Arquitetônicos Originais Subsolo e Cortes Longitudinal e Transversal - 1ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



Desenhos Arquitetônicos Originais Cortes Longitudinal e Transversal - 1ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



Desenhos Arquitetônicos Originais - 1ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



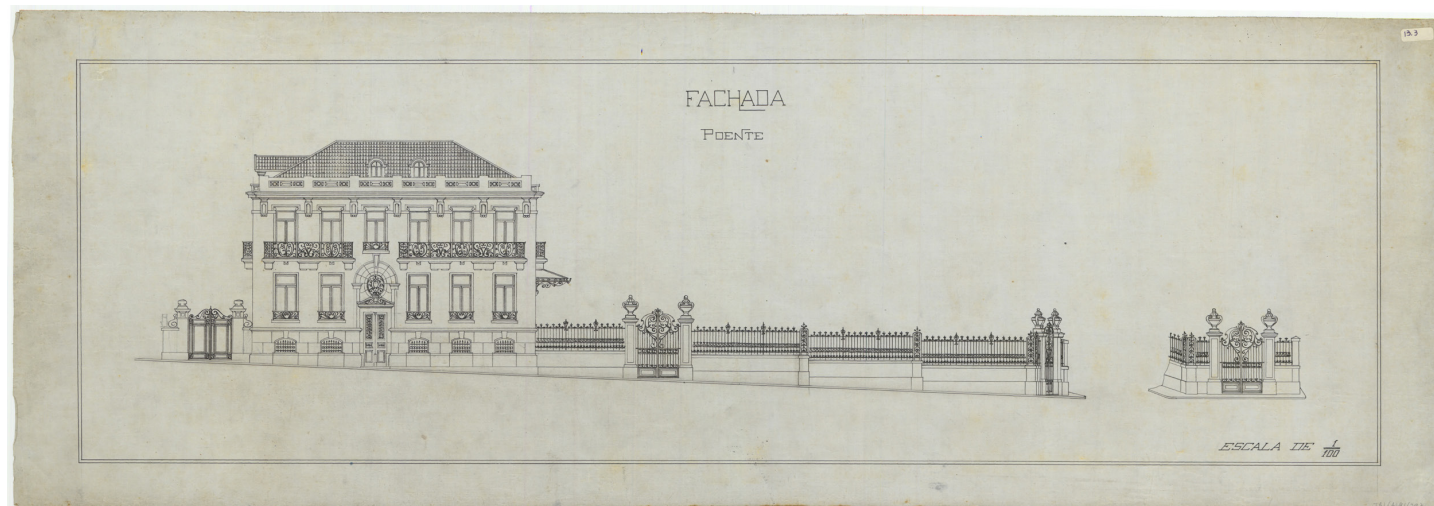
Vista à face da rua - 1ª Casa de Estudo



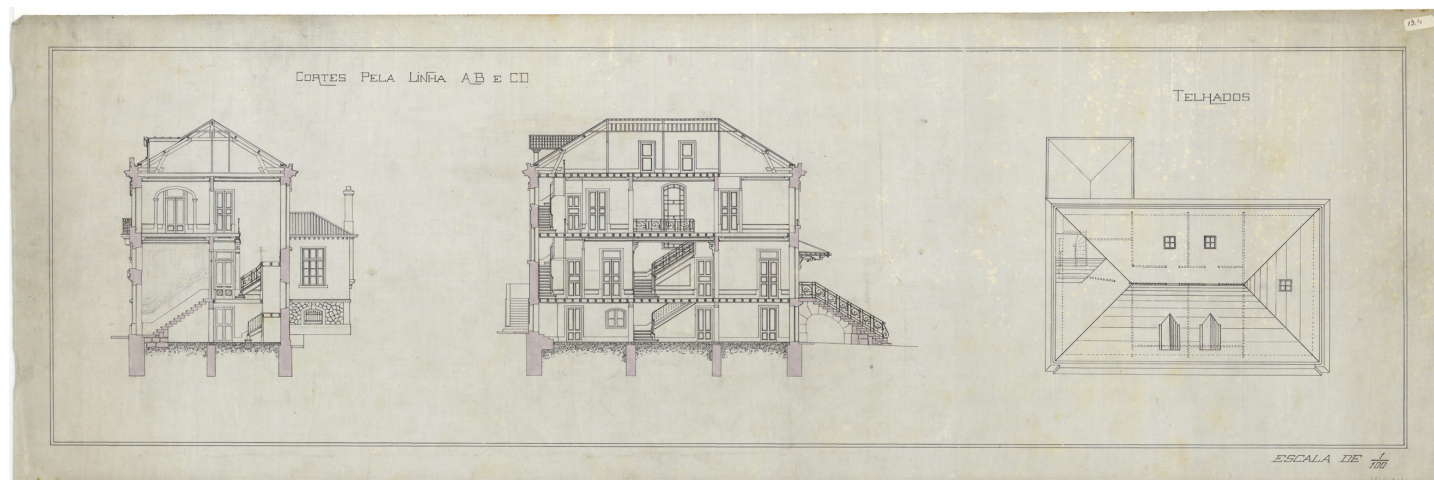
		DIMENSÕES		MEDIDAS		TÍTULOS	Importancia
		Comprimento	Largura	Superfície	Tonéis		
1	Travessa de madeira de 22 x 22			2200	200	3,2	5,00
2	Travessa de madeira de 22 x 22			1000	200	3,2	5,00
3	Travessa de madeira de 22 x 22			200	200	4,0	5,00
4	Travessa de madeira de 22 x 22			200	200	4,0	5,00
5	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
6	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
7	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
8	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
9	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
10	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
11	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
12	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
13	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
14	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
15	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
16	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
17	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
18	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
19	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
20	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
21	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
22	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
23	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
24	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
25	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
26	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
27	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
28	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
29	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
30	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
31	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
32	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
33	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
34	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
35	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
36	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
37	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
38	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
39	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
40	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
41	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
42	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
43	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
44	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
45	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
46	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
47	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
48	Travessa de madeira de 22 x 22			2000	200	3,2	5,00
49	Travessa de madeira de 22 x 22			2000			

[illegible][illegible][illegible]

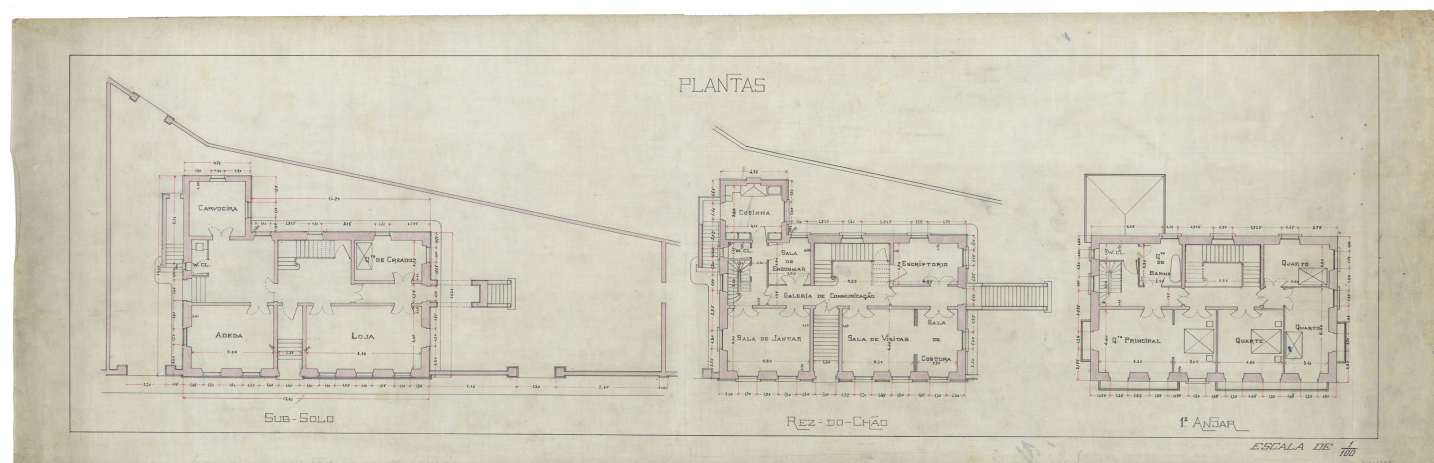
Desenhos Arquitetônicos Originais, Alçado - 2ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



Desenhos Arquitetônicos Originais, Corte Longitudinal, Transversal e Planta de Cobertura - 2ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



Desenhos Arquitetônicos Originais, Planta Subsolo, 1º Piso e 2º Piso - 2ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



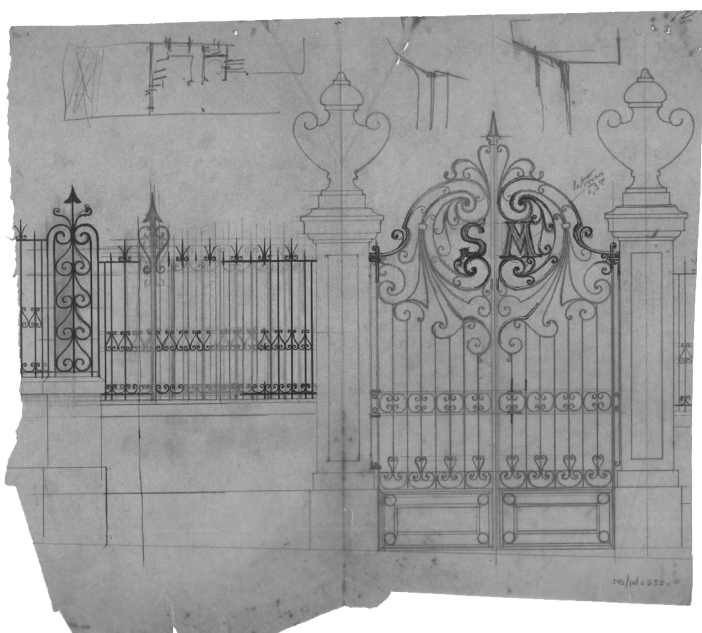
Desenhos Arquitetônicos Originais, Alçado Principal Face a Rua - 2ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



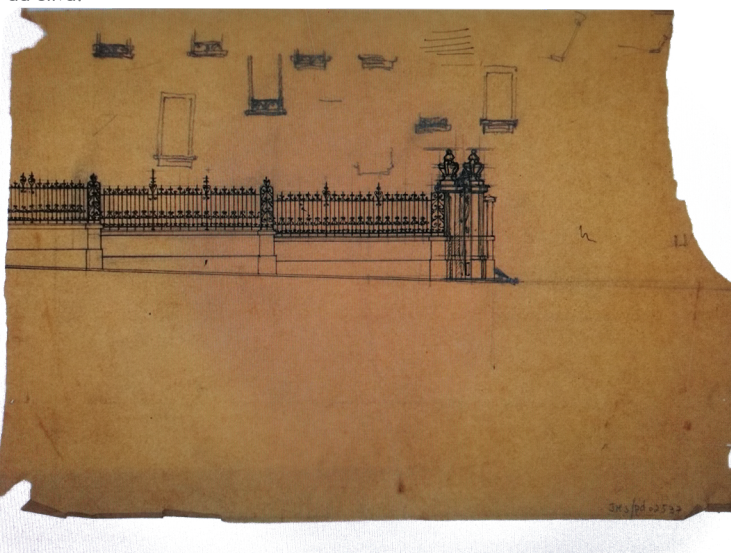
Vista à face da rua - 2ª Casa de Estudo



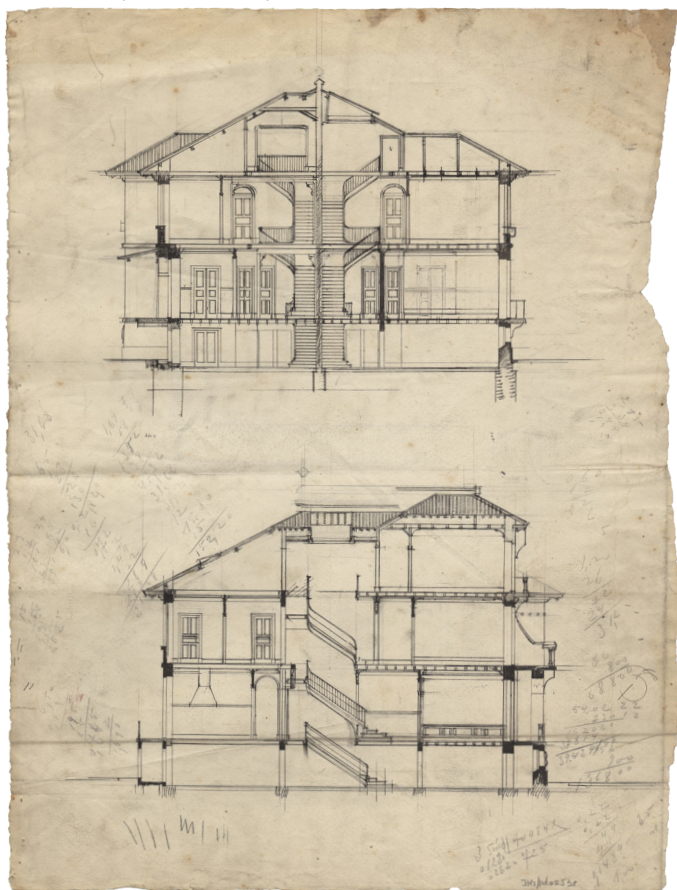
Desenhos Arquitetônicos Originais, Pormenor do Portão Principal em Ferro Forjado - 2ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



Desenhos Arquitetônicos Originais, Muro Lateral Esquerdo com o Portão no Limite do Logradouro - 2ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



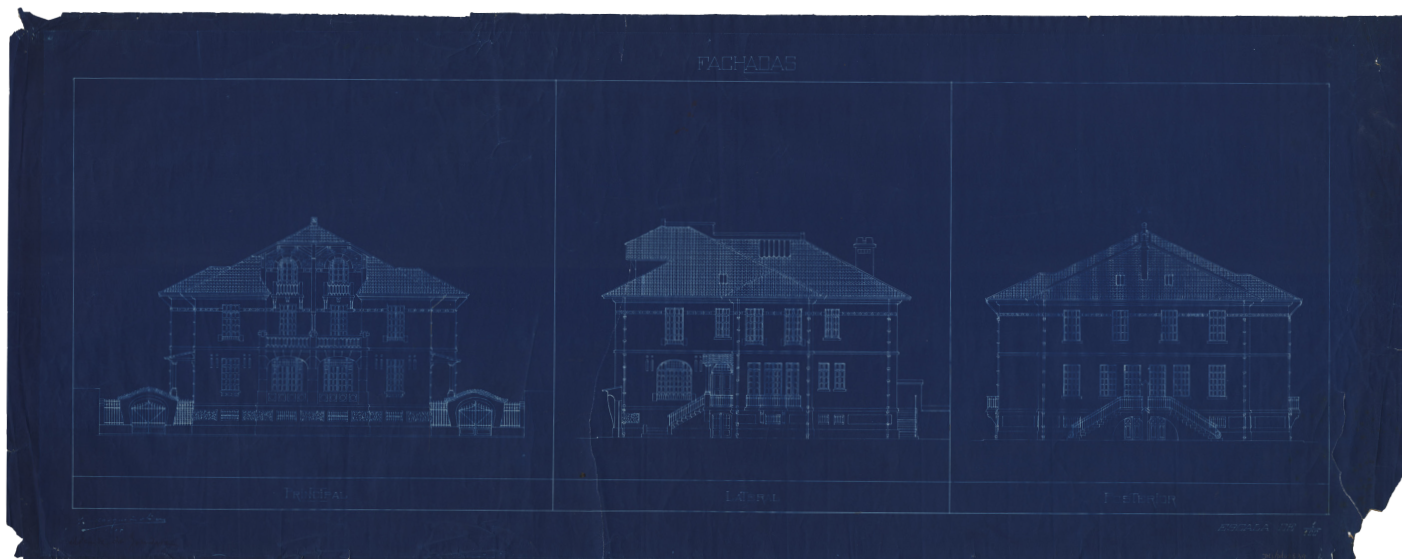
Desenhos Arquitetônicos Originais, Cortes Longitudinal e Transversal - 3ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



Desenhos Arquitetônicos Originais, Alçado Principal Face a Rua - 3ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



Desenhos Arquitetônicos Originais, Alçados - 3ª Casa de Estudo - Atelier do Arquiteto José Marques da Silva.



CASA d'O BRASILEIRO
Estilo artístico e arquitetônico
de sua época

Felipe Ramos de Matos

FACULDADE DE ARQUITETURA

